

OS ÍNDIOS DO BRASIL E A CASA DA VIDA



**Irmandade dos Anônimos
Luiz Guilherme Marques
(médium)**

ÍNDICE

Introdução

Parte I – A Casa da Vida

Capítulo I: Comentários sobre um texto da Internet

Capítulo II: O trabalho espiritual nas Casas da Vida

Parte II – Os índios do Brasil

Capítulo I: Sua origem

Capítulo II: A chegada dos europeus

Capítulo III: As críticas dos europeus

1.1 – Poligamia

1.2 – Valorização dos pajés

1.3 Alcoolismo

1.4 - Antropofagia

Notas

INTRODUÇÃO

A História representa a narrativa de fatos conforme a índole do narrador, ou seja, é produto da sua própria ideologia, que, para sermos diretos na afirmação, sem rodeios, pode ser boa ou má.

Esta afirmação pode parecer anticientífica e, no mínimo, descortês com relação aos que se habilitam a ser historiadores, pois a maioria desses profissionais ou aqueles que escrevem ou ensinam amadoristicamente acredita que tudo o que se faz em nome da Ciência é respeitável.

Mas nós, que temos o compromisso espiritual com o progresso das criaturas da Terra e nenhuma intenção temos, de um lado, de ofender e nem, de outro lado, de bajular, preocupamo-nos com a realidade cósmica.

Não nos importam as convenções de planetas, inclusive da Terra, que, se é que se pretende aprender a Verdade, a que o Cristo se referiu, é um mundo muito mais primitivo do que de provas e expiações, devido ao grau de materialidade das criaturas que aqui habitam, das quais somos irmãos apenas um pouco mais vividos, apesar de ainda sintonizados com alguns defeitos que caracterizam os terráqueos, pois, em caso contrário, estaríamos vivendo em mundos muito superiores, como são, por exemplo, Vênus, Marte e Saturno.

Dessa forma, pretendemos, com este livro, mostrar um pouco do que é a Casa da Vida, instituição que veio para a Terra, representada por uma falange de humanos e sub-humanos, há alguns milhares de anos, com o compromisso de despertar as criaturas da Terra para o ideal do “*somos todos um*”, ou seja, a total integração de todos no trabalho de construção de um mundo melhor.

Os humanos dessa falange têm reencarnado em vários pontos do planeta e, no século XVI, sua prioridade foi contribuir para o desenvolvimento do Brasil através da “*integração*” das culturas indígena e europeia.

A maioria desses humanos encarnou como indígenas, dentre os quais aqueles que vivenciaram a Confederação dos Tamoios, liderados pelo que ficou conhecido na História do Brasil como Cunhambebe.

A chamada “*colonização*” deveria ser uma “*integração*”, no sentido mais amplo da palavra, ou seja, a mistura possível entre duas correntes de pensamento e não a “*subjugação*”, que se transformou quase que em genocídio.

Teve muitos pontos negativos, debitáveis, sobretudo, aos “*colonizadores*”, dentre os quais os religiosos, chefiados por Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, que, apesar de supervalorizados pela corrente católico-romana, eram inquisidores no sentido exato da palavra, com toda a carga de responsabilidade grave perante a Justiça Divina, que nunca autorizou julgamentos condenatórios baseados na forma de se crer em Deus.

Esses dois religiosos, hoje em processo de redenção perante a própria consciência, como atestava Chico Xavier, equivocaram-se ao não respeitarem e admitirem como importantes os conhecimentos dos indígenas, tentando suprimi-los, o que fez com que o Comando do planeta, representado pelo Conselho Cármico, presidido por Jesus, tivesse que adotar medidas emergenciais, de amplo espectro, dentre as quais a convocação decisiva de forças militares francesas e bem assim a encarnação de alguns missionários do Bem no seio da raça vermelha, dentre os quais o antigo trabalhador de Jesus, que foi Davi e a falange da Casa da Vida a fim de, unidas essas duas forças (a de brancos e vermelhos), se contrabalançassem as arremetidas genocidas dos portugueses.

Caso nada se fizesse para conter a ganância e a arrogância dos “*colonizadores*”, hoje talvez estivéssemos frente a uma realidade como o desaparecimento dos incas, dizimados pelos “*colonizadores*” espanhóis do século XVI.

Esta afirmativa representa a mais pura verdade e é o que pretendemos mostrar neste livro, cujo objetivo, porém, é o de ressaltar a Ciência dos índios, os quais, na realidade, não são primários como disseram os “*colonizadores*” e ainda pensam muitos dos próprios brasileiros, mas sim representa uma Ciência, que pode ser entendida também como Religião, Filosofia e Arte e que está embasada nos padrões perfeitos e absolutos da Natureza de forma direta, sem desvios,

debitáveis à arrogância e à má-fé de outras raças, comprometidas, em grande parte, com os espíritos que se autodenominam das Trevas.

A Ciência a que nos referimos veio para a Terra trazida por espíritos que de lá vieram a fim de ensinar o “*somos todos um*”, ou seja, a integração total com todos os seres, que se nivelam pela igualdade diante da Lei Divina, a qual não menospreza os sub-humanos em detrimento dos humanos, tanto quanto não supervaloriza os seres angelicais em prejuízo dos humanos.

Jesus é um membro da comunidade dos seres angelicais, mas Ele mesmo disse nada poder de Si mesmo.

A Ciência que chamamos, por falta de outra expressão, “*Ciência dos brancos*”, tenta minimizar a importância da Natureza e acabou adentrando pelos descaminhos que infelicitaram o homem do século XXI, o qual, se bem analisarmos a vida dos cidadãos comuns, sobretudo das Américas e da Europa, têm “*empurrado a vida*” a peso de medicamentos para as várias disfunções neurológicas ou psicológicas, vai consumindo cada vez drogas mais devastadoras, vai matando gente e desertificando o planeta com a frieza espantosa das guerras e planos de “*progresso aparente*” e continua assistindo aos espetáculos tristes da miséria, da fome e da desigualdade com o coração gelado.

A Ciência dos vermelhos, como dito, é a do “*somos todos um*”, porque vê nos humanos, nos animais, nos vegetais e nos minerais criaturas de Deus, dignas do maior respeito e consideração, não a título de caridade, mas sim com o coração sereno e com afeto sincero.

Essa concepção deixa muito atrás qualquer avanço tecnológico dos brancos, pois gera a saúde, a paz, a felicidade e tudo o que há de melhor na vida.

O que importa mais do que a felicidade e a paz interior? Não há tecnologia que proporcione esses valores, mas apenas a integração harmoniosa com a Natureza considerada no seu sentido mais amplo.

Há muito que se falar sobre este assunto e outros correlatos e é o que faremos neste livro.

Esta abordagem pertence ao que chamamos de Ciência Cósmica, a qual já foi exposta em outros livros que viemos escrevendo e que podem ser consultados na Internet sem nenhum custo.

A Casa da Vida, como dito, esteve presente no Brasil do século XVI e está sempre presente em vários pontos do globo, atendendo ao planejamento do Conselho Cármico da Terra.

Veremos neste livro como essa presença foi benéfica, apesar de anônima, pois a Casa da Vida tem como um dos seus lemas o anonimato, porque Jesus disse: *“Não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita.”*

Desejamos aos prezados leitores muita paz e que aproveitem bem o conteúdo da nossa singela colaboração.

Irmandade dos Anônimos

PARTE I – A CASA DA VIDA

CAPÍTULO I: COMENTÁRIOS SOBRE UM TEXTO DA INTERNET

(<http://temple.egyptien.egyptos.net/infos/medecine.php>)

A utilização de fórmulas mágicas ligadas às divindades em numerosos remédios leva a pensar que a organização teológica desempenhava um papel no mundo da Medicina egípcia.

Quem redigiu o texto que comentamos parece ter realmente pesquisado, com grande empenho e dedicação o tema, mas sua visão limitada do aspecto espiritual o fez pouco compreender do que viu.

Afinal, a Medicina que se praticava naqueles templos era totalmente espiritualizada, no sentido mais elevado da palavra e quem nada ou pouco conhece de mediunidade, obsessão e outros temas assemelhados ficariam naturalmente perplexo de ver que tudo girava em torno dessas noções.

Para nós, que conhecemos as noções da espiritualidade, todavia, é uma verdadeira felicidade identificar na fala do comentarista a constatação de tudo que sabemos sobre a Medicina verdadeira, ou seja, aquela que subordina o tratamento do corpo ao do Espírito.

Sem curar o Espírito das suas mazelas morais, de nada adianta sanar as deficiências orgânicas, pois o Espírito doente adoece o corpo, que é mera vestimenta temporária dele.

Atualmente, a Medicina, por ser materialista, não enxerga o Espírito e procura tratamentos para o corpo, o qual tende a adoecer novamente, porque a maioria da humanidade da Terra vive um padrão ético da pior qualidade, onde preponderam os defeitos morais e vícios.

Naquele tempo antigo, que remonta a milhares de anos antes até do início da civilização egípcia, tratava-se do Espírito e, com menos ênfase, do corpo, este que sarava com a cura do primeiro.

A Medicina do mundo de regeneração voltará a repetir esse padrão, tanto quanto alguns grupos de curadores do Espírito adotam na atualidade esse referencial, como os médiuns e pajés, além dos xamãs.

Infelizmente, como viemos repetindo desde o começo deste estudo, o mercenarismo tem predominado, invadindo até muitos grupos de curadores amadores, que passam a querer viver à custa da cura alheia, desvirtuando aquilo que Jesus pregou: “*Dai de graça o que de graça recebestes.*”

Não se deve cobrar valor nenhum pela cura do Espírito alheio, pois essa cura somente é possível com a ajuda decisiva dos Espíritos Orientadores, que indicam aos médiuns, pajés, xamãs etc. as formas adequadas de tratamento e fazem noventa por cento do trabalho, enquanto que os intermediários encarnados basicamente fornecem o ectoplasma e uma ou outra contribuição subsidiária.

Por isso o trabalho tem de ser gratuito.

O que o comentarista chama de divindades não representa outra coisa senão os Espíritos Superiores e seus assessores desencarnados, os quais trabalhavam na especialidade da cura.

As alegadas fórmulas mágicas eram, simplesmente, o aspecto visível, exterior, dos tratamentos, pois, na verdade, a atuação dos sacerdotes-médicos era muito mais mental do que visível, material.

Detinham notáveis conhecimentos do Mentalismo e o utilizavam, sob a orientação e o comando dos Espíritos Superiores desencarnados.

Produziam-se muitas curas físicas, mas a partir da cura espiritual, utilizando-se métodos hoje conhecidos das correntes espiritualistas, mas ignorados e desconsiderados pelos médicos profissionais, os quais se limitam ao que aprenderam nas universidades materialistas.

Na análise dos itens seguintes desdobraremos mais este tema, porque, neste caso, a repetição é importante, a fim de convencer os médicos a se tornarem espiritualistas e os pacientes igualmente, pois, em caso contrário, os primeiros não curarão e os segundos não serão curados realmente.

Presume-se que numerosos templos possuíam sanatórios, instalações destinadas ao tratamento de pessoas doentes. Todavia, somente as instalações do templo de Dendera

permanecem conservados em bom estado. O santório do templo de Dendera estava organizado em um salão central no qual os sacerdotes derramavam água sobre fórmulas mágicas (água destinada a ser bebida pelos doentes) e câmaras anexas onde os doentes aguardavam a boa graça da divindade em questão, aqui, Hathor.

O que chama de santórios são, nada mais nada menos, que verdadeiros hospitais, com todos os recursos possíveis à época.

Os templos em geral detinham todos os conhecimentos médicos e ninguém se tornava médico sem estagiar primeiro nesses grandes centros do Conhecimento Científico e Religioso.

Na verdade, a Ciência era apenas um apêndice da Religião, pois assim deve ser, realmente, uma vez que, sem a crença em Deus, nenhuma verdade é possível, pelo menos com a profundidade desejável.

A Ciência materialista é uma aberração, um conhecimento superficial, porque tudo que sabemos é resultado da Revelação Espiritual do mundo espiritual em favor da humanidade encarnada.

Deus encaminha essas informações a fim dos encarnados se desenvolverem espiritualmente, mas, atualmente, a maioria da humanidade, sobretudo a ocidental, procura o dinheiro ao invés da Divindade e, com isso, desvirtuou-se a Ciência.

Aliás, desvirtuou-se a própria Religião, pois a maioria delas desconsiderou a reencarnação, a consideração pelos seres dos Reinos sub-humanos, a vida nos outros planetas, a necessidade real da auto reforma moral profunda, a necessidade do desenvolvimento do poder mental no Bem: em suma, a Ciência Cósmica, que é a Lei de Deus, que está escrita dentro de cada criatura e não nos chamados “*livros sagrados*”.

Os santórios eram construídos próximos de templos de divindades conhecidas por seu poder curador (Hathor era conhecido por sua grande benevolência). A Medicina dos santórios é, portanto, sobretudo, passiva.

O que chama de passividade não é outra coisa que a fé, a que Jesus se referiu: “*A tua fé te curou.*”

Jean-Martin Charcot, quando encarnado, escreveu um livro intitulado “*La foi qui guérit*” (“*A Fé que Cura*”), onde afirma que a elevação do padrão espiritual, pela fé, propicia a cura de muitas mazelas físicas.

Todavia, a Medicina materialista desconsidera pura e simplesmente esse fator e acredita apenas nos métodos das universidades, que são reducionistas, precários, e contribuem para o atual estado de adoecimento generalizado, com a presença de doenças antes desconhecidas, proporcionadas pelos desvios morais, provocados pelo materialismo mais cru que a humanidade já viveu até hoje.

Acreditam-se nos antibióticos, nos anti-inflamatórios, nos analgésicos e nas cirurgias como se fossem caminhos para a cura, mas que são, na verdade, medidas paliativas, por causa da continuidade dos vícios e defeitos morais, que fazem as criaturas adoecer novamente o corpo físico.

Gandhi, no seu livro “*O Guia da Saúde*”, afirma, em outras palavras, que uma pessoa de má índole nunca goza, realmente, de boa saúde, justamente por isto que estamos dizendo: as emissões mentais deletérias contaminam o corpo físico, sem contar a contribuição nefasta de Espíritos obsessores, que pioram o quadro.

Os sacerdotes-médicos conheciam toda essa problemática e tratavam do obsidiado e do obsessor e, portanto, curavam realmente.

No templo de Hatshepsout, em Deir el-Bahari, o terraço foi utilizado, na época ptolomaica, para receber as boas graças de Imhotep, divinizado na época. A lenda conta que uma voz ditava os remédios a serem empregados a cada paciente.

A “voz” era simplesmente as manifestações dos Espíritos Superiores, que, através da mediunidade de encarnados adequadamente preparados, faziam os diagnósticos e indicavam a forma de tratamento.

Veja-se como a Medicina era totalmente diferente da que hoje se pratica.

Inácio Ferreira, quando encarnado e dirigia o Sanatório Espírita de Uberaba, em Minas Gerais, realizava tratamentos desse tipo, para tanto contando com a mediunidade de Maria Modesto Cravo e curam extraordinárias se processavam, com a desobsessão de pacientes e o encaminhamento espiritual dos obsessores desencarnados.

O relevo dos instrumentos cirúrgicos do templo de Kom Ombo (que não julgamos necessário retratar nesta transcrição) levam a pensar que os templos, e, portanto, os sanatórios, exerciam trabalhos cirúrgicos, pelo menos na época ptolomaica. Os “sonhos terapêuticos” faziam igualmente parte integrante dos remédios empregados, uma vez que possibilitavam, na tradição, de indagar diretamente os deuses sobre os remédios a utilizar.

Realmente, cirurgias eram muito comuns nesses sanatórios.

Todavia, o que nos chama a atenção e fazemos questão de comentar era a utilização da mediunidade nesses sanatórios, porque os Espíritos Superiores desencarnados é que dirigiam os tratamentos através de médiuns.

A Casa da Vida (ou “per ankh”) era uma instituição típica dos templos do Egito antigo. Segundo Bruno Halioua, a passagem pela Casa da Vida fazia parte dos “estudos de Medicina”. Com efeito, parece que esses lugares conservavam numerosos papiros muito antigos nos quais as noções de Medicina poderiam ser abordadas.

Ao contrário do que acontece hoje, todos os médicos tinham de passar por um estudo da espiritualidade e, portanto, os atuais médicos, aqueles que vieram das vivências nas Casas da Vida, são Espíritos que se desviaram dos caminhos da crença e adotaram o mercenarismo, complicando-se espiritualmente.

Esses devem contas à Justiça Divina.

Quando vemos, por exemplo, os sofrimentos purgatoriais de André Luiz, podemos deduzir que se trata de um antigo sacerdote-médico, que falhou na sua última encarnação, em que foi médico materialista, mercenário, orgulhoso e que somente no mundo espiritual acordou para a realidade da Medicina verdadeira.

Todavia, premido pelo farisaísmo da maioria dos próprios espíritas encarnados, seu médium, que foi Chico Xavier, não pode relatar a Verdade em toda sua extensão e, assim, perdeu a humanidade encarnada, mais uma vez, a oportunidade de conhecer aspectos mais amplos da Lei Divina.

Os reveladores da Verdade costumam deixar de mostrar muitas coisas que sabem, aguardando o futuro, pois sabem que a humanidade da Terra é misonéista, ou seja, tem alergia à Verdade e prefere a mentira, a acomodação aos vícios e defeitos morais.

André Luiz levantou um pedacinho do véu da vida espiritual, mas fez o que era possível e, mesmo assim, Chico Xavier foi tido por muitos espíritas e espiritualistas como obsidiado, pelo menos no começo, segundo relatava Yvonne do Amaral Pereira, a qual também passou por isso, tanto que seu livro “*Memórias de um Suicida*” ficou trinta anos engavetado, esperando tempos mais propícios para vir a público.

Determinados textos fazem pensar que as Casas da Vida representavam um verdadeiro departamento médico onde os novos médicos podiam aprender, junto aos doentes, a prática sanitária. Esse departamento continha também uma farmácia onde se preparavam os remédios, se podemos interpretar assim com base na citação: “guardião da mirra da Casa da Vida” registrada em um papiro.

Todo médico, naquele tempo, tinha de estagiar em alguma Casa da Vida para poder-se tornar um curador.

Na certa que a preparação dos medicamentos ocorria ali mesmo, naqueles centros de estudo e trabalho e eram todos extraídos da Natureza.

Hoje em dia, com a arrogância generalizada dos cientistas materialistas, procuram-se medicamentos artificiais e nada ou quase nada se sabe dos recursos terapêuticos dos indígenas, dos monges tibetanos etc. etc.

Isso sem contar que, como não se acredita na realidade espiritual, deixa-se de utilizar as antigas formas de tratamento da água magnetizada, da transfusão de ectoplasma etc. etc.

Os especialistas se perguntam também sobre a existência de um aprendizado clínico na Casa da Vida. Uma coisa é certa: a cópia de documentos nessa instituição evidentemente permitiu a conservação de uma cultura médica multimilenária nos templos.

Aqueles conhecimentos remontam ao desaparecido continente de Mu, sendo uma pena que muitos não acreditem sequer que tenha existido.

Trata-se do resultado do trabalho nefasto das Trevas, que procuraram apagar da História os conhecimentos provenientes daquele continente, onde a Ciência era toda voltada para o estudo da Natureza e dos poderes mentais.

Essa fragmentação do Conhecimento retardou o progresso da humanidade a partir da cultura greco-romana, de péssimos resultados para a humanidade, que vive dois milênios dentro do materialismo mais espesso, portanto, dominada pelas Trevas, que desaparecerão da face da Terra com o ingresso do planeta na fase da regeneração.

Todavia, o esforço pela própria espiritualização fica por conta de cada ser humano, pois a evolução é individual e decorre do bom uso de livre arbítrio.

Os que preferirem os interesses materiais serão degredados para Quírom e ali clamarão aos Céus pelo tempo perdido nos desvios morais e vícios, que preferiram, em lugar das virtudes e do Bem.

A associação da Medicina com a Religião vem desde o começo da civilização egípcia. Para eles, a doença era obra de um demônio, que deveria ser combatido por meio

de fórmulas mágicas. A melhor maneira de combatê-los era pedir o socorro de um deus, ou vários, o que explica essa dupla função de sacerdote e médico. Os médicos eram subordinados aos sacerdotes de Sekhmet ou de Selket (ou Selkis). Com efeito, segundo a tradição, era Sekhmet que espalhava as doenças no mundo... mas que sabia igualmente curá-las. Os sacerdotes de Selket tinham que passar pelo animal de poder dela: um escorpião, representação do mal que era necessário destruir. Os sacerdotes de Sekhmet estavam preparados para atuar também como veterinários.

Veja-se aqui, claramente, a referência aos obsessores desencarnados, que, contando com a sintonia negativa dos encarnados, adoecem-nos.

A referência aos animais de poder é clara, na figura do escorpião de Selket, esta que era um Espírito Superior que atuava na área da cura.

Até hoje, infelizmente, a maioria das correntes espiritualistas ignora propositadamente a contribuição dos animais de poder, que são Espíritos da fase animal, extremamente úteis nos trabalhos espirituais.

Os espíritas e espiritualistas que lerem os livros da série “*Nosso Lar*”, de André Luiz, todavia, verão claramente a utilização de animais de poder.

O preconceito e a rebeldia fazem, todavia, muitos desses cegos continuarem a negar a luz.

Existiram igualmente sacerdotes-médicos, sacerdotes esses que, além de outras tarefas a serviço de um deus, estudavam a Medicina. É o caso de Qâr, sacerdote-médico do Antigo Império, cuja tumba foi recentemente descoberta em Saqqarah. Essa tumba continha numerosos instrumentos cirúrgicos e também numerosas estátuas de divindades... ligadas à Medicina, como Imhotep (considerado o criador da Medicina) Hathor, Osíris e também Sekhmet.

Havia muitos Espíritos mais ou menos elevados que trabalhavam junto aos encarnados no setor da cura.

Esse tipo de trabalho perdurou por muitos milênios, remontando à civilização de Mu.

É lamentável como os gregos e os romanos, materialistas por índole, tenham quase destruído a cultura espiritualista do Egito antigo, sobrepondo suas noções primárias às daquele povo e, com isso, semeando o materialismo, que até hoje, durante dois milênios, cobriu o planeta de trevas mentais.

É preciso despertar desse letargo, que oprime bilhões de homens e mulheres desde alguns séculos antes da era cristã.

Todas essas informações colocam em evidência o papel importante do templo na Medicina egípcia, além da sua implicação econômica.

A Medicina egípcia era a mesma dos atuais indígenas, médiuns espíritas, xamãs, pajés, monges tibetanos etc. etc.

É preciso que os profissionais da Saúde retomem esses conhecimentos e apliquem-nos no dia a dia da sua profissão e, quanto aos pacientes, auto reformem-se moralmente e desenvolvam o próprio poder mental no Bem, a fim de sararem de verdade.

CAPÍTULO II: O TRABALHO ESPIRITUAL NAS CASAS DA VIDA

“As Casas da Vida têm uma dimensão cósmica.”

(anônimos)

“O objetivo das Casas da Vida é estudar e aplicar a realidade espiritual, contribuindo para cada criatura humana aprender viver bem, segundo os padrões da Lei Divina compatíveis com o grau evolutivo individual.”

(anônimos)

“Não importa se os trabalhadores das Casas da Vida atuais tenham noção da origem e da natureza da instituição nos tempos remotos do Egito antigo, pois o importante é que o trabalho atual seja realizado nos moldes da Ciência Cósmica, que é a Lei de Deus, sob qualquer rótulo moderno que seja, como Espiritismo, Santo Daime, Umbanda etc.”

(anônimos)

Este estudo é uma continuidade do intitulado *“As Casas da Vida do Egito Antigo e de Hoje”*, ambos publicado pela mesma Editora, sendo que, no primeiro, é dada uma visão panorâmica do tema Casas da Vida, as quais, depois de existirem durante muitos milênios e atuarem no interior dos templos mais importantes do Egito antigo, estão sendo ressuscitadas na época atual, apesar da renitente oposição das Trevas, uma vez que, as Casas da Vida não estão tão suscetíveis dos desvios que vitimaram as correntes filosóficas e religiosas tradicionais, porque estão descompromissadas com as noções de igrejismo, hierarquia e interesses materiais de várias ordens.

Assumem o papel de propagadoras da espiritualidade mais límpida, com um único compromisso, que é com Deus, na qualidade de Criador, e Jesus, como Governador planetário.

A equipe de trabalhadores encarnados e desencarnados das Casas da Vida engajou-se, há milênios, na Causa do Progresso Espiritual, tendo como lemas o anonimato mais completo e sincero além da dedicação ao Amor Universal.

Quando falam em Amor Universal não se referem apenas a todos os povos da Terra, mas englobam todas as criaturas do Universo, incluídos os Espíritos de todos os Reinos da Natureza, ou seja, minerais, animais, vegetais, seres humanos e angelicais, tanto encarnados quanto desencarnados, sejam ligados à Terra ou a outros planetas e outras dimensões, desenvolvendo atividades de dimensões cósmicas, pois, na verdade, não há limites nem impedimentos para o Bem, a não ser os das possibilidades espirituais, que impedem nosso acesso aos meios mais evoluídos por causa da impossibilidade traçada pela Lei Divina dos inferiores de ingressarem na realidade vibracional dos superiores, a não ser que haja expressa autorização e cooperação vibratória destes últimos.

Em suma, trabalhamos num sistema de irmandade não só com muitos outros seres da fase humana, mas também com outros, que estão abaixo e outros acima de nós.

Formamos uma grande irmandade de criaturas anônimas.

Muitos espiritualistas estranham o fato dessa irmandade ser tão abrangente, pois não consideram relevante a contribuição dos sub-humanos, mostrando, com essa forma de pensar, um elitismo condenável, pois, em termos de Universo, “somos todos um”.

Espíritos angelicais como Maria de Nazaré e o Guardião Miguel nos socorrem sempre nas situações mais difíceis, pois são responsáveis, abaixo de Jesus, na Terra, por todas as medidas tendentes ao Bem.

Esta falange de servidores sediados na Terra e em outros planetas procura todas as maneiras possíveis de contribuir para o progresso intelecto-moral dos seres da Terra, sem contar a contribuição dada a outras coletividades do Universo.

Apresentamos aos terráqueos uma face nova do Conhecimento, para tanto utilizando nomes novos, devido ao desgaste das correntes religiosas e filosóficas trazidas à Terra por missionários de Jesus ou por Ele próprio.

Trata-se, no caso, não de mais uma corrente, mas sim de uma mera repetição do que vem sendo falado em todos os

tempos da humanidade, desde as civilizações mais remotas, que muitos entendem que sequer existiram, como Um e Atlântida, ou seja, que a Lei de Deus está dentro de cada criatura.

Ninguém deve preocupar-se em ler demais os chamados “*livros sagrados*”, encarando-os como infalíveis e contendo toda a Lei Divina, porque todos eles são meras tentativas de ensinar sobre a Lei Divina, que é infinita e nenhum livro a comporta.

Deve-se aprender com os mestres do Psiquismo no Bem a ciência de mergulhar no próprio mundo interior, dali extraíndo as revelações sobre a Lei Divina.

Não há outro caminho para o conhecimento da Verdade, a que Jesus se referiu através da expressão: “*Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.*”

Os seres todos são Espíritos, que evoluem através das reencarnações, desde as fases mais rudimentares, passando pelos continentes, povos, mundos, galáxias etc., rumo à perfeição.

Mas cada criatura tem que ter vontade, intenção de aperfeiçoar-se, tornando-se uma luz cada vez mais irradiante, pois há muitos que se tornam “*filhos pródigos*” e são assalariados pelas Trevas, ou seja, pelos que, ao invés de servirem, querem ser servidos.

Essa multidão de “*filhos pródigos*” forma a maioria dos habitantes da Terra e de outros mundos da categoria da Terra, daí ocorrendo os sofrimentos, decorrência dos desvios éticos.

A única forma de extinguirem-se os sofrimentos na Terra é a evolução espiritual, sem o que os mesmos erros se repetem, a rebeldia provoca situações de irreverência à Lei Divina e o orgulho faz criaturas primitivas julgarem-se poderosas potências, que não passam de micróbios se comparados com os Espíritos que, há milhões de anos, se dedicam ao Serviço de Evolução do Universo, dentre os quais se contam Jesus e outros mais graduados que Ele.

Não somos inovadores, mas apenas estamos incumbidos, para este planeta, de reviver os grandes ideais de todos os tempos

do Universo, ou seja, aquilo que Jesus ensinou de forma clara, mas que foi deturpado pelas Trevas e pelos homens e mulheres que vêm representando o Mal na Terra.

Os grandes mestres que ensinaram o caminho da evolução espiritual através da auto reforma moral, que redundou na espiritualização das criaturas humanas, sempre ensinaram esse mesmo caminho, mudando apenas as palavras, mas a essência desses ensinamentos é a mesma, pois a Lei Divina é única para todo o Universo e compete aos mestres ensinar às humanidades a mesma Verdade, pois só há uma Verdade.

O trabalho das Casas da Vida de hoje não é exatamente igual ao das correspondentes do Egito antigo, pois os tempos são outros.

Naquele tempo os trabalhos tinham de ser realizados de forma secreta, pois os habitantes do planeta eram muito mais primitivos que hoje e não encaravam com bons olhos as atividades realmente espirituais.

O sigilo mais absoluto era necessário.

Agora, neste início de milênio, temos a incumbência de mostrar o que é feito dentro das atuais Casas da Vida. Não são exatamente iguais aos Centros Espíritas, aos Centros de Umbanda, às Igrejas do Santo Daime e outras instituições filosóficas ou religiosas dedicadas ao Bem.

Sua forma de trabalho é peculiar, talvez um misto dessas outras formas todas, mas com alguma diferença, pois a interação com os seres do mundo animal, vegetal e mineral seja muito maior.

Dentro do Espiritismo, por exemplo, os animais não são chamados a contribuir, sejam eles encarnados ou desencarnados e há também outras diferenças.

No Santo Daime utiliza-se a beberagem conhecida como daime, o que dispensamos.

Nos Centros de Umbanda também não se falam em animais.

Em suma, talvez haja uma proximidade maior em relação ao Xamanismo, que é a mais universal das correntes, mas, mesmo ele tem sido explorado por pessoas que

transformaram o serviço no Bem em profissão, coisa que não aprovamos, pois seguimos o lema da contribuição sempre gratuita, pois o “salário” que Deus paga aos Seus filhos é a própria felicidade de servir.

Por aí os prezados leitores percebem que não pretendemos senão servir, respeitando o trabalho alheio.

“Cada um dá o que tem” e nós mostraremos aqui o modo como trabalhamos.

A ATUAÇÃO DOS CURADORES CÓSMICOS

Os prezados leitores talvez estranhem a expressão “curadores cósmicos”, porque, mesmo sendo espiritualistas, talvez pensem sempre em humanidades vinculadas a cada planeta em particular, como estão acostumados a, regra geral, cada pessoa ser vinculada, pela nacionalidade, a um único país.

Todavia, se há Espíritos ligados a um único mundo, há outros que passam de um a outro como “cidadãos cósmicos”, graças ao tipo de trabalho que desempenham no Bem, que lhes exige viajarem por vários globos, servindo na Causa do Bem, na certa que com autorização dos respectivos Governadores.

No mundo espiritual há regras muito mais rígidas que no mundo dos encarnados, principalmente nos planos superiores, porque a ordem e a disciplina são apanágios dos Espíritos Superiores, que tudo fazem em função do Bem, obedientes ao que Jesus já tinha dito: “Seja feita, Pai, a Sua Vontade e não a Minha”.

Trata-se de cientistas dos mais variados ramos da Ciência Cósmica, expressão essa que pode ser interpretada como abrangente do que, na Terra, se classifica como Ciência, Filosofia, Religião ou Arte.

Os nomes pouco importam, mas a referida expressão, para efeito deste estudo, pode ser considerada como abrangente de tudo que se refira à Lei Divina, que regula a vida de todos os seres, desde os simplérrimos aos extremamente evoluídos.

A Lei é única e vale para o Universo, para tudo o que existe.

Na equipe dos curadores cósmicos a que nos referimos como trabalhadores espirituais das Casas da Vida há Espíritos ligados apenas à Terra, bem como há outros que vêm a este planeta apenas para efeito de tarefas específicas a serem realizadas.

Não importa distinguir nenhum deles pelo nome ou outra forma de identificação, pois todos trabalham sob a insígnia de Espíritos Superiores, dirigidos por outros de maior hierarquia, de tal forma que poucos nomes são mencionados, aliás, porque ninguém quer receber destaque, mas apenas cumprir sua tarefa o melhor que puder, em nome de Deus.

A fase de primarismo personalista, para esses trabalhadores todos, já ficou para trás há muito tempo e querem esquecer os nomes que tiveram nas sucessivas reencarnações.

Como Espíritos muito antigos, comparados ao homem comum da Terra, conhecem encarnações que viveram no mundo antigo, por exemplo, no Egito, Grécia, Mu e Atlântida. Por isso, se fossem mencionar nomes, muitos já foram esquecidos, como aqueles que tiveram naqueles dois continentes desaparecidos, que os historiadores consideram, no seu geral, como meras lendas.

Ninguém procure identificar esses Espíritos através de nomes famosos, porque eles, a não ser em situações especialíssimas, deixam vazar algum dado sobre suas pessoas, preferindo sempre codinomes como “caboclos”, “pretos velhos”, índios etc.

Apresentando-se dessa forma evitam a curiosidade inútil de muitos e cumprem sua meta, que é a de servir, curando corpos doentes, mas, principalmente, procurando induzir à moralidade, à espiritualização, à evolução.

A maioria das pessoas que procura as Casas da Vida, diga-se a verdade, pretende apenas a cura das mazelas físicas e, no fundo, quer manter-se ligada aos mesmos vícios e defeitos morais.

Um ou outro quer auto reformar-se moralmente, o que é lamentável.

Mas os curadores cósmicos continuam tratando de uns e outros, semeando, na expectativa da colheita ocorrer quando Deus determinar.

Aos semeadores compete semear, mas o dia da colheita somente Deus consegue determinar.

Para evoluir é necessário viver em função do “*aqui e agora*”, que se traduz na humildade de apenas servir, sem querer intrometer-se nas atividades de Deus.

A parábola do joio e do trigo mostra que a separação entre um e outro compete a Deus, aproveitando-se essa lição no sentido de que somente Deus sabe o dia em que tal deve ocorrer, bem como que ao semeador cabe o dever apenas de semear.

O que ultrapassa a essa atribuição significa “*juízo*” e Jesus foi claro ao dizer: “*Eu a ninguém julgo*”, no sentido de que, salvo autorização superior, todo juízo é interdito às criaturas.

Os curadores cósmicos cumprem sua tarefa, distribuindo, a mancheias, boas energias de saúde do corpo e da alma, sem se preocuparem se os pacientes vão retornar aos vícios ou defeitos morais, como aquele paciente que Jesus curou e que foi festejar, entre ex-colegas de vício a cura, que durou pouco tempo.

Devemos entender que esses Espíritos são idealistas e devemos aproveitar todas as oportunidades de convivência com eles como momentos preciosos, que podem não voltar a acontecer, pelo menos em curto prazo.

Nesses momentos de contato devemos valorizar cada segundo, não os convertendo em formas de extravasamento de lamúrias e outras negatividades, porque, se há os meios curativos, por outro lado, temos uma ficha cármica que, normalmente, impede-nos a cura imediata.

Afinal, não se podem apagar os crimes cometidos a peso de interferência alheia, pois cada um deve percorrer a estrada evolutiva caminhando com as próprias pernas.

Os curadores cósmicos não são milagreiros, mas apenas contribuidores, tal como Jesus disse: *“Vinde a Mim todos vós que estais sobrecarregados, que Eu vos aliviarei.”*

Prometeu alívio, mas não cura, pois essa somente ocorre pelo merecimento de cada um, segundo a respectiva ficha cármica.

Há pessoas que se revoltam com o fato de não serem curadas.

Mas podemos ver que Jesus mesmo curou muito poucos, sendo que a imensa maioria continuou doente e Ele não procurou mudar esse estado de coisas.

Nas ocasiões em que curou sempre disse: *“A tua fé de curou”*, ou seja, o merecimento individual é que possibilitou a cura.

O tipo de irradiação de cada pessoa é que possibilita ou não a cura: a do culpado, que ainda deve permanecer em sofrimento, cria uma barreira ao tratamento, enquanto que a do que vibra na faixa da redenção atrai a cura, ou seja, os eflúvios espirituais que proporcionarão a recuperação orgânica ou dos tecidos do corpo espiritual.

Procure-se curar, mas diga sempre: *“Seja feita, Pai, a Sua vontade e não a minha.”*

A INTERDISCIPLINARIDADE

“Cada um dá o que tem”: esse ditado vale para os membros da equipe espiritual, composta de cientistas, religiosos, artistas e filósofos.

A especialização é imprescindível, havendo aqueles que há muito tempo militam no Bem e outros que estiveram ligados ao Mal e pretendem se redimir, agora praticando o Bem.

Todavia, para desfazimento de trabalhos feitos pelo Mal é necessário um conhecimento aprofundado das técnicas do Mal.

Assim, cada um contribui dentro da sua especialidade. Juntam-se a Ciência da Natureza com os conhecimentos da Ciência artificial, criada pela reflexão e observação humanas.

A Tecnologia se une à simplicidade dos Reinos inferiores da Natureza.

Colhe-se ectoplasma dos animais encarnados, juntamente com a energia vital de plantas e o magnetismo dos minerais.

Fabricam-se medicamentos à base da Química Inorgânica, que se associam ao fluido vital de humanos encarnados.

Induções mentais realizam-se nos processos de cura, juntamente com as reflexões salutares de filósofos do Bem, além de telas psíquicas elaboradas por artistas consumados e a fé de religiosos muito antigos.

Uma falange como a que trabalha nas Casas da Vida não se forma pela simples vontade de trabalhar de principiantes no Bem, mas com a associação de trabalhadores altamente especializados, treinados no curso de muitos milênios.

Todavia, como não existe nenhum facciosismo ou separatismo a partir de certo grau de evolução espiritual, os mesmos trabalhadores das Casas da Vida labutam em vários outros grupamentos espíritas, xamanistas, umbandistas, daimistas, católicos, evangélicos, budistas, hinduístas etc. etc.

Muitos foram identificados como santos no Catolicismo, sadhus no Hinduísmo etc. etc.

Engana-se quem procura fazer uma seleção de Espíritos com base em critérios terrenos, porque essa separação não vale para a realidade espiritual.

Personalidades de alto relevo no mundo terreno aparecem no mundo espiritual nos trabalhos de cura e evolução com nomes muitas vezes desprezados como “caboclos”, “pretos velhos”, vovós etc. etc.

Há grupos religiosos ou filosóficos que pretendem a presença apenas de Espíritos Superiores, mas esses esquecem-se de que os obsessores de hoje serão os orientadores de amanhã, dependendo da sua vontade em sair das Trevas e ingressar nas hostes da Luz.

Há elitismo em muitos grupos de encarnados, o que representa um mau sinal, porque não identificam os Espíritos pela sua boa vontade e intenções, mas pelo vocabulário mais ou menos erudito e outros itens semelhantes, que, muitas

vezes, encobrem grandes trabalhadores no manto da verdadeira humildade.

Aqueles que passaram pelo mundo terreno ostentando títulos de poder e prestígio costumam voltar para atuar junto aos encarnados utilizando um vocabulário pobre e singelas formas de expressão.

Não avaliem ninguém pela linguagem, mas sim pela vibração espiritual e atitudes.

Talvez a lição mais importante deste tópico que estamos abordando seja a de que não há Espíritos Superiores facciosos, pois a Lei de Deus é única para todo o Universo e não há Catolicismo, Protestantismo, Espiritismo, Budismo etc. a não ser para encarnados ou desencarnados primitivos espiritualmente falando.

Jesus não é cristão, nem Sidarta Gautama é budista, bem como Gandhi e Sathya são Baba não são hinduístas no mundo espiritual.

Abramos a mente para a Lei Divina e livremo-nos dos rótulos, que nada mais são do que criações do primarismo de Espíritos materializados, sejam eles encarnados ou desencarnados.

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS MINERAIS, VEGETAIS, ANIMAIS, HUMANOS E TECNOLÓGICOS

As Casas da Vida do Egito antigo não tinham como contar com a Tecnologia, que somente surgiu a partir da Revolução Industrial, no século XIX, principalmente na Europa, espalhando-se pelos outros continentes.

Naqueles tempos recuados, contava-se apenas com os recursos da Natureza, além do poder mental, nas atividades mediúnicas.

Agora, depois do avanço tecnológico, que, no mundo espiritual, está muito à frente do material, há mais uma fonte de tratamentos, que é utilizada largamente pelos curadores cósmicos.

Equipamentos avançados economizam a energia psíquica de humanos e de outros seres da Natureza.

Ganha-se tempo e tudo se faz com uma precisão matemática em determinados casos, porque não há razão para desgastes e perda de energia e tempo além do absolutamente necessário.

A Ciência Cósmica informa que cada criatura de Deus detém um potencial energético compatível com seu grau evolutivo e pode contribuir para o Bem, conforme lhe seja dada a orientação adequada.

Os quatro elementos - estudados na antiguidade mais do que atualmente, consistentes, na água, terra, fogo e ar – são empregados com perfeito conhecimento, ao contrário do que acontece com a maioria dos profissionais encarnados da área da Saúde, principalmente aqueles que passaram pelas universidades, que são materialistas e mercenárias.

Esses quatro elementos formam o Reino mineral.

Os indígenas, por exemplo, consideram os vegetais como seus parentes e os conhecem em profundidade, contribuindo com esses conhecimentos nos trabalhos espirituais de cura.

A força energética dos animais tem grande importância nas Casas da Vida, sendo, aliás, mera cópia do que se fazia no Egito antigo, através da contribuição dos felinos, sobretudo. Se os encarnados soubessem aproveitar no Bem a força energética animal e não tivessem tantos vícios e defeitos morais, raramente adoeceriam.

Mas há pessoas que detestam animais e há outras que os maltratam...

A energia ectoplásmica humana é uma fonte quase inesgotável de recursos curativos, que são empregados em larga escala nas Casas da Vida.

Em suma, não há como detalharmos aqui todas as possibilidades, pois *“cada caso é um caso”* e somente a vivência vai ensinando os procedimentos que devem ser adotados.

A criatividade deve ser reflexo de desejo de servir no Bem e improvisam-se recursos inimagináveis, com a graça de Deus e o auxílio do Mais Alto.

CIENTISTAS, “CABOCLOS”, “PRETOS VELHOS”, PAJÉS ETC.

Aqueles que passaram pelos laboratórios das universidades muitas vezes reencarnam no seio das florestas para aprender a Química da Natureza e vice versa.

Aprender constitui-se no objetivo dos Espíritos Superiores, com vistas a melhor servir na Causa do Bem.

Dessa forma é que se misturam as várias áreas do Conhecimento a partir do momento em que cada Espírito decide-se por aprender o que ainda não sabe no meio daqueles que estudaram os mesmos temas de outras maneiras.

Quem acreditaria que um cientista renomado seja um ex-pajé ou vice versa?

Os “*pontos*” cantados por “*caboclos*” e “*pretos velhos*” costumam ser verdadeiras sinfonias de humildade e fontes de ensinamentos filosóficos e religiosos superiores a muitos hinos compostos por eruditos da Música e da Poesia.

As Casas da Vida muitas vezes apresentam-se como singelos barracos, em locais ermos, por entre gente sem ilustração acadêmica, bem como podem estar nos meios requintados, mas sempre devem ter como característica a verdadeira humildade, aliada ao desinteresse total pelos valores materiais.

Quem passa a valorizar o prestígio, o dinheiro e a vaidade perde a sintonia com os curadores cósmicos e passa a vibrar na faixa das Trevas.

A ATUAÇÃO DOS MÉDIUNS

A atuação dos médiuns é de extrema importância, pois são os intermediários entre o mundo espiritual e os pacientes encarnados e desencarnados.

Quanto a estes últimos, os curadores cósmicos poderiam beneficiar sem a participação dos médiuns, mas sua presença facilita essa ajuda, devido ao grau de materialidade dos Espíritos sofredores ou desviados do bom caminho.

Esses precisam da energia material dos médiuns, uma vez que não conseguem assimilar as energias mais sutilizadas.

A seguir estaremos transcrevendo algumas orientações constantes do livro “*A Cura pela Fé*”, de irmão José, que servem para este nosso estudo, mas não colocaremos o trecho entre aspas, pois se trata de um dos membros da equipe dos curadores cósmicos.

Uma vez que as realidades material e espiritual se interpenetram, mas são regidas por princípios próprios, é necessário que algumas criaturas (os médiuns) representem o papel de ponte entre essas duas realidades para que ocorra a comunicação benéfica aos habitantes de ambos os continentes. Para ser bom médium é, sobretudo, necessária a introjeção do Amor Universal, sem orgulho, sem egoísmo e sem vaidade. Assim, os encarnados encarregados das tarefas mediúnicas se transformam em veículos fiéis para a comunicação entre os dois mundos. Nada pretendendo a não ser o Bem, colocam-se na posição mental de intermediários sintonizados com as correntes do Bem, sendo orientados por espíritos bem intencionados e até por espíritos superiores, que confiam na sua firmeza de propósitos de auxiliar os que necessitam.

Todo ser humano é dotado de ectoplasma, ou seja, uma forma de energia que é ínsita a cada espírito, a qual pode servir para beneficiar tanto física quanto moralmente os necessitados de ajuda.

Doando ectoplasma em favor dos semelhantes, essa energia é direcionada pelos espíritos médicos de forma adequada, visando sua cura ou minoração dos males do corpo e da moralidade.

O ideal de servir é o dado mais importante para alguém ser um médium de confiança do mundo espiritual. Se tiver conhecimentos teóricos do assunto, melhor ainda, mas o requisito da bondade é o mais importante.

Renunciar a um pouco da própria vitalidade exige capacidade de pensar no bem-estar alheio, mas sempre quem ganha mais é o doador, porque “*é dando que se recebe*”, conforme afirmou Francisco de Assis.

A vida pessoal do médium pode ser (e costuma ser) referta de agruras, mas isso faz parte da sua própria programação espiritual, porque a maioria das mordomias

leva ao desregramento, enquanto que as agruras obrigam à ponderação e induzem à compreensão dos sofrimentos alheios. Pacientem-se, portanto, os médiuns com seus próprios sofrimentos e agradeçam a Deus por ter de carregá-los, conforme exemplificava Francisco Cândido Xavier, um dos mais fiéis médiuns que a humanidade terrena teve o privilégio de conhecer.

A Ciência terrena adota como referencial a “*análise*”, separando em partes o que julga ser elemento do Todo, como se cada uma delas fosse um ente diferente dos demais, quando, por não levar em conta as realidades do espírito e de Deus, não consegue enxergar o verdadeiro Todo e, portanto, não pode, por enquanto, realizar o trabalho de “*síntese*”, o que, realmente, seria o ideal.

Jesus, na Sua Piedade Infinita, como se fosse nosso Deus, porque está autorizado pelo Pai a representá-l’O perante a humanidade do planeta Terra, ditou “*A Grande Síntese*”, onde expõe o mecanismo de funcionamento do Universo, desde o micro ao macrocosmo, incluindo, evidentemente, os seres humanos na sua trajetória evolutiva.

A Ciência materialista não levou em conta essa Revelação e até hoje procura decompor o Todo, que lhe é inacessível, por enquanto, perdendo-se no dédalo das teorias, que são lançadas e caem no esquecimento em pouco tempo. Einstein mesmo, acreditando na Divindade apenas em parte, apesar de tomar conhecimento da informação de Jesus, através do texto acima referido, preferiu confiar na sua cerebralidade, quando poderia ter ido além e se ajoelhado diante de Deus, como verdadeiro crente, exemplificando para todos sua fé, como lhe competia.

Assim têm procedido muitos sábios que encarnaram na Terra: ficam no meio do caminho, com receio de se confessarem publicamente e se tornarem arautos da Fé em Deus, seja através da Ciência, da Filosofia, da Arte e até da religiosidade, que a maioria faz se transformar em corrente política para combater as outras formas de crer em Deus.

Allan Kardec e Amélie Boudet representaram uma exceção a esse desvio rotineiro na realidade terrena, o

primeiro dando sua contribuição nas áreas da Filosofia e da Ciência e a segunda da Arte, ambos direcionando seus esforços para iluminarem os departamentos da Cultura terrena com as luzes da Religião. Não a Religião sectária, mas a das Leis de Deus, que não separa um irmão do outro.

Assim sendo, abordemos a questão do ectoplasma, que nada mais é que uma energia, que todos os seres possuem, por concessão de Deus, para utilizarem da forma que conseguem, conforme seu grau evolutivo. Essa energia é importante nos trabalhos de cura tanto das mazelas do corpo físico ou perispiritual como na cura de defeitos e sofrimentos morais, pois tudo se resume na presença de energias negativas, que podem ser substituídas por energias positivas.

A técnica para a realização de tal trabalho é conhecida pelos especialistas nesse assunto, desde muito antes dos estudos dos iniciados do Egito antigo, que se dedicavam ao conhecimento do Mentalismo e técnicas avançadas até hoje ignoradas pela maioria dos seres terrenos, que ainda não despertaram para as realidades do espírito, uma vez que só lhes interessam as coisas da matéria.

Quando Jesus falou: *“Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que Eu faço e muito mais ainda”* estava mostrando a todos que a Ciência do Infinito está acessível aos filhos de Deus, sem exclusão de nenhum. Basta querer iniciar-se nesses *“mistérios”*, através da própria renovação moral, para merecer ver o que a maioria não vê, escutar o que muitos não escutam e realizar o que parece *“milagre”*, sendo essa ferramenta o próprio poder mental, que cada um pode desenvolver à medida que sua ética vai coincidindo com a Ética Divina, para nós representada nos Ensinos de Jesus.

O ectoplasma é um elemento que pode ser livremente manipulado por qualquer ser humano, em benefício dos semelhantes, sendo seu direcionamento e potencialização trabalhados pelos médicos espirituais, quer nas reuniões programadas para esse mister, com excelentes resultados, quer, em situações de emergência, até em ocasiões nem sempre propícias.

Os médiuns, preparados para esse tipo de tratamento, prestam um relevante serviço à humanidade, junto com os médicos espirituais, todavia, sendo invisível para os encarnados em geral, acobertados pelo anonimato, o que lhes dá um mérito ainda maior, porque Jesus recomendou: *“Que tua mão direita não saiba o que faz a esquerda.”*

O ectoplasma é uma luz de cores variadas, conforme a finalidade para o qual é manipulado, visível aos videntes, que pode passar de uma para outra pessoa e lhe proporcionar alívio ou cura, conforme a fé do necessitado, como exposto anteriormente.

A FORMAÇÃO INTELECTUAL DOS MÉDIUNS

Um médium não precisa ter passado pelas universidades, que nada ensinam de espiritual, mas apenas as profissões que garantem a sobrevivência material durante as encarnações.

Também não precisa frequentar cursos e diplomar-se em Centros de Estudo da Espiritualidade, como vem-se exigindo atualmente, num desvirtuamento lamentável, pois, acima de tudo, exige-se a auto reforma moral, principalmente com a assunção do Amor incondicional, que não se enquadra em certificados de escolas.

A formação intelectual dos médiuns deve ser voltada para as leituras e a prática da mediunidade e assuntos da Ciência Cósmica, ou seja, da Lei Divina, que está gravada dentro de cada criatura.

Portanto, as leituras são menos importantes que a vivência mediúnica.

Não estamos pregando o desinteresse pelo aprendizado, mas sim esclarecendo contra o intelectualismo vazio que muitas entidades e pessoas estão cobrando dos médiuns.

Quem nasce com uma tarefa definida na mediunidade tem como objetivo aplicar sua mediunidade no Bem e não diplomar-se e envaidecer-se de uma cultura inútil.

Muitos médiuns são iletrados e nem por isso são menos importantes no trabalho do Bem, enquanto que toda informação inútil representa perda de tempo, que pode ser

utilizado na caridade para com os necessitados de cura espiritual.

Sejamos conscientes dessa realidade e não caiamos nas armadilhas das Trevas, que têm induzido dirigentes de entidades ao igrejismo e ao farisaísmo, humilhando médiuns pelo fato destes não terem a cultura acadêmica e nem serem aprovados em cursos inúteis sobre aspectos secundários da Ciência de Deus.

Jesus nunca aprovaria a existência de Faculdades das Leis de Deus, pois o conhecimento está dentro de cada criatura que resolva olhar para dentro de si mesma, independente do seu grau de instrução.

Transcrevemos aqui um trecho do livro *“Você é Médium”*, de autoria de um dos membros da equipe dos curadores cósmicos. (Não utilizaremos aspas).

Yvonne do Amaral Pereira dizia que tinha o triste privilégio de conhecer várias de suas encarnações anteriores. Laura, mãe espiritual de Lísias, mencionada em *“Nosso Lar”*, de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, estava lendo sobre suas duas encarnações anteriores à última. Camilo Castelo Branco, no mundo espiritual, tomou conhecimento das encarnações que vivenciou regressivamente até a época em que Jesus esteve encarnado na Terra, conforme consta em *“Memórias de um Suicida”*, assinado por Yvonne do Amaral Pereira. Outras pessoas têm revelações sobre encarnações anteriores através de médiuns ou pela sua própria mediunidade. Outras tantas nada ficam sabendo a respeito de suas vidas passadas, parecendo ser esse o caso da maioria das pessoas ou, pelo menos, não levam a sério as informações que lhes vêm ao conhecimento de variadas formas, inclusive através dos sonhos.

Saber quem somos é importante, tanto que a célebre frase *“conhece-te a ti mesmo”* vem passando pelos séculos afora de maneira inalterável, desde o tempo de Sócrates até a atualidade, inclusive propiciando condições para o surgimento e aceitação geral da Psicanálise e da Psicologia, sem contar as correntes religiosas e filosóficas em geral, dentre as quais a Doutrina Espírita, esta última, sobretudo,

com a contribuição inestimável de Joanna de Ângelis, com sua *Série Psicológica*.

Por que Yvonne consideraria “*um triste privilégio*” conhecer suas vidas passadas, senão porque relativamente de pouco tempo para cá adotou, de fato, na sua vida, a *Ética do Cristo*? Suas encarnações mais antigas foram marcadas por infelicidades, graças aos padrões morais materialistas que tinha tomado como referência para sua conduta. Quanto a Laura estava se preparando para reencarnar e necessitava saber os aspectos que deveriam ser priorizados na sua programação reencarnatória. Camilo tinha falido fragorosamente em muitos aspectos e teria de reencarnar enfrentando novamente a provação da cegueira.

Existe um ditado que diz: “*Pelo dedo se conhece o gigante*”, o que, no caso deste estudo pode ser interpretado da seguinte forma: pelo que somos em termos de moralidade e inteligência podemos calcular como éramos no passado, naturalmente que levando em conta que a tendência é sempre evoluirmos em ambos os aspectos, sendo que hoje somos melhores que as épocas anteriores. O grande problema é saber nos autoanalisarmos, avaliando com isenção e profundidade o que realmente o nosso mundo interior.

Emmanuel forneceu um referencial importante quando afirmou, em outras palavras, que, para avaliarmos nosso nível evolutivo devemos verificar o que pensamos quando estamos a sós. Trata-se de uma fórmula infalível, pois, nessas oportunidades, vêm à tona tudo que temos de bom e menos bom. Quanto ao nível intelectual, salvo o caso de alguma lesão cerebral, podemos avaliar nosso grau de inteligência pela facilidade que temos de aprender o que nos interessa, significando que já conhecemos aquele assunto de outras vivências anteriores. Aprender o que nunca vimos antes é muito mais difícil.

Quando Sócrates afirmava que “*aprender é recordar*” estava se referindo a aprender o que já vimos antes, em outros tempos. Por isso, cada um deve procurar sua vocação, a fim de alcançar competência e eficiência, sem se preocupar excessivamente se sua escolha representará boa remuneração

financeira ou não. Infelizmente, a maioria das pessoas leva em conta muito mais o aspecto financeiro e se decepciona com as escolhas feitas, terminando tristemente seus dias ou até abandonando as opções feitas de forma equivocada. No final das contas, até pela intenção das escolhas se mede o nível evolutivo de cada um, pois os mercenários depõem contra si próprios, enquanto que os idealistas falam silenciosamente em favor do seu desenvolvimento espiritual.

O grau de inteligência pode não coincidir exatamente com o grau de instrução de um encarnado, havendo muitos casos de Espíritos menos adiantados ostentando diplomas universitários, enquanto que outros, mais adiantados no intelecto, detêm reduzida escolaridade. Aqui é que pedimos a atenção dos prezados leitores, pois a maioria dos tarefeiros do Cristo encarna com poucas oportunidades de instruir-se nos conhecimentos mundanos, enquanto que a maioria dos diplomados talvez esteja há pouco tempo em contato com o Conhecimento. Por isso, não se deve avaliar as pessoas pelo que aparentam.

Vejamos, por exemplo, os casos de Chico Xavier, Yvonne Pereira e a maioria dos missionários de grande evolução intelecto-moral, inclusive Léon Denis, este último praticamente autodidata, e o próprio Allan Kardec, que não chegou a frequentar qualquer universidade, sem contar Divaldo Pereira Franco e tantos outros, que despontam na Doutrina Espírita como médiuns extraordinários, expositores dotados de grande facilidade de expressão, apesar não terem passados pelos bancos de uma universidade.

Hoje em dia, inclusive no nosso país, passou-se a considerar praticamente obrigatório que as pessoas conquistem um diploma dito “*superior*” para o exercício da maioria das atividades mais destacadas, sem levar em conta o real cabedal intelecto-moral de cada uma, porque, na verdade, o nível intelectual não se mede pelos critérios consagrados pela maioria dos testes usuais, assim como o patamar de moralidade alcançado por cada pessoa não deve reduzir-se às paupérrimas e, muitas vezes, reducionistas das seleções feitas, por exemplo, para alguém ocupar um cargo

público. No primeiro caso, destacam-se muitas personalidades mais sagazes e ladinas do que inteligentes e, no segundo, o nível de exigência moral é tão baixo que muitos maquiavélicos são tidos como homens e mulheres de bem.

O analfabetismo é pouco comum entre os médiuns, porque dificulta muitas opções de trabalho a ser desenvolvido, principalmente na parte da psicografia, mas sua programação espiritual costuma prever que tenham a instrução apenas suficiente para a tarefa a desempenhar e nada mais que isso, porque o foco do seu trabalho tem a ver com muito mais com a parte ética, visando o esclarecimento moral das criaturas. A preocupação maior do mundo espiritual é prioritariamente contribuir para a evolução moral da humanidade encarnada, deixando para os encarnados a tarefa de pesquisarem sobre as coisas materiais, chamadas científicas, filosóficas e artísticas. Em outras palavras, a Religião é que lhes interessa e os Espíritos Superiores procuram motivar os encarnados sobre isso.

Vejam-se os exemplos malsucedidos de Yvonne e Camilo em vidas anteriores, quando, mesmo sendo desenvolvidos no intelecto, sua Ética era a dos interesses imediatistas, voltados que eram para o orgulho, o egoísmo e a vaidade, sendo que terminaram em desastres morais, que, somente há pouco tempo, relativamente, despertaram para a Ética do Cristo e começaram a ser realmente felizes.

Quanto aos médiuns repetindo, em grande maioria têm pouca instrução, se comparados com os profissionais em geral. Seu conhecimento sobre as coisas espirituais vai se desenvolvendo com a experiência mediúnica, como uma especialidade que é, a qual não faz parte dos currículos das escolas terrenas.

Algumas pessoas gostam de rotular os espíritas em geral como pouco instruídos, principalmente lançando esse epíteto sobre os médiuns, o que é uma verdade, sob o prisma da Cultura materialista, que é verdadeira flor sem perfume, mas essa pecha foi aplicada igualmente à maioria dos primeiros cristãos, pois Jesus recrutou a maior parte dos Seus seguidores entre aqueles que não tinham encarnado com o

objetivo da erudição nos conhecimentos horizontais do mundo, mas sim com o propósito de aprender, vivenciar e exemplificar o Amor Universal. As metas de uns e outros são diametralmente diferentes e cada um receberá o galardão que merecer: uns terão destaque no mundo terreno, outros no mundo espiritual. Cada um faz sua escolha e, *“se a sementeira é livre, a colheita é obrigatória”*.

O tempo que os médiuns consumiriam armazenando informações inúteis para seu crescimento moral, devem dedicar à vivência da Moral do Cristo.

Não que se pretenda desprezar o Conhecimento, pois que também tem sua utilidade, se houver bom senso e justa medida, mas sim priorizar o que faz o ser humano ser melhor como pessoa, como cidadão, como pai, mãe, filho e irmão, mas principalmente levando em conta que a vida definitiva é a espiritual.

O presente estudo tratará deste tema, principalmente como incentivo aos médiuns em geral, que, pelo fato de normalmente não serem eruditos nos conhecimentos estritamente terrenos, são objeto de discriminação e, pior, muitos passam a sentirem-se infelizes por essa forma de tratamento.

Emmanuel falou inúmeras vezes que a inteligência e a moralidade são as duas asas do Espírito, aliás, repetindo o que outros vinham ensinando anteriormente. No próprio *“O Livro dos Espíritos”*, os Orientadores Espirituais de Allan Kardec disseram que a inteligência se desenvolve quase que automaticamente, pela mera vivência dos momentos da existência, sendo que ninguém, por mais indolente que seja, consegue viver sem aprender nada. Todavia, o desenvolvimento moral depende do esforço do Espírito em melhorar seu padrão de pensamento, sentimento e ação.

Sendo a maioria dos Espíritos ligados a Terra mais desenvolvida na inteligência do que na moralidade, a vida de relação entre eles é dificultada pelos defeitos morais, gerando desde desavenças até guerras de grandes proporções, desde a desigualdade até a miserabilidade gritante, desde a omissão

até os sofrimentos coletivos inconcebíveis em mundos mais evoluídos.

Em suma, a Terra vivencia padecimentos porque seus habitantes, no geral, são muito mais orgulhosos, egoístas e vaidosos do que humildes, desapegados e simples. A mudança que se programou para breve e que, na verdade, já está acontecendo, representará um passo adiante, mas trata-se de uma mudança individual, pois cada um terá de evoluir moralmente, se quiser permanecer neste planeta.

Não se admitirão mais os defeitos morais que têm infelicitado a humanidade desde tempos imemoriais.

Inteligência e moralidade têm de estar no mesmo nível, para a felicidade de cada Espírito e das coletividades onde vivemos.

Vicente Perroni afirmava aos seus alunos que *“inteligente é quem sabe resolver seus problemas pacificamente.”* Se é questionável a afirmativa, uma vez que inteligência e moralidade são valores independentes, o que o médico-filósofo-religioso queria ensinar é válido, no sentido de induzir seus ouvintes ao pacifismo, coisa que muita gente não faz questão de aprender e praticar.

A inteligência de cada Espírito depende, basicamente, da sua antiguidade, contada a partir do momento em que saiu das Mãos do Criador. Assim, um Espírito mais antigo que outro, normalmente, será mais inteligente que outro. Todavia, não há um aparelho ou uma técnica para avaliar esse fator, como existe o metro para medir a extensão linear de duas linhas ou o litro para mensurar o volume de substâncias líquidas.

Alguém desprezar outrem por se julgar mais inteligente é demonstrar desconhecimento de que cada um só pode ser avaliado no mundo espiritual, verificado todo seu cabedal de todas as vivências anteriores e atuais. O fato de uma pessoa ostentar um anel de grau e outra não menos ainda significa superioridade da primeira. Assim, nem um deve se orgulhar nem o outro se sentir inferior. Aliás, como cada Espírito descreve uma trajetória evolutiva totalmente diferente dos demais, o que um sabe outro desconhece e assim por diante.

Os médiuns vêm preparados para funções específicas, resumíveis no contato com o mundo espiritual, coisa que a maioria da humanidade desconhece. Trata-se, portanto, de uma atividade e uma cultura tão importante quanto qualquer outra e, talvez, até mais importante, se bem desempenhada, porque informa as pessoas sobre a realidade espiritual e as prepara melhor para a vida “*post mortem*”.

O trabalho dos médiuns não se resume, todavia, apenas a esse, pois que, atuando nas reuniões mediúnicas ou outras atividades de auxílio, contribuem para a solução de muitos problemas relacionados aos desencarnados e aos encarnados. Se não se justifica o médium se sentir inferior aos intelectuais encarnados, por outro lado, não faz também sentido se considerarem superiores, porque não é a tarefa que faz alguém digno, mas a caridade com que é exercida que faz digna a tarefa.

Trata-se o quociente intelectual de uma fórmula visando avaliar o nível de inteligência de cada pessoa, todavia, como ferramenta da Ciência materialista, não retrata a realidade de cada Espírito. Houve época em que era muito utilizado para contratação de servidores, porém, com o tempo, verificou-se que não bastava alguém ser inteligente para ser um bom profissional, quanto menos, um ser humano realmente “*humano*”.

O quociente intelectual dos médiuns em geral pode ser baixo, porque sua energia espiritual acha-se concretada em outra área, que não a do raciocínio lógico, tão valorizado pelos cientistas terrenos.

Francisco Cândido Xavier, em concurso do qual participou, foi reprovado, permanecendo sempre como “*extranumerário*”, ou seja, sem determinadas regalias do Serviço Público. Não chegou a submeter-se a nenhuma avaliação de quociente intelectual, mas pode ser que tivesse sido considerado menos inteligente que a maioria dos homens e mulheres medianos.

Os médiuns costumam ser um tanto “*dispersivos*”, segundo o conceito das pessoas em geral e, por isso, não são normalmente apropriados para determinadas profissões.

Sua meta na encarnação é o exercício da caridade, de várias formas, sob a orientação dos seus Guias Espirituais, com quem mantêm contato direto mais ou menos sensível.

Na verdade, não há apenas alguns tipos de inteligência, como afirmam os técnicos do assunto, mas sim cada inteligência é única, como resultado de todas as suas vivências anteriores. Como não há um Espírito que tenha vivido de forma idêntica aos demais, cada um é um universo diferenciado. Classificar as inteligências em grupos, por mais numerosos que sejam, é uma temeridade. Todavia, cada um deve desenvolver suas potencialidades em favor da própria sobrevivência e em benefício da coletividade.

A inteligência deve sempre servir ao Bem, desde apertar um parafuso até elaborar a Teoria da Relatividade ou realizar o trabalho mediúnico de um Francisco Cândido Xavier.

Cada um tem condições de avaliar suas habilidades e deve procurar superar suas dificuldades e limitações. É evidente que seus pontos fracos dificilmente se transformarão em genialidade, apesar de haver casos notáveis de autos superação. Todavia, cada um, principalmente seguindo uma orientação competente, pode e deve procurar atingir o máximo de qualificação intelectual no que realiza tanto profissionalmente quanto na sua vida pessoal e também na sua atividade mediúnica, esta que carece de estudo, mas, sobretudo, da prática da caridade sob várias formas.

Ninguém deve se sentir humilhado por ser tido como menos inteligente que outrem, nem orgulhar-se pelo contrário, pois não sabemos nem de longe o que cada um realmente é. Por isso, Montaigne preferiu falar mais de si mesmo a tentar analisar os outros.

A escrita é uma das formas de manifestação do pensamento e do sentimento, além de registro de fatos etc. Todavia, não é a única. Por alguma razão particular, determinadas pessoas apresentam dificuldades quanto a esse tipo de linguagem. Mas, nem por isso, significa que sejam menos inteligentes que as outras.

Há uma tendência a se rotular essas pessoas com uma série de nomes científicos que não levam em conta a realidade

espiritual e, assim, passam à categoria de subdesenvolvidos intelectualmente, enfrentando restrições na vida escolar e no exercício das profissões ligadas à escrita.

Há exemplos de homens e mulheres notáveis que eram disléxicos, como há pessoas tidas como comuns, que também receberam esse rótulo.

Quem seja tido como tal deve procurar desenvolver suas outras habilidades para compensar essa dificuldade. Afinal, ninguém, a não ser Jesus, de todos os Espíritos ligados à Terra, é perfeitamente “normal”, sendo que, se cada um tem, por um lado, várias competências, sofre, de outra parte, de diversas limitações.

Francisco Cândido Xavier afirmava que em determinadas encarnações a prioridade é o desenvolvimento da inteligência e, em outras, da moralidade. Assim, analisar alguém pelas aparências em sua encarnação é arriscar um palpite e não enxergar quem é realmente aquele Espírito em si.

Se Jesus falava: *“Eu a ninguém julgo”* quanto ao aspecto moral, também queria ensinar-nos a não avaliar a inteligência alheia, principalmente para desmerecer nossos irmãos e irmãs, além de que não temos acesso ao seu mundo íntimo, onde estão registradas todas suas experiências e conhecimentos.

Um Espírito encarnado sofre um restringimento de suas potencialidades intelectuais. Somente sua moralidade se mantém intacta. Sócrates era categórico nessa assertiva, Se alguém tiver a curiosidade de submeter-se à avaliação do seu QI poderá ter surpresas para melhor ou para pior, pois há pessoas que têm um QI mais elevado que Albert Einstein e nada fizeram de significativo em prol do progresso da humanidade.

O importante é aplicar as próprias potencialidades, altas ou reduzidas, em favor do Bem.

Os Espíritos Superiores, interessados em auxiliar o progresso de alguém, podem consultar os registros de cada Espírito e, assim, informar-se sobre o nível intelecto-moral dos seus beneficiários. Porém, mesmo nesse caso, os dados não

são integrais, uma vez que somente o próprio Espírito conhece tudo sobre si mesmo, assim mesmo se já tiver alcançado um elevado grau de aperfeiçoamento. Veja-se o caso de Camilo Castelo Branco, a quem se informou sobre suas encarnações posteriores à época da vida de Jesus no planeta. O que ocorreu anteriormente ficou sob sigilo até para ele próprio, esperando seu crescimento intelecto-moral para ser trazido à tona.

Cada Espírito vai sabendo sobre si mesmo gradativamente, presumindo-se que, dos Espíritos ligados à Terra, apenas Jesus conhece o próprio instante de Sua criação por Deus.

O autoconhecimento é um processo que demanda milhões ou bilhões de anos de vivência a partir da fase humana.

Sucesso profissional representa fazer o melhor que se consegue dentro da profissão escolhida, seja ela qual for. Infelizmente, a maioria pensa que sucesso profissional significa receber polpuda remuneração no seu trabalho. Assim, quem recebe baixos salários seria mal sucedido.

No mundo espiritual o pagamento dos salários não tem basicamente que ver com o tipo de atividade, mas sim a dedicação à atividade desempenhada. Quem mais trabalha ganha mais, ao contrário da realidade terrena em que, normalmente, quem pouco ou nada fez, mas é mais astuto, ganha muito mais.

Prepare-se cada um para essa realidade.

Se sua profissão não é bem remunerada financeiramente, não a considere inferior. Se ela é privilegiada em termos de salário, não se considere superior por esse simples fato.

Cada um está na situação melhor para sua evolução intelecto-moral, programado para a encarnação que está vivendo.

Ninguém deve se comparar com outrem, nem para invejá-lo nem para desprezá-lo.

Jesus dizia: *“Não tenho uma pedra onde assentar a cabeça”*, no que estava certo, porque tudo pertence a Deus.

As realidades todas são transitórias, tanto que Mãe Santíssima enviou um recado a Francisco Cândido Xavier, dizendo: *“Isso também passa.”*

“A cada um será dado conforme suas obras”, disse Jesus, ou seja, conforme realize através das ferramentas que Deus, na Sua Justiça e Compaixão, conceder por determinado tempo.

A mais importante remuneração pelo trabalho realizado, para quem se encontra em um elevado nível evolutivo, está na satisfação de servir. Assim acontece com os Espíritos Superiores. Todavia, considerando as necessidades da sobrevivência no mundo terreno, alguma contraprestação deve ser visada no trabalho profissional, variando esse *“quantum”* de acordo com o grau evolutivo do trabalhador. Quem vive em função das coisas materiais nunca se dá por satisfeito com o que ganha pelo seu trabalho, pretendendo sempre mais. Em contrapartida, quem visa os interesses espirituais se considera bem remunerado na maioria das situações, pois não tem apego às coisas do mundo.

O médium, que conhece a realidade espiritual e sabe que sua encarnação se destina a trabalhar no Bem, não deve preocupar-se demais com a parte financeira, sabendo até onde deve chegar sua intenção de ganhos, a fim de não se escravizar à materialidade e perder a encarnação.

A consciência de cada um é que representa o melhor referencial, pois, se falhar a opção feita, as consequências são graves e, se acertar, a recompensa da paz interior vale todos os sacrifícios feitos.

Há pessoas que visam lucros financeiros sempre, não conseguindo renunciar quando deveriam, ou seja, quando a consciência lhes cobra essa atitude: essas terão de chorar lágrimas doridas quando caírem em si e vir que lhes faltou exercitar a renúncia e a caridade, traindo seus compromissos morais, assumidos para aquela encarnação.

Feliz de quem se desapega de tudo que seja supérfluo, pois vive feliz.

Em um planeta de provas e expiações, como é o caso da Terra, a tábua de valores corresponde ao nível evolutivo da

maioria dos seus habitantes, ou seja, é pautada pela consagração dos defeitos morais do orgulho, do egoísmo e da vaidade. Assim, quem seja humilde, desapegado e simples é tido e havido como ingênuo, desprezível e fraco, quando, na verdade, somente as virtudes encontram guarida junto às Leis Divinas, cujos mecanismos recompensam os virtuosos com o patrimônio moral da paz interior.

Aqui os mais astutos preponderam na luta pelas benesses, os violentos intimidam populações inteiras e os egoístas centralizam as riquezas amoedadas e do intelecto.

A própria Cultura sofre com esse estado moral deplorável, porque muitas obras de real mérito no sentido da elevação da humanidade ficam esquecidas, porque não interessa aos poderosos de um dia que sejam divulgadas.

Quem traz a mediunidade como tarefa deve enfrentar todas as dificuldades com galhardia no sentido de desempenhar seu mandato e sair vencedor nas provas da encarnação.

Não se justifica abandonar a tarefa a pretexto de surgirem oposições e contratempos, pois tudo isso é previsível e cada um responde pelo que deixou de fazer tanto quanto pelo que fez de errado.

Se há dificuldades, devem ser ponderadas, mas não se pode abandonar os compromissos espirituais impunemente.

A escolha da tarefa mediúnica representou décadas de preparação no mundo espiritual e as pessoas que seriam beneficiadas terão de ser socorridas em situações improvisadas por causa da desídia do trabalhador acovardado ou inconstante.

A moralidade representa o cerne da personalidade, pois é com base nela que os trabalhadores do Bem são escolhidos, devido à sua confiabilidade. Kardec não foi escolhido por sua intelectualidade, mas pelas suas virtudes. Assim mesmo quanto aos missionários do Bem. Intelectuais há muitos, porém, aqueles que já se tornaram “homens novos” são poucos, sendo que por isso Jesus afirmou: *“Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.”*

O diferencial entre os Espíritos evoluídos e os não evoluídos é justamente seu nível moral, ou seja, sua humildade, seu desapego e sua simplicidade.

Quem é evoluído recebe incumbências decisivas para o Progresso, todavia, não o progresso material, mas o espiritual da humanidade. Quem não é evoluído recebe tarefas compatíveis com suas habilidades intelectuais, nem sempre diretamente úteis para a evolução moral das coletividades, pois cada um desempenha, mesmo sem saber e querer, um trabalho que redunde no Bem, inclusive quando tenciona fazer o mal.

A moralidade tem muito mais importância que o intelecto, principalmente para quem já reconhece que viver em paz não é modorrar na sombra das comodidades, mas sim ter o Bem dentro de si e espalhá-lo à sua volta.

A Moral materialista é muito pequena perto da Moral do Cristo, que corresponde às Leis Divinas, sendo a primeira mutável e temporária, enquanto que a segunda vale para todos os tempos. Assim se percebe dos Ensinos de Jesus, que são atemporais, pois que afirmou: *“Passará o céu e a Terra, mas Minhas Palavras não passarão.”*

Para o médium, a questão da moralidade deve ser sempre objeto de reflexão e ação.

Depois de verificado, pelos especialistas em Psicologia Aplicada, que não basta alguém ser inteligente para ser bom trabalhador, passou-se a aceitar, com mais naturalidade, a noção de que cada ser humano deve ser equilibrado emocionalmente para ser útil em maior escala. Assim, a inteligência emocional começou a ser valorizada, ou seja, a capacidade de lidar com problemas sem *“perder a cabeça”*.

O quociente emocional não pode ser medido matematicamente, pois não há como fazê-lo. Todavia, no caso do médium, objeto deste estudo, é importante que nunca se *“perca a cabeça”*, pois a questão da sintonia mental é muito mais importante para ele do que para um profissional contratado por uma empresa, por exemplo.

Não se trata de frieza, ausência de sensibilidade, mas sim de Amor, que encontra solução para todos os problemas que a tenham e sabe pacientar-se nos casos em que não há solução. Não será a técnica do autodomínio aparente que irá importar para o médium, mas sim a autenticidade do Amor Universal que tiver alcançado.

Verifica-se, portanto, que são dois referenciais totalmente diferentes, porque um se baseia nos interesses materiais e outro nos interesses espirituais.

A Ciência materialista inventou, recentemente, outro referencial para avaliação das pessoas: a inteligência espiritual, que, na verdade, de espiritual tem somente o nome, pois não reconhece a existência do Espírito como o faz a Doutrina Espírita.

O quociente espiritual é uma expressão dúbia da Psicologia sem alma e sem Jesus.

Todavia, não deixa de ser um progresso, pelo menos levando os materialistas a utilizarem a palavra “*espiritual*”.

O fato da maioria dos médiuns ter pouca escolaridade e normalmente pertencer às classes menos abastadas, sustentando-se pelos frutos do trabalho menos valorizado no mercado dos interesses terrenos, leva muitos a certa decepção quanto a si próprios, ignorando que sua tarefa na mediunidade representa muito mais do que qualquer valor puramente mundano.

Esquecem-se de que seu objetivo maior é trabalhar na mediunidade com Jesus, servindo ao ideal de progresso espiritual das criaturas.

Não há tarefa mais gratificante, inclusive para os médiuns, do que a de servir de intermediário entre as duas realidades: a terrena e a espiritual, com a finalidade de realizar o Bem. Somente quem participa desse trabalho sabe a felicidade que mora no coração de cada trabalhador do Cristo durante a após cada dia de atuação nessa função. Felizes os que servem na mediunidade com Jesus!

O mérito está na densidade espiritual do trabalho, representada pela carga de Amor com que é realizado e não no tipo de atividade escolhida. Não são as funções de

liderança aparente as mais importantes, sendo exemplo disso que Francisco Cândido Xavier nunca foi presidente de entidade qualquer que fosse, mas apenas médium, o mesmo se dizendo de Divaldo Pereira Franco, Yvonne do Amaral Pereira e muitos outros.

Quem trabalha na esfera mental não tem tempo nem interesse em dirigir a não ser a si próprio, o que já representa uma grande conquista.

Disputar cargos, querer ganhar projeção, ficar em evidência são retratos de quem ainda vive a fase do “*homem velho*”, próximo do Zaqueu cobrador de impostos, Saulo perseguidor de cristãos e Maria de Magdala antes de conhecer Jesus.

Muitas vezes o trabalhador silencioso está sintonizado com seus Guias Espirituais, enquanto que o verboso e o ostentador estão em conúbio mental com obsessores perigosos e sutis na tentativa de destruição da Obra do Cristo.

O EXERCÍCIO DIUTURNO DA MEDIUNIDADE

A mediunidade não se exerce, ao contrário do que muitos médiuns desinformados e relapsos pensam, apenas nos horários e locais de reuniões periódicas, mas em toda parte e durante os períodos de vigília e durante o sono.

Trata-se de um compromisso espiritual e não de uma atividade secundária, mas, nesse aspecto, como nos outros, “a cada um será dado conforme suas obras” e dispensamo-nos de maiores comentários, pois os irresponsáveis sempre arrumarão uma série de argumentos em favor do desleixo, pelo qual pagarão caro perante o tribunal da própria consciência.

A MEDIUNIDADE ITINERANTE

Este tópico não é mais do que um alerta quanto à responsabilidade no exercício da mediunidade, que deve ser uma prioridade na vida dos médiuns e não um apêndice, mas cada um responde pela própria conduta. 42

A POSTURA IDEAL DOS PACIENTES

A postura dos pacientes deve ser aquela que Jesus explicitou quando disse: “*A tua fé te curou*”.

Transcreveremos abaixo outro trecho do livro “*A Cura pela Fé*”, do irmão José, não utilizando aspas.

Quando falamos em doente nos referimos à pessoa que irá se beneficiar do tratamento ou até de qualquer outra criatura de Deus, dos chamados Reinos Inferiores da Natureza.

A sintonia mental representa o ajustamento de peças que passam a se encaixar como o côncavo e o convexo, formando uma unidade harmônica. Esse ajustamento é representado pela fé em Deus tanto de um quanto do outro, que elevam o pensamento ao Pai, recebendo Sua Bênção através de sinais imperceptíveis aos olhos dos encarnados, mas visíveis para os olhos do espírito. Jesus mesmo orou a Deus antes de determinar que retirassem a pedra do túmulo de Lázaro e, ao receber o Sinal Aprobativo do Pai, emitiu o comando: “*Lázaro, vem para fora!*”

Em escala diminuta, cada um que esteja imbuído de fé em Deus, assistido por espíritos benevolentes, pode realizar em favor dos semelhantes, com resultados variáveis conforme o grau de fé em Deus principalmente destes últimos. Francisco Cândido Xavier foi muitas vezes aliviado dos seus inúmeros padecimentos físicos por essa forma de tratamento espiritual, a fim de poder continuar servindo à Causa do Bem. Kardec mesmo foi curado de sério problema de visão por essa forma terapêutica.

Assimilem as pessoas estas orientações, para poderem melhor ajudar ou serem ajudadas, quando necessário. Há males físicos de várias naturezas, mas todos têm uma utilidade para o crescimento espiritual, sem o que os seres não evoluiriam. Somente Jesus desnecessitava de tal mecanismo educativo, mas os demais seres humanos terrenos precisam das dores para aprender a solidariedade com os que sentem as pontadas do sofrimento físico.

Francisco Cândido Xavier colecionava sofrimentos orgânicos como forma de se depurar espiritualmente e

também para não se desviar da sua trajetória, representada no mediunato.

Quando alguém pretende a cura de um mal físico deve refletir se aquela sentinela da sua evolução não lhe fará falta para bem orientar-se no rumo da perfeição relativa, superando suas mazelas morais.

A cura dos males físicos pode significar a queda nos abismos do despautério, da degradação moral e da consagração dos valores puramente terrenos em detrimento das metas evolutivas.

Sarar o corpo dos doentes não é o principal objetivo dos médicos espirituais, como não era o de Jesus, que curou apenas alguns poucos, e não todos que Lhe pediam a saúde.

O que importa é evoluir, sendo que a cura somente é útil se se destina a conceder mais oportunidades de trabalho no Bem. Quem pretende sarar apenas para continuar vivendo egoisticamente está longe do propósito dos médicos espirituais e, portanto, sua cura pode estar fora do Planejamento Divino. Evoluam, aperfeiçoem-se, queiram ser saudáveis para fazer o Bem e aceitem as doenças e limitações físicas que sua consciência lhes recomende!

Os iogues costumam assimilar os males morais de seus pupilos, retirando deles as energias negativas acumuladas no psiquismo destes últimos, fazendo com que, daí para frente, possam seguir adiante, contanto que se mantenham firmes nos propósitos superiores.

Jesus impactou Saulo, na estrada de Damasco, arrancando dele os miasmas da violência e da obsessão que o vitimavam, fazendo com que pudesse enxergar com clareza a realidade, ou seja, o caminho tortuoso que vinha trilhando.

Assim também quanto aos vícios do alcoolismo, da drogadição, do tabagismo, da sexolatria e todos os demais, inclusive os defeitos morais, sempre observado o princípio antes exposto, da conjugação das vontades do paciente e do benfeitor.

Se apenas o benfeitor atua, o resultado pode ser mínimo ou até nulo, pois a principal peça nesse trabalho é o próprio

doente, tanto que Jesus disse, repetimos mais uma vez: “*A tua fé te curou.*”

Ninguém pode violentar o livre arbítrio de outrem, pois nem Jesus obrigou alguém ao que quer que fosse. Por isso afirmou: “*Eu a ninguém julgo.*”, pois respeitava o livre arbítrio de cada um.

Há quem esteja contente com o próprio primitivismo, não pretendendo superá-lo, como há quem só se realize com a prática das virtudes. Tudo obedece à regra de que “*a cada um será dado conforme suas obras*”.

O IDEAL DE INSTRUIR-SE NA CIÊNCIA CÓSMICA
Seguem abaixo alguns postulados da Ciência Cósmica:

1 – DEUS CRIADOR E SUSTENTADOR DA VIDA

Deus trabalha desde sempre, ou seja, cria e sustenta todos os seres do Universo.

Jesus afirmou: “*Eu trabalho e Meu Pai também trabalha.*”

Em termos de Ciência Cósmica é preciso desvincular a ideia de trabalho das noções terráqueas de emprego, cargo e remuneração material.

Trabalhar, em termos de realidade que interessa à evolução do Espírito, significa desempenhar atividades úteis.

Qualquer ser humano, sub-humano ou superior aos humanos, como os angelicais, trabalha, pois, querendo ou não, a Lei Divina faz com que cada um contribua para o progresso geral, seja realizando no Bem, seja no Mal, apenas que os primeiros recebem a promoção espiritual e os segundos os sofrimentos carregados pela Lei de Causa e Efeito.

Trabalhar no Bem é a maior glória que um ser pode almejar, sendo o próprio trabalho o salário a que se refere a parábola dos trabalhadores da última hora.

Ninguém deve procurar saber qual é o salário Deus destinou às outras criaturas, pois cada um recebe o que merece e somente Deus sabe o que cada um merece e não falha no pagamento.

Devemos pretender trabalhar no Bem sem ser interesseiros nem ingratos, pois a recompensa é muito maior

do que podemos imaginar, sendo ela, porém, espiritual, ou seja, ilumina nosso interior e retira, gradativamente, nossas manchas decorrentes dos erros do passado.

O trabalho de Deus é criar seres e sustentá-los com a Força do Seu Poder Mental.

Se Deus parasse de pensar em um ser por uma fração de segundo que fosse esse ser simplesmente desapareceria e, se assim fizesse quanto ao Universo, tudo que existe também desapareceria.

Agradecemos a Deus o dom da vida, pois nenhuma criatura existe por mérito próprio, mas pela Bondade de Deus.

A gratidão a Deus é o sentimento mais importante que devemos adquirir, sendo que, por isso, Jesus colocou o Amor a Deus em primeiro lugar.

Pelo fato das criaturas terráqueas serem ainda muito primárias espiritualmente, não conseguem entender o que é Deus e não Lhe agradecem pelo dom da vida.

Em termos de Ciência Cósmica, o Amor a Deus é o item mais importante.

Aprendamos essa lição básica.

Deus, porém, não quer ser idolatrado hipocritamente, mas sim que dediquemos Amor aos outros seres, tanto que, na parábola do servo infiel, assim está ensinado.

Há outra lição que diz o seguinte: *“Quem ama o pai, assiste e ampara os irmãos.”*

Deus prefere que O ignoremos, mas, em contrapartida, sejamos caridosos para com as outras criaturas.

O trabalho de Deus é conjugado com o de cada uma das Suas criaturas, sendo que, por isso, quando olharmos um cristal de rocha, um pé de capim, um cão, um ser humano ou um ser angelical devemos enxergar nessas criaturas manifestações de Deus.

Mesmo os que vivem em função do Mal têm a centelha divina no seu íntimo e também despertarão para viver em função do Bem, sendo que, por opção própria, preferem desempenhar o papel de justiceiros, mas pagam pelo mal feito.

As reflexões sobre o trabalho de Deus estão espalhadas nas crenças de todos os povos, inclusive e principalmente nas crenças espontâneas e que são ou foram transmitidas oralmente e que, infelizmente, são desprezadas pelos arrogantes, muitos que se julgam superiores pelo simples fato de deterem diplomas universitários ou postos de comando material, mas que, na verdade, são espiritualmente primários por serem orgulhosos.

A oração do Pai Nosso é a mais completa manifestação de louvor a Deus que ficou registrada nos anais do planeta Terra: rezemo-la sempre, pois é um mantra poderosíssimo.

2 – VIDA UNIVERSAL

Tudo que compõe o Universo tem vida, não havendo a dicotomia matéria-Espírito e a divisão estabelecida pela Ciência materialista da Terra das criaturas em minerais, vegetais, animais e seres humanos é artificial e prejudica a prática do Amor Universal, pois “somos todos um”.

Uma afirmação que tinha o caráter de provisoriedade foi tomada ao pé da letra e tem gerado a estagnação na mente de muitos espíritas.

Trata-se da resposta que os Espíritos Superiores deram a Allan Kardec no sentido de que existem, basicamente, duas realidades no Universo: a matéria e o Espírito.

Além das crenças ancestrais, que mostram que somente há uma realidade quanto à natureza intrínseca dos seres, sendo que tudo que Deus criou e cria é em estágio rudimentar, mas evolui rumo à perfeição, o próprio Divino Governador da Terra, Jesus, ditou “*A Grande Síntese*”, através do médium Pietro Ubaldi, onde explica como funciona esse processo evolutivo.

Infelizmente, no meio espírita e entre os adeptos de muitas correntes espiritualistas, a maioria não tomou conhecimento dessa obra, sendo que a maioria dos espíritas, infelizmente, considera-se privilegiada pelo fato de ter conhecimento do que chamam de Terceira Revelação, considerando-a a última e definitiva, pelo menos pelos próximos anos, sendo que, na verdade, sempre houve

Revelações e seu número é ilimitado, não havendo privilegiados quanto à revelação da Lei Divina, uma vez que Deus é Pai de todas as criaturas e Jesus não é apenas o Divino Mestre dos cristãos, mas sim o Sublime Governador da Terra.

Não se deve repetir o erro dos judeus, que, pelo fato de terem ouvido os ensinamentos de Moisés, se julgaram superiores ao resto da humanidade, nem o dos cristãos em geral, fragmentados entre católicos e protestantes, que se julgaram superiores pelo simples fato da própria opção facciosa, mas essa mentalidade exclusivista e orgulhosa caracteriza também muitos espíritas.

Allan Kardec se reconhecia um mero instrumento dos seus Orientadores, no topo de cuja pirâmide estava Jesus, e nunca pretendeu ser endeusado, o que, infelizmente, tem acontecido. Atualmente, ele trabalha, junto com Amélie Boudet, Chico Xavier, Teresa de Ávila e outros, pelo aperfeiçoamento do Islamismo.

Ele disse que a progressividade da Revelação Divina é de lei, mas os conservadores, interessados em assumir posições de comando imerecido, têm atravancado a marcha do progresso, com isso sacrificando missionários como Divaldo Pereira Franco e respectivos Orientadores Espirituais, os quais acabam tendo de limitar suas falas, porque o Movimento Espírita lhes faz oposição nas afirmações mais arrojadas.

Todavia, não são apenas os espíritas em geral os arrogantes, mas seu número se estende a grande número dos adeptos das outras correntes religiosas e filosóficas, que também se consideram superiores aos demais.

Todavia, a Verdade, a que Jesus se referiu, não é propriedade de nenhuma dessas correntes, pois cada uma detém apenas uma parcela da Verdade, a qual, como se depreende do que Jesus falou, está dentro de todas as criaturas e não nos chamados “*livros sagrados*”.

Jesus falou: “*O Reino dos Céus está dentro de vós.*”

Outra coisa temos a dizer: considerando que todas as criaturas de Deus têm vida, variando apenas o nível evolutivo

de cada uma, não se justifica a degradação da Natureza, que hoje se vem praticando em escala mundial.

Está sendo ceifada a vida material de bilhões de seres, que vivenciam as experiências nos Reinos mineral, vegetal e animal.

Quando os seres humanos violentaram a Natureza, no passado distante, de milhares de anos atrás, aconteceram acidentes geológicos de proporções gigantescas, como o afundamento dos continentes de Mu e Atlântida e, agora, as reações dos elementos se manifesta através das alterações climáticas e outros problemas, que tendem a se agravar e irão provocar o degelo das regiões polares, com a consequente submersão das regiões mais baixas, como a Europa.

Tudo isso se deverá ao desrespeito das criaturas humanas às criaturas que formam os Reinos inferiores da Natureza.

Na verdade, para quem identifica a igualdade entre as criaturas de Deus, uma pedra é tão importante quanto um ser humano, um pé de capim quanto a um ser angelical e um lobo quanto a um gênio como Albert Einstein ou um santo como Francisco de Assis.

A frase “*somos todos um*” retrata a importância de cada criatura de Deus.

Também temos a dizer que, para vivermos com saúde verdadeira, temos de integrarmo-nos de corpo e alma na Natureza, valorizando a importância do ar, da chuva, da terra, do fogo, das nuvens, dos animais, do mar e dos cursos d’água, da convivência com os seres sub-humanos etc. etc.

A arrogância da Ciência materialista procurou apagar os conhecimentos das civilizações indígena, egípcia e outras, fazendo crer que tudo que há de realmente importante vem das universidades e da fala dos intelectuais, que cultuam, geralmente, a Ciência sem Deus, mas essa Ciência tem levado a humanidade às guerras, às doenças e à devastação da Natureza.

Francisco de Assis, com sua percepção da unidade das criaturas de Deus, chamava a todas, indistintamente, de irmãos e irmãs, no que estava absolutamente certo.

Mas esse conhecimento sempre foi corriqueiro entre os hinduístas, os indígenas etc. etc., sendo apenas novidade para os europeus e seus colonizados, os quais renunciaram às suas crenças ancestrais, como a dos celtas, dos indígenas e outras, que remontavam a milhares de anos, como a de Mu, que James Churchward, no seu livro “*O Continente Perdido de Mu*”, chama de pátria-mãe, apresentando provas consistentes nesse sentido.

O distanciamento das criaturas humanas da Verdade tem por detrás o trabalho sutil das Trevas, que estão representadas em destacadas figuras do mundo material, que ridicularizam as lições vindas de épocas imemoriais, todas elas trazidas ao globo terrestre pelos emissários de Jesus.

3 – O INÍCIO DA VIDA

O ponto de partida de cada criatura em particular é desconhecido pelos seres humanos, porque sua inteligência ainda é insuficiente para compreender o que somente os seres angelicais e os superiores a esses têm condições de entender.

Jesus, em “*A Grande Síntese*”, informou sobre o processo evolutivo dos seres, inclusive, sobre o começo, mas, entre Suas explicações com o vocabulário terráqueo e a percepção dessa realidade “*ao vivo e a cores*”, vai uma distância muito grande. Podemos dizer que, na Terra, ninguém está em condições de tomar ciência do instante da própria criação.

A inteligência da fase humana é tridimensional, digamos assim, mas há realidades muito superiores às que podemos identificar, sendo que o número de dimensões é ilimitado e somente quem está num estágio evolutivo angelical ou superior pode compreender essas realidades.

Jesus tentou mostrar, em “*A Grande Síntese*”, o que as palavras não têm condições de traduzir, porque o pensamento não cabe dentro do limite das palavras.

Recomendamos a leitura dessa obra, a qual deveria ser lida e estudada por todos os interessados nos conhecimentos mais avançados dentro das limitações da linguagem ocidental.

Podemos afirmar, sem medo de errar, que é a obra mais importante que foi escrita na face da Terra.

4 – ONDE ESTÁ ESCRITA A LEI DE DEUS

A Lei de Deus não está escrita nos chamados “livros sagrados” das correntes religiosas da Terra ou de qualquer outro mundo, mas sim na intimidade psíquica de cada ser, ou seja, na consciência.

Cada corrente religiosa ou filosófica tem um número limitado de informações para passar para as pessoas e nenhuma é completa, pois a Verdade é infinita, além de que não cabe em livros, porque a Lei de Deus está escrita no íntimo de cada criatura.

O que cada um pode fazer é ler esses livros como fonte de informação inicial, se assim for possível, mas deve continuar além, viajando para dentro de si próprio, onde encontrará as revelações sobre seu passado individual, bem como sobre a Lei Divina no seu geral, sendo que, nesse trabalho, será sempre ajudado pelos seus Orientadores Espirituais.

O despertamento de Buda, por exemplo, foi justamente esse contato com sua realidade interna.

As pessoas devem desvincular-se da falsa noção de que a Lei de Deus está resumida a poucas informações dos “livros sagrados” da corrente de sua opção.

Imagine-se se Deus, que é Infinito, resumiria Sua Lei a meia dúzia de palavras e, com elas regularia o Universo! Moisés grafou os Dez Mandamentos, mas a Lei Divina é muito maior que esse monumento revelatório.

Jesus falou no Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, mas também não pretendeu com isso condensar a Lei Divina a esses três tópicos, mas esclareceu que cada um deveria procurá-la no seu próprio mundo interior, quando afirmou: “*O Reino dos Céus está dentro de vós.*”

Os povos antigos procuravam a Verdade no próprio íntimo, mas a arrogância dos cristãos os fez ignorar as lições do passado multimilenário e criou-se uma estrutura hierarquizada e falsa, que se denominou Cristianismo, que retardou o progresso da humanidade da Terra, porque

deveria ter levado em consideração as lições dos antigos missionários de Jesus, como Lao Tsé, Sócrates e outros, que viveram no Egito, em Mu, Atlântida etc. etc. e não procurado construir o edifício do Conhecimento já pelo sétimo ou oitavo andar.

A Revelação vem-se processando desde que os primeiros seres humanos apareceram na Terra, pois missionários de Jesus foram encarregados de ensiná-los em tempos tão remotos que a História não registra.

Esse desconhecimento é proposital, orquestrado pelas Trevas, a fim de que as criaturas humanas deste planeta ignorem seu passado e as realizações antigas, porque, com essa ignorância, apegam-se às coisas materiais e não evoluem espiritualmente.

5 – O CAMINHO DO CONHECIMENTO

Para ter acesso a esse conhecimento o caminho é o da viagem astral, ou seja, o ingresso no estado alterado de consciência, quando ocorrem revelações sobre a própria criatura e sobre a Lei Divina.

Na seara espírita Hermínio Correa de Miranda lidou muito na área das viagens astrais, que ele denominava de regressão de memória, com o detalhe de que não lhe importava o paciente simplesmente se lembrar de fatos passados, mas sim de “*ir lá*”, revivendo os fatos acontecidos.

Os adeptos do Xamanismo chamam essa introspecção de “*viagem xamânica*”, a qual se diferencia das outras formas pela fato do paciente fazer-se acompanhar de um Espírito Orientador da sua confiança e do seu “*animal de poder*”, ou seja, um Espírito sub humano fiel ao paciente.

Cada pessoa tem, no mínimo, um “*animal de poder*”, cuja revelação ocorre pela procura interior do próprio paciente, mas não é possível pela revelação através de outras pessoas.

Com o tempo e o exercício continuado, muitas revelações vão sendo feitas ao paciente pelos Orientadores Espirituais nessas oportunidades de mergulho no próprio mundo interno.

Sabe-se que o corpo físico limita a percepção espiritual em grande parte e que médiuns extraordinários, como Chico Xavier, vivem uma situação diferenciada, superior, pois captam, ao mesmo tempo, tanto a realidade material quanto a espiritual em iguais proporções, mas isso é muito raro.

Sathya Sai Baba, Divaldo Pereira Franco, Yvonne do Amaral Pereira e alguns outros estão nesse patamar.

Mas a maioria tem de entrar no estado alterado de consciência para ter acesso a determinadas informações dos seus Orientadores Espirituais.

Na verdade, não é o próprio paciente que acessa esses dados, mas sim eles lhes são revelados pelos seus Orientadores Espirituais.

Os adeptos do Santo Daime utilizam uma beberagem, que não é droga, para ativar o ingresso no estado alterado de consciência, mas quem é médium não necessita desse tipo de recurso.

Todavia, não é apenas entre os encarnados que ocorre a limitação do conhecimento da Verdade, pois, no próprio mundo espiritual, as grandes revelações não ocorrem espontaneamente aos desencarnados, mas eles têm de entrar no estado alterado de consciência, pois a realidade deles é pouco mais ampla que a da maioria dos encarnados, quando se tratam de Espíritos de evolução mediana.

Exercitar-se a entrar no estado alterado de consciência é uma das mais importantes realizações dos seres humanos encarnados e desencarnados.

Através dessas incursões aprendem-se verdades que livro algum registra, pois a Verdade, como sempre dizemos, está muito além dos livros que se possam escrever na Terra ou nos outros planetas.

A forma de registro através de palavras é uma das mais primitivas que existe no Universo e, no caso dos habitantes da Terra, demonstra o grau do seu primitivismo.

Os registros psíquicos, por sua amplitude e profundidade, são, geralmente, intraduzíveis em palavras: devemos entender isso e não nos limitarmos pelas palavras, debatendo acirradamente, por exemplo, sobre os Ensinos de

Jesus, porque eles, na verdade, nunca caberiam dentro do vocabulário terráqueo.

Procedem mal os que debatem sobre o que Jesus quis significar com, por exemplo, um determinado Ensino, porque costumam interpretar tudo segundo a compreensão humana, mas Jesus ensinou segundo a compreensão angelical, na qual Ele vive há muitos milhões de anos.

Aprendamos, portanto, a identificar nos Seus Ensinos aquilo que a nossa revelação interna mostrar, porque será a orientação de Espíritos Superiores, e não o significado gramatical das palavras segundo os dicionários terráqueos.

6 – VIAGEM ASTRAL

Existem técnicas de viagem astral, que podem ser aprendidas, mas que os médiuns têm condições de compreender e vivenciar melhor.

Ao invés de desdobrarmos o assunto aqui, vamos transcrever um texto que faz parte do livro “*Tratamento Espiritual – implementação da Ciência Cósmica 4*”, que não colocaremos entre aspas:

TÉCNICA DE RELAXAMENTO

Cada um pode idealizar sua própria técnica de relaxamento, mas, para quem não conhece nenhuma, apresentamos a sugestão que se segue.

O principal no relaxamento é asserenar o pensamento, pois é mais fácil asserenar o corpo do que a mente.

Há quem tenha mais facilidade para acalmar a própria mente, por uma série de fatores, mas ninguém deve se considerar sem condições de conseguir um nível razoável de tranquilização mental.

Acredite em você mesmo e tenha real desejo de realizar o exercício que propomos.

Com o tempo, haverá mais facilidade e você verá que compensa relaxar, até para sua própria vida profissional, familiar etc. etc.

Um pensador falou certa vez: “- Não pense, porque você acabará falando.” Ele queria dizer, com isso, que é importante o controle sobre os próprios pensamentos.

Isso sem contar que os pensamentos podem estar sendo induzidos por Espíritos malévolos e, nesses casos, mais ainda, devem ser tratados com cuidado.

Divaldo Pereira Franco ensina uma técnica interessante e muito boa quando diz que não devemos guerrear contra os pensamentos negativos, pois isso gera um desgaste muito grande, mas sim devemos mudar de pensamentos.

Assim, quando vier uma indução negativa, focalizemos uma referência nobilitante.

Mas devemos saber que os Espíritos malévolos somente nos induzem pensamentos compatíveis com nossos pontos fracos.

Ninguém tentará induzi-lo a assaltar uma pessoa se você não tem esse ponto fraco e assim por diante.

Porém, como dissemos, o principal no relaxamento é asserenar os pensamentos.

UMA POSIÇÃO CORPORAL CONVENIENTE

Apesar de várias pessoas preferirem a posição de lótus, a maioria, pelo menos no Ocidente, opta pelo decúbito ventral, ou seja, deitar-se de barriga para cima.

Essa posição é confortável, contanto que a pessoa assuma o propósito firme de manter-se relaxada fisicamente e com a mente serena, sem oscilar os pensamentos.

Como dissemos anteriormente, o principal é como estaremos mentalmente: se boiando numa superfície aquosa serena ou no topo de uma gigantesca onda marinha, balançando violentamente entre altos e baixos.

Para isso é necessário nos desvincularmos de qualquer outro tipo de pensamento que não seja de encontrarmos o nosso próprio Eu, ou seja, nossa essência divina, a fim de estarmos, em última instância, em contato com Deus.

Deus está presente em toda parte e não precisamos olhar para cima para falarmos com Ele.

Os indianos em geral dirigem-se diretamente a Ele, sem intermediários.

Os ocidentais em geral, induzidos erradamente pelos sacerdotes cristãos, aprenderam a considerá-los como indispensáveis à conversa com Deus.

Mas, cada um pode e deve falar direto com Deus.

Na viagem para dentro de si, na verdade, cada criatura humana vai estar em contato com Deus, que permitirá ou não respostas às necessidades individuais, conforme Sua Justiça de Amor e Caridade.

A posição corporal não é o item mais importante da viagem astral e cada um pode escolher a que melhor lhe aprouver, inclusive sentado.

APAGANDO A PRÓPRIA LUMINOSIDADE

Uma das múltiplas formas de relaxar é imaginar-se como uma lâmpada acesa e que se vai apagando a começar pelos pés, pernas, coxas, cintura, tronco, mãos, braços, antebraços, ombros, pescoço, face e cérebro, mas deixando a mente acesa.

Outras formas podem ser utilizadas, contanto que, ao final desse trabalho inicial, a pessoa sinta-se fisicamente relaxada e serena espiritualmente.

Não deve haver medo algum, pois não há nenhum perigo nessa iniciativa tão saudável para o próprio corpo, que precisa de descanso, tanto quanto para o próprio Espírito, que deve procurar a paz interior.

A presença de música calmante fica ao gosto de cada um, de incenso etc. etc.

Há pessoas que utilizam cristais próximas de si ou segurando-os nas mãos ou colocados sobre o corpo.

Outros recorrem à Cromoterapia, utilizando luzes de cores apropriadas, dentre as quais a mais adequada é a violeta, pelos seus efeitos curativos.

Porém, o mais importante de tudo é o próprio pensamento, sem o que os resultados podem ser inócuos, uma vez que a sintonia mental no Bem é que propicia a cura ou melhoria.

Acreditar que os recursos internos suprem a má sintonia mental é fantasia, porque tudo isso é um trabalho mental.

Façamos uma comparação: ninguém consegue sintonizar uma determinada emissora de rádio procurando na faixa errada. Sejam bem intencionados, o mais puro de intenções que conseguirmos, sem ambição à perfeição, que está muito acima da fase humana, mas sinceros na procura de Deus e da nossa própria evolução espiritual, confiando no Pai Celestial e pedindo-Lhe a oportunidade de redenção, que tudo irá dando certo, porém, sem querermos cobrar de Deus milagres que não merecemos.

ENCONTRANDO ORIENTADORES E ACOMPANHANTES

Como dissemos linhas atrás, o intercâmbio entre encarnados e desencarnados é muito maior e intenso do que a maioria dos encarnados imagina e esse contato se faz pelo pensamento, de forma espontânea e automática.

Por isso, devemos pedir a ajuda espiritual de algum desencarnado que nos inspire intensa confiança e que seja alguém realmente evoluído, pois, nesse trabalho, não basta apenas a boa vontade, mas sim a superioridade espiritual.

Falaremos, adiante, também, na ajuda do nosso animal de poder, ou seja, um Espírito que ainda moureja na fase animal, cuja presença se faz indispensável, porque há necessidades que somente são supríveis mais facilmente por Espíritos cujas vibrações são dessa frequência.

Para entendermos isso, podemos dizer que não pediremos a uma senhora que carregue para nós um saco de cimento, mas sim a um trabalhador braçal, acostumado a esse tipo de serviço.

Entendido isso, passemos adiante.

ORIENTADOR ESPIRITUAL

Yvonne do Amaral Pereira dizia sempre da importância da sintonização com o Orientador Espiritual ou no plural.

Cada pessoa deveria saber quem são seus Orientadores Espirituais, tal como sabe o nome de cada um dos seus grandes amigos.

ANIMAL DE PODER

Há algumas formas de cada um descobrir seu animal de poder, havendo pessoas que detectam mais de um, mas o mais comum é cada um identificar apenas um.

Quando a pessoa não sabe qual é o seu deve procurar a ajuda de um terapeuta ou médium encarnado, inclusive para o fim do animal de poder dessa outra acompanhar o trabalho.

DESCENDO UMA ESCADA

Há várias formas de aprofundarmos o transe, sendo uma delas imaginar que estamos descendo uma escada com dez degraus.

A descida deve ser calma, sempre se sentindo seguro, em paz e acompanhado do Orientador Espiritual e do animal de poder.

Não há razão para temores, pois é apenas um contato com a nossa própria realidade interior, onde estão arquivadas nossas reminiscências do passado multimilenário, ou melhor, os bilhões de anos de nossa existência como Espírito, desde a fase sub-humana.

Qualquer ideia que nos venha à mente deve ser admitida com tranquilidade, pois poderá representar uma revelação para ser trabalhada no processo terapêutico.

Não devemos nos envergonhar nem nos orgulharmos de nada do que nos vier à mente, pois tudo isso pode representar pontos a seres retificados no nosso íntimo, feridas a serem lavadas e tratadas, com humildade, com obediência à Lei de Deus, caso queiramos realmente redirmo-nos dos erros passados e seguirmos adiante na estrada evolutiva.

Em caso contrário, aquela dívida nos manterá presos a uma época que já passou e que não merece mais ser lembrada, pois, tirante Jesus, todos os demais passantes pela Terra erraram, e muito.

OS DEZ DEGRAUS

Alguém pode querer imaginar mais degraus, mas isso fica a critério de cada um.

O importante é que seja aprofundado o relaxamento físico e tranquilizada a mente.

O GRAMADO

Ao final da escadaria, é conveniente imaginar um imenso gramado.

Podemos nos ver pisando descalços nesse gramado, sentindo todas as energias negativas que trazemos em nós saindo do nosso corpo e entrando no solo, o que nos dará grande alívio.

Devemos sentir esse prazer e essa serenidade.

O DESCARREGAMENTO DE ENERGIA NEGATIVA NO GRAMADO

Por mais que nos julguemos acima das contingências humanas, por orgulho, na verdade, somos frágeis barquinhos no oceano da Vida, o que não nos diminui, mas sim nos valoriza, pois somos todos filhos de Deus e não há nada mais importante que isso.

Sejamos, portanto, gratos a Deus por nos ter criado e gratos a todas as demais criaturas, porque, sem elas, não haveria motivação para vivermos.

Fiquemos felizes pelo gramado ter recebido nossas energias negativas.

O BANHO DE CACHOEIRA

Para nos reabastecermos, podemos imaginar uma cachoeira do jeito que mais nos aprouver.

A água pode ser brilhante e cheia de energia pacificadora e calmante, ao mesmo tempo em que portadora de espiritualidade.

O REABASTECIMENTO DA ENERGIA POSITIVA NO CONTATO COM A ÁGUA

A água é um dos melhores condutores de energia e, por isso, pode ser mentalizada neste trabalho de cura espiritual.

Qualquer banho comum de chuveiro leva ralo abaixo muita energia negativa impregnada no nosso psiquismo e no corpo físico.

Imagine-se o quanto pode nos beneficiar uma mentalização com uma água purificada de uma natureza muito mais sutil que a nossa água comum da Terra!

Todavia, como sempre dizemos, tudo isso é puramente mental e a absorção da energia benéfica deve fazer parte desse nosso esforço mental.

AS INDAGAÇÕES SOBRE QUESTÕES ESPIRITUALMENTE RELEVANTES

Normalmente, não deveremos, sem orientação espiritual adequada, descer outro ou outros lances de escada, porque, no primeiro mesmo, poderemos ter muitas soluções para nossa problemática espiritual.

Ninguém indagará, nesse estado alterado de consciência, sobre questões materiais, nem procurará enganar a própria consciência, pois, se não, será vão todo o esforço realizado.

Na verdade, quem estará encaminhando as soluções é o Orientador Espiritual, que conhece a biografia do seu assistido e quererá ajudá-lo a evoluir.

As indagações internas podem variar de uma viagem para outra, porque, com sua repetição, as soluções internas vão surgindo, tudo dependendo do propósito verdadeiro de cada um.

Trata-se da hora da verdade e cada um colherá os frutos que merece, sob o Olhar Atento de Deus.

Muitas pessoas que conhecem os segredos desse mergulho espiritual recusam-se a informar maiores detalhes ao grande público ou promover cursos a respeito, porque, infelizmente, haverá quem quererá captar pacientes para ganhar dinheiro às suas custas, ao invés de realizar a caridade pura e simples.

Dessa forma, nosso estudo quanto às viagens astrais vai apenas até este ponto.

Mas, na verdade, trata-se esta fase apenas a primeira de uma série bem mais complexa.

7 - A FINALIDADE DA VIDA

A vida de cada criatura humana deve visar seu progresso interior, o qual significa o aperfeiçoamento das suas próprias virtudes, a superação dos defeitos morais e vícios e a aquisição do Amor a Deus e a todos os seres do Universo.

A maioria das pessoas está acostumada, há milênios, ao culto exterior, com o que acredita cumprir os seus deveres para com Deus.

Hoje em dia, com o predomínio do materialismo, até o culto exterior anda prejudicado, sendo que grande parte da humanidade, sobretudo os ocidentais, sequer se entende obrigada a qualquer manifestação religiosa ou filosófica que inclua Deus.

Preocupam-se com o “*comer, dormir e reproduzir*”, mas, com o tempo, acabam sofrendo as consequências dessa irresponsabilidade para com seu próprio mundo interior, assim contraindo doenças graves, normalmente de cunho psicossomático, vícios de várias ordens e a fixação nas coisas materiais.

Com a desencarnação, essas criaturas, despreparadas moral e psiquicamente, lotam as zonas purgatoriais e muitas continuam atreladas aos encarnados, obsidiando-os através das brechas morais que neles encontram.

A obsessão de desencarnado para encarnado é tratada no livro “*Libertação*”, de André Luiz, cuja leitura recomendamos, pois que mostra a realidade do vampirismo espiritual que existe na Terra, comandado por Espíritos que se intitulam “*dragões*”.

8 - JESUS: DIVINO GOVERNADOR DA TERRA

Jesus é o Governador da Terra e cada ser humano que a habita e se disponha seriamente a aprender e praticar a Ciência Cósmica pode se considerar Seu discípulo.

O poder de Jesus se baseia em duas premissas: “*Eu, de Mim mesmo, nada posso*” e “*Seja feita a Vossa Vontade, Pai, e não a Minha*”.

Ao contrário dos governantes terrenos, que procuram, na sua maioria, a satisfação das próprias vontades, Jesus

apenas obedece ao Pai, na expressão da Lei Divina, e, com isso, cumpre Seu papel de orientador da evolução de todos os seres ligados ao planeta, dos subatômicos aos humanos.

Engana-se quem pensa que Jesus está distante dos problemas dos habitantes da Terra, mas Ele não vê apenas as necessidades humanas, mas também as dos sub-humanos, pois *“somos todos um”*.

Cada criatura humana que dirigir uma rogativa a Ele, deve dizer como Ele: *“Seja feita, Pai, a Vossa Vontade e não a minha.”*

Pedir privilégios, isenção de enfrentamentos em relação às próprias mazelas morais e outras situações semelhantes é falar para as paredes, pois Jesus tem o compromisso de contribuir para a evolução espiritual dos Seus pupilos e não conceder-lhes benesses nocivas ao próprio desenvolvimento como criaturas perfectíveis.

Recomendamos a leitura do livro *“Jesus: Divino Governador da Terra”*, publicado em luizguilhermemarques.com.br.

9 - OS GOVERNANTES ESPIRITUAIS

Cada mundo tem seu Governador, bem como cada sistema, galáxia, nebulosa, universo etc.

Jesus, por exemplo, não é o Espírito mais evoluído do Universo, mas sim o Governador da Terra, sendo que todos os corpos celestes têm seu respectivo Governador, como acontece igualmente com as constelações, as galáxias, os universos etc. etc.

Todavia, devemos reverenciar a Jesus e agradecer-Lhe a dedicação, pois Ele é quem comanda todos os surtos evolutivos da Terra e a quem muito devem os habitantes deste planeta.

A visão cósmica deve transcender os mundos e aprofundar-se pelo Universo a dentro, até num exercício de desligamento das questiúnculas terrenas, que, normalmente, resumem-se aos interesses materiais, sendo que Jesus, ensinando que nada pertence a ninguém, disse: *“Eu não tenho*

uma pedra onde assentar a cabeça.”, no que tinha razão, pois cada um dos itens do Universo é uma criatura e nenhuma criatura é proprietária de outra.

10 – AS MUITAS MORADAS

Existem inúmeras dimensões, bem como universos e, por isso, o Universo nunca ficará superpovoado.

A realidade tridimensional das criaturas terráqueas encarnadas é a básica, mas há outras dimensões, cujo número é ilimitado.

Os universos se interpenetram e não interferem uns nos outros, pois vibram em faixas diferentes.

Aprendamos a pensar dessa forma, a fim de nos prepararmos para a compreensão das realidades espirituais.

11 – O QUE É O MERECIMENTO

A evolução é infinita e os Espíritos vão sendo promovidos a mundos superiores pelo merecimento, ou seja, pela qualidade das suas irradiações espirituais.

O merecimento se mede pela qualidade das irradiações psíquicas de cada criatura humana ou não.

Não há nada de material nessas avaliações, ao contrário das avaliações terrenas.

Assim, não é o número de iniciativas que conta, mas a qualidade intrínseca de cada criatura, que se traduz em luminosidade.

Quem é primitivo será conduzido a ambientes de igual natureza e vice-versa.

Não se deve pensar em comprar indulgências sob a forma de caridade material, mas sim aperfeiçoar-se intimamente, sublimando a própria realidade interna.

O trabalho simplesmente material retrata o primarismo e muitas criaturas da Terra, mas o importante é trabalhar com o pensamento no Bem de todos e da própria evolução espiritual.

12 – O DOENTE PRECISA DO MÉDICO

Todos têm de habitar periodicamente mundos inferiores, a fim de ajudar a evolução dos habitantes daqueles orbes, pois a Lei Divina contempla o Amor Universal como um dos seus itens mais importantes.

Muita gente quer, ao desencarnar, ir habitar colônias espirituais aprazíveis, como a conhecida “*Nosso Lar*”, bem como quer promoção para mundos superiores, mas a verdade é que os Espíritos Superiores cumprem, seguidamente, missões de auxílio e esclarecimento em mundos inferiores.

Devemos aprender que servir é a regra mais importante para a evolução espiritual.

Muitos Espíritos sublimados deverão reencarnar em Quírom, a fim de orientar a humanidade daquele planeta, que receberá os degredados da Terra proximamente.

O egoísmo é que faz muitos quererem dispensar-se do dever de servir, esquecendo-se da Lição de Jesus de lavar os pés dos apóstolos e outras tantas.

13 – SOMOS TODOS UM

Jesus não fundou o Cristianismo, mas sim veio ensinar a Ciência Cósmica, que alguns seguidores sectários desvirtuaram e que se transformou em pretextos para perseguições, guerras religiosas e divisionismo, nada disso autorizado por Ele.

Vejamos algumas informações vindas ao conhecimento da humanidade da Terra por meio de fontes não declaradamente cristãs.

Referem-se à realidade dos Espíritos primários, viventes na fase de células, que encarnam sob a forma de células.

Transcreveremos o texto intitulado “*Os Ancestrais e as Diferentes Inteligências*” (<http://construindoumanovaconsciencia.blogspot.com.br/2009/09/os-ancestrais-e-as-diferentes.html>):

“De acordo com os ancestrais de diferentes partes de nosso mundo, nosso corpo sente e pensa. Por exemplo, no caso dos ancestrais das tribos australianas, quando uma

pessoa se fere ou adoecer, a tribo se reúne ao redor do enfermo e canta pedindo perdão à ferida ou parte afetada. E esta começa automaticamente a dar sinais de melhora e ocorrem curas milagrosas.

O mesmo ocorre nas assombrosas curas dos kahunas ou médicos magos havaianos. Eles entram em oração direta com a parte afetada pedindo-lhe perdão. Esse ato de oração envolve os magos, o paciente e todas as vidas durante as quais eles possam ter se encontrado e se envolvido com essa pessoa. E também ocorrem curas consideradas milagrosas.

No conhecimento ancestral Inca, tudo é reciprocidade, quando alguém adoecer ou se enche de energia pesada ou “hucha”, por ter atitudes egoístas, não deixando fluir o “sami” ou energia leve. Por isso nas curas se pede para aquela parte do corpo se harmonizar com ‘pachamama’ permitindo que o bloqueio se reequilibre. E a pessoa se cura. No caso dos Lakotas, na América do Norte, eles falam com o corpo para informar-lhe que existe uma medicina que vai curá-lo. E logicamente as pessoas se curam. Como vemos, examinando alguns casos de medicina ancestral, chegamos a uma interessante conclusão: os ancestrais aceitavam as partes de nosso corpo como um ser completamente inteligente e autônomo do cérebro. Isso durante os últimos séculos passou a ser considerado como fraude ou superstição. Mas vejamos agora as descobertas mais recentes da ciência. Você vai ficar estupefata (o).

A sabedoria do corpo é um bom ponto de acesso às dimensões ocultas da vida: é totalmente invisível, mas inegável. Os investigadores médicos começaram a aceitar este fato em meados dos anos oitenta. Anteriormente se considerava que a capacidade da inteligência era exclusiva do cérebro. Então foram descobertos indícios de inteligência no sistema imune e, logo a seguir, no digestivo. A INTELIGÊNCIA DO SISTEMA IMUNE

A Dra. Bert descobriu (e logo outros cientistas confirmaram), que existem tipos de receptores

inteligentes não só nas células cerebrais, mas em todas as células, de todas as partes do corpo (chamaram inicialmente de neuropeptídios). Quando começaram a observar as células do sistema imunológico, por exemplo, as que protegem contra o câncer, contra as infecções, etc., encontraram receptores dos mesmos tipos que os do cérebro. Em outras palavras, suas células imunológicas, as que o protegem do câncer e das infecções, estão literalmente vigiando cada um dos seus pensamentos, cada emoção, cada conceito que você emite, cada desejo que tem. Cada pequena célula T e B do sistema imunológico produz as mesmas substâncias químicas produzidas pelo cérebro quando pensa. Isto torna tudo muito interessante, porque agora podemos dizer que as células imunológicas são pensantes. Não são tão elaboradas como as células cerebrais, que podem pensar em português, inglês ou espanhol. Mas sim, elas pensam, sentem, se emocionam, desejam, se alegram, se entristecem, etc. E isto é a causa de enfermidades, de stress, câncer, etc. Quando você se deprime entram em greve e deixam passar os vírus que se instalam em seu corpo.

A INTELIGÊNCIA DO SISTEMA DIGESTIVO.

Há dez anos parecia absurdo falar de inteligência nos intestinos. Sabia-se que o revestimento do trato digestivo possui milhares de terminações nervosas, mas que eram consideradas simples extensões do sistema nervoso, um meio para manter a insossa tarefa de extrair substâncias nutritivas do alimento. Hoje sabemos que, depois de tudo, os intestinos não são tão insossos. Estas células nervosas que se estendem pelo trato digestivo formam um fino sistema que reage a acontecimentos externos: um comentário perturbador no trabalho, um perigo iminente, a morte de um familiar. As reações do estômago são tão confiáveis como os pensamentos do cérebro, e igualmente complicadas.

A INTELIGÊNCIA DO FÍGADO

As células do cólon, fígado e estômago também pensam, só que não com a linguagem verbal do cérebro. O que chamamos “reação visceral” é apenas um indício da

complexa inteligência destes milhares de milhões de células. Em uma revolução médica radical, os cientistas acessaram uma dimensão oculta que ninguém suspeitava: as células nos superaram em inteligência durante milhões de anos.

A INTELIGÊNCIA DO CORAÇÃO

Muitos acreditam que a consciência se origina unicamente no cérebro. Recentes investigações científicas sugerem, de fato, que a consciência emerge do cérebro e do corpo atuando juntos. Uma crescente evidência sugere que o coração tem um papel particularmente significativo neste processo. Muito mais que uma simples bomba, como alguma vez se acreditou, o coração é reconhecido atualmente pelos cientistas como um sistema altamente complexo, com seu próprio e funcional “cérebro”. Ou seja, o coração tem um cérebro ou inteligência. Segundo novas investigações no campo da Neurocardiologia, o coração é um órgão sensorial e um sofisticado centro para receber e processar informação. O sistema nervoso dentro do coração (ou o “cérebro do coração”) o habilita a aprender, recordar e tomar decisões funcionais independentemente do córtex cerebral. Além da extensa rede de comunicação nervosa que conecta o coração com o cérebro e com o resto do corpo, o coração transmite informação ao cérebro e ao corpo, interagindo através de um campo elétrico.

E LEIA ISTO...

O coração gera o mais poderoso e mais extenso campo elétrico do corpo. Comparado com o produzido pelo cérebro, o componente elétrico do campo do coração é algo assim como 60 vezes maior em amplitude, e penetra em cada célula do corpo. O componente magnético é aproximadamente 5000 vezes mais forte que o campo magnético do cérebro e pode ser detectado a vários pés de distância do corpo com magnetômetros sensíveis.

RECOMENDAÇÕES: *As investigações do Instituto HeartMath sugerem que respirar com Atitude, é uma ferramenta que ajuda a sincronizar seu coração, mente e*

corpo para dar-lhe uma coerência psicofisiológica mais poderosa. Ao usar esta técnica regularmente – experimente-a cinco vezes ao dia - você desenvolverá a habilidade para realizar uma mudança de atitude durável. Respirando com Atitude, você coloca o foco em seu coração e no plexo solar, enquanto respira com uma atitude positiva. O coração automaticamente harmonizará a energia entre o coração, a mente e o corpo, incrementando a consciência e a clareza. A Técnica de Respirar com Atitude

1. Coloque o foco em seu coração enquanto inala. Enquanto exala coloque o foco no plexo solar. O plexo solar se encontra umas quatro polegadas debaixo do coração, justamente debaixo do esterno onde os lados direito e esquerdo da caixa torácica se juntam. 2. Pratique inalar através do coração e exalar através da caixa torácica durante 30 segundos ou mais para ajudar a ancorar sua atenção e sua energia ali. Depois escolha alguma atitude ou pensamento positivo para inalar ou exalar durante esses 30 segundos ou mais. Por exemplo, você pode inalar uma atitude de estima e exalar uma de atenção. 3. Selecione atitudes para respirar que lhe ajudem a compensar as emoções negativas e de desequilíbrio relacionadas com as situações pelas quais você está passando. Respire profundamente com a intenção de dirigir-se ao sentimento relacionado a essa atitude. Por exemplo, você pode inalar uma atitude de equilíbrio e exalar uma atitude de misericórdia, ou pode exalar uma atitude de amor e exalar uma atitude de compaixão. 4. Pratique diferentes combinações de atitudes que você queira desenvolver. Pode dizer em voz alta: “Respiro Sinceridade, Respiro Coragem, Respiro Tranquilidade, Respiro Gratidão” ou qualquer atitude ou sentimento que você queira ou necessite. Inclusive, se você não sente a mudança de atitude a princípio, mesmo fazendo um esforço genuíno para mudar, ao menos lhe ajudará a 71

alcançar um estado neutro, no qual você terá mais objetividade e poupará energia.

O QUE LHE PARECE? OS ANCESTRAIS TINHAM RAZÃO? O QUE VOCÊ ACHA?

ABRAÇOS

JORGE CARMONA

Traduzido para o português: Eleonôra”

14 – O QUE É A CIÊNCIA CÓSMICA

A Ciência Cósmica está acima e além de qualquer ideia de divisionismo e não tem fundadores nem representantes, pois é apenas a Lei de Deus, que está registrada no íntimo de todas as Suas criaturas.

A Ciência Cósmica é infinita, pois cada um, à medida que evolui espiritualmente, detecta uma parcela maior da Verdade.

É importante entendermos que a Verdade está dentro de cada criatura de Deus.

Trata-se essa informação de uma das mais importantes que Jesus revelou e que, aliás, já era conhecida de povos anteriores aos judeus.

Cada pessoa que se interessar em estudar a Ciência Cósmica não precisará ingressar em universidades ou diplomar-se, mas apenas investir na auto reforma moral e desenvolver-se nos exercícios de interiorização psíquica, relatados acima de forma sumária.

O caminho é individual e cada um deve segui-lo, tanto que Jesus recomendou: *“Pega a tua cruz e segue-Me.”*

15 – A CIÊNCIA CÓSMICA É INFINITA

Não há um número limitado de postulados da Ciência Cósmica, porque cada criatura a percebe e compreende dentro do seu próprio grau evolutivo espiritual e, portanto, é ilimitada.

Já fizemos esta afirmação linhas atrás e repetimo-la aqui, para que ninguém pense em estagnação, dogmatismo, exclusivismo, formação de uma estrutura hierarquizada e

outras formas de engessamento, que tanto prejudicaram os movimentos progressistas que aportaram na Terra e que foram neutralizados pelas Trevas.

RECOMENDAÇÕES PARA O SUCESSO DO TRATAMENTO

O principal deles é a auto reforma moral profunda e sincera.

PARTE II – OS ÍNDIOS DO BRASIL

CAPÍTULO I: SUA ORIGEM

No seu livro “*O Continente Perdido de Mu*”, James Churchward afirma que essa grande ilha [1], que submergiu no Oceano Pacífico há alguns milhares de anos atrás, é a pátria-mãe de todas as civilizações da Terra.

A assertiva encontra resistência entre a imensa maioria dos estudiosos, que duvidam, inclusive, de que o famoso continente existiu, dizendo que não há nenhum vestígio de que tenha realmente existido.

Todavia, aquele pesquisador inglês, autor do mencionado livro, encontrou provas, que reputa cabais, da realidade do continente perdido.

Pessoalmente, temos certeza de que Mu existiu e, inclusive, nossa falange lá habitou por sucessivas reencarnações, mas a civilização de Mu degenerou e isso provocou sua ruína, sendo determinado pelo Conselho Cármico da Terra [2] sua submersão, devido à carga negativa tão pesada que se congregou sobre aquele ponto do planeta, prejudicando a própria vida saudável dos demais pontos do globo.

Todavia, muitos se salvaram da submersão e levaram para os demais recantos da Terra as boas qualidades intelecto-morais de que dispunham e, assim, fundaram-se ou desenvolveram-se outros núcleos de evolução.

Não nos importam os corpos que usamos para reencarnar e sim as qualidades que vamos adquirindo: falamos isso em considerando qualquer criatura e não apenas nós, os membros da falange da Casa da Vida.

Se é verdade que a morte ceifou milhões de vidas humanas e bilhões de vidas sub-humanas no grande desastre de Mu, esses seres continuaram existindo e foram habitar outros continentes e influenciaram, cada um dentro da sua índole, a vida desses outros núcleos de vida.

Os índios das Américas, inclusive os do Brasil, são muito antigos, tanto que o estudioso Kaka Werá Jekupé [3] afirma que têm quinze milênios de civilização no continente onde habitam.

Dessa forma, quando os europeus chegaram em suas naus, os ameríndios contavam com mais ou menos esse tempo de desenvolvimento de uma cultura voltada para a Natureza no seu sentido mais amplo e viviam muito melhores do que os gregos, romanos da Antiguidade e os europeus do século XVI.

Não é à toa que Montaigne [4] valorizou, da França onde morava, as qualidades da vida simples e espontânea dos índios do Brasil, considerando-os mais felizes que os franceses, por exemplo, que matavam uns aos outros na famosa guerra civil entre católicos e protestantes.

A verdade é que a chegada dos europeus ao continente americano em nada contribuiu para a melhoria na qualidade de vida dos ameríndios, que não precisavam da tecnologia desse povo para viver bem, como vinha vivendo.

Na visão europeia somente pode ser feliz quem está rodeado de luxo e com a cabeça cheia de informações na maioria inúteis sobre os requintes e futilidades da civilização ocidental e não conseguem entender como alguém possa considerar-se feliz no meio dos bichos, plantas e minerais das regiões tidas como selvagens.

Mas a verdade é que o móvel da presença europeia no continente americano foi o de extrair todas as riquezas minerais e levá-las para a Europa, a fim de construírem seus palácios e viver no maior luxo e desperdício.

“Civilizar” os ameríndios foi, na verdade, um mero pretexto de religiosos inescrupulosos e aventureiros e reis gananciosos e frios.

O nome do Cristo serviu de pretexto para essas arremetidas das Trevas contra o que havia de desenvolvimento espiritual nas criaturas da raça vermelha, que habitavam o continente americano.

Para quem não sabe, há na Terra um grupo numeroso de espíritos da fase humana que se dedicam ao Mal e que se autodenominam Trevas, chefiados cruelmente por um número reduzido de grandes desviados no Mal, que se autodenominam “*dragões*” [5], os quais teimam em procurar perseguir quem quer que se proponha a evoluir espiritualmente.

Não querem o progresso das criaturas, pois preferem governar escravos a serem líderes de espíritos conscientes da Lei Divina: interessa-lhes o poder pelo poder e tudo procuram fazer para manterem-se no comando de largas faixas do submundo do Mal.

Pois bem, esses espíritos chegaram, por meio dos seus representantes encarnados, em muitas embarcações que aportaram nas três Américas e aqui foram explorando os ameríndios, escravizando e matando, estuprando e contaminando com doenças desconhecidas pelos autóctones.

Se formos pesar e medir o resultado da presença dos chamados “colonizadores”, veremos que muito mal produziram e quase nada fizeram de realmente bom para este continente.

Não se trata de saudosismo, mas da pura realidade.

Quem ama a Natureza e a espiritualidade de verdade pode chegar a essa conclusão, mas quem não enxerga tudo com os olhos da malícia e da futilidade vai, na certa, criticar nossa afirmação e chamar-nos de loucos ou visionários.

Mas não nos importam essas críticas, porque a verdade fala por si própria e não precisa de argumentos para mostrar aos olhos das criaturas de boa-fé.

A realidade é que os ameríndios não eram criaturas primitivas, mas sim seres integrados à Natureza, como deve ser toda criatura da fase humana que tem consciência de que a saúde, a felicidade e a cultura somente se adquirem e são mantidas na integração completa entre todos os seres humanos, animais, vegetais e minerais.

Sem essa integração, a vida nunca é realmente a melhor possível.

A humanidade dita “civilizada” tem pagado caro pelo seu voluntário e malicioso distanciamento em relação à Natureza e o resultado vemos no dia a dia dos “civilizados”.

CAPÍTULO II: A CHEGADA DOS EUROPEUS

Os europeus comemoram o que resolveram chamar de “*descobrimento*” com grande orgulho, como se tivessem realizado um grande feito em favor da humanidade e do progresso do planeta, quando, na verdade, procuravam nas Américas a satisfação dos seus baixos instintos e da sua ganância.

Um ou outro idealista veio em busca de uma vida mais saudável, mas a imensa maioria queria mesmo é encher os bolsos de ouro e escravizar criaturas humanas, que, no caso, eram os índios.

Dentre os que acabaram valorizando a cultura ameríndia relacionamos o padre jesuíta cujo nome era Juan Azpilcueta [6], que ficou conhecido como Navarro, o qual tornou-se discípulo de Cunhambebe [7], depois de vários encontros pessoais com o famoso cacique e pajé, com quem aprendeu um pouco da Ciência dos ameríndios, mas que foi envenenado pelos colegas de batina, que rasgaram seus relatos onde deixava documentada aquelas informações importantes para o progresso espiritual e científico da humanidade.

Esse padre acabou sendo considerado um quisto doentio no seio da famigerada instituição de falsos profetas, que, a pretexto de catequisarem os índios, trouxeram a violência e a mentalidade autoritária da Inquisição para as terras do Brasil.

CAPÍTULO III: AS CRÍTICAS DOS EUROPEUS

Como viviam de uma forma antinatural e, portanto, tendente à infelicidade no seu próprio continente, os europeus procuraram rotular a vida dos ameríndios como primitiva, selvagem, brutalizada etc., a fim de justificarem a exploração que instituíram no solo americano e a tentativa de eliminar todos os elementos humanos que habitavam este continente, a fim de se tornarem senhores absolutos destas terras.

Quatro pontos principais incomodavam os europeus e que relacionamos abaixo, analisando cada um deles.

Apesar de viverem hipocritamente, em sua grande maioria, tiveram a coragem e a desfaçatez de criticarem os ameríndios pelo que chamavam de primarismo moral.

Analisaremos cada um desses itens, a fim dos leitores de boa-fé verificarem que tratavam-se meramente de pretextos, como aqueles do lobo que queria devorar o cordeiro e qualquer argumento servia para atacar o frágil filhote.

Os maus inventam argumentos os mais absurdos para dominarem, escravizarem, explorarem e depredarem e foi o que aconteceu nas Américas.

Não queremos dizer que todos os membros da raça vermelha fossem espíritos evoluídos, pois a maioria dos habitantes da terra são espíritos primários, distribuídos entre as quatro raças (vermelha, amarela, branca e negra), mas que não há fundamento para qualquer tipo de discriminação, essa que normalmente é de iniciativa dos brancos.

Emmanuel, no seu livro “*A Caminho da Luz*”, afirma que a raça branca surgiu em decorrência das encarnações dos degredados capelinos na terra, sendo que, a essa altura, já existiam aqui as raças negra e amarela, não fazendo nenhuma referência à raça vermelha.

Não será por acaso que assim aconteceu, e, dessa forma, podemos dizer que a raça vermelha ainda não tinha chegado à Terra, pois que veio principalmente de Órion [8] e não se tratava de degredados, mas sim de espíritos uns mais e outros menos adiantados, que vieram à Terra para auxiliar no progresso das criaturas deste planeta.

Esses espíritos, no que pertinem, aos humanos, reencarnaram em vários pontos da Terra, em épocas diferentes, chegando até hoje e permanecerão mais algum tempo, até que recebam ordem no sentido de irem para outro recanto do Universo.

Como dito, não são espíritos puros, mas já adquiriram a boa vontade para servir ao progresso dos mundos por onde passam: isso já representa uma grande coisa num planeta como a terra, em que a má vontade ainda predomina.

Não pretendemos também dizer que todos os brancos sejam ligados às Trevas, mas sim que as Trevas mandaram para as Américas muitos representantes com a finalidade de expandir seus domínios e tentar neutralizar o progresso que os missionários vermelhos tinham implantado no solo americano.

Pensem nisso com isenção e atentemos para um alerta de Chico Xavier: “*Não menosprezem a força das Trevas.*”

1.1– POLIGAMIA [9]

Muitos nos tacharão de sofistas ao explicarmos a instituição da poligamia entre os ameríndios, mas diremos que qualquer coisa é boa ou má conforme a intenção com a qual é praticada.

Dessa forma, uma mesma ação é benévola ou malévola conforme o móvel do agente.

Matar pode representar um mal ou um bem, dar um prato de comida igualmente, vestir um desnudo ou curar um doente da mesma forma.

Não sejamos hipócritas no raciocinar com toda a profundidade sobre cada realidade que temos pela frente.

Quantas vezes nós mesmos não mascaramos muitas más intenções com o véu da bondade?

Assim, passemos a analisar a questão da poligamia entre os índios, que existia apenas quanto aos chamados “*principais*”, o que, por outro lado, não significava a escravização do sexo feminino.

Cunhambebe, por exemplo, foi casado com uma índia cujo nome diremos que seja Tanai e essa índia desempenhou um papel importantíssimo no seu trabalho tanto material quanto espiritual, pois é uma das dirigentes a falange da Casa da Vida.

Fazia-se necessária sua presença naquela conjuntura, inclusive pela sua mediunidade desenvolvida desde tempos imemoriais. As outras esposas pouco representavam na vida daquela dupla de espíritos afins e dedicados ao progresso da Terra.

O mesmo se pode dizer de Aimberê [10], casado com a índia Iguaçú [11], esta que ficou conhecida pela História dos brancos.

Enquanto os brancos mantinham suas amantes de forma mais ou menos disfarçada e, inclusive, os padres e outros religiosos abusavam de mulheres indefesas, inclusive estuprando-as nos presídios escuros da Inquisição, os índios tinham mais de uma esposa, respeitando-as e desfazendo-se os casamentos quando não era mais da espontânea vontade dos contratantes.

Nenhum documento havia e tudo girava em torno da espontânea vontade dos contratantes.

Melhor a clareza e a sinceridade do que a malícia e as segundas intenções, a mentira, a falsidade e o desrespeito.

Tratava-se de uma instituição que não tenderia a perpetuar-se, pois aqueles quatro espíritos elevados a que nos referimos necessitavam de aceitar a conjuntura da época para cumprirem suas elevadas missões.

O principal era isso e uma ou outra concessão ao contexto não significaria que sintonizavam na promiscuidade sexual.

Entendamos isso para não apedrejar os missionários e dar razão a muitos hipócritas, que se fazem passar por castos e, no seu próprio íntimo, são devassos.

1.2– VALORIZAÇÃO DOS PAJÉS [12]

Os pajés detinham elevado nível de conhecimento da Ciência da Natureza, a qual inclui a mediunidade, ou seja, o contato com as criaturas que se despojaram do corpo denso e vivem em outras dimensões, além de outras faculdades, que tornam umas criaturas mais lúcidas que o comum dos seres.

Esses homens e mulheres destacavam-se pela sua bagagem desse tipo de conhecimento e funcionavam como orientadores nas decisões mais importantes de cada grupamento indígena.

Acreditavam num Deus único, que chamavam de Tupã e nas forças da Natureza, mantendo contato com elas, receitando medicamentos para os doentes, curando os casos de obsessões e realizando um trabalho de esclarecimento para os menos dotados dessas faculdades do espírito.

Os padres implicaram muito com esses cientistas da Natureza e tentaram, por todas as formas, neutralizá-los, pois viam que nada conseguiriam em termos de “catequização” enquanto os pajés continuassem a ter voz ativa.

Os próprios quatro personagens a quem nos referimos acima eram pajés e mantinham contato permanente com as criaturas de outras dimensões.

Infelizmente, a maioria dos estudiosos materialistas enxerga apenas o aspecto exterior das atividades dos pajés e não compreendem que eles lidam com a energia invisível dos seres da Natureza e, portanto, desacreditam do seu trabalho.

É preciso despir-se da carapaça do materialismo para tratar das coisas do espírito, pois, em caso contrário, nem o próprio Cristo conseguirá convencer o descrente teimoso.

Uma leitura que recomendamos sobre este tema é o de Epiága, intitulado “*Muito Antes de 1500 – ensaio de ethnogenia pré-histórica do Brasil*”, da Madras Editora.

1.3 –ALCOOLISMO [13]

Muitas das beberagens utilizadas pelos ameríndios eram plantas de poder, como aquelas até hoje empregadas pelos daimistas e não visavam a embriaguez, mas sim o ingresso nos estados alterados de consciência e que não são drogas.

Quem procurou viciar os índios nas bebidas alcoólicas foram os brancos, para, com isso, melhor escravizarem os índios.

Vejamos cada coisa através das lentes da verdade e não acreditemos no primeiro historiador que apareça.

1.4 – ANTROPOFAGIA [14]

Antropofagia significa comer carne humana como alimento quando se tem fome, mas os índios comiam a carne dos guerreiros adversários não para matar a fome e sim com a ideia de que estavam assimilando sua energia de coragem.

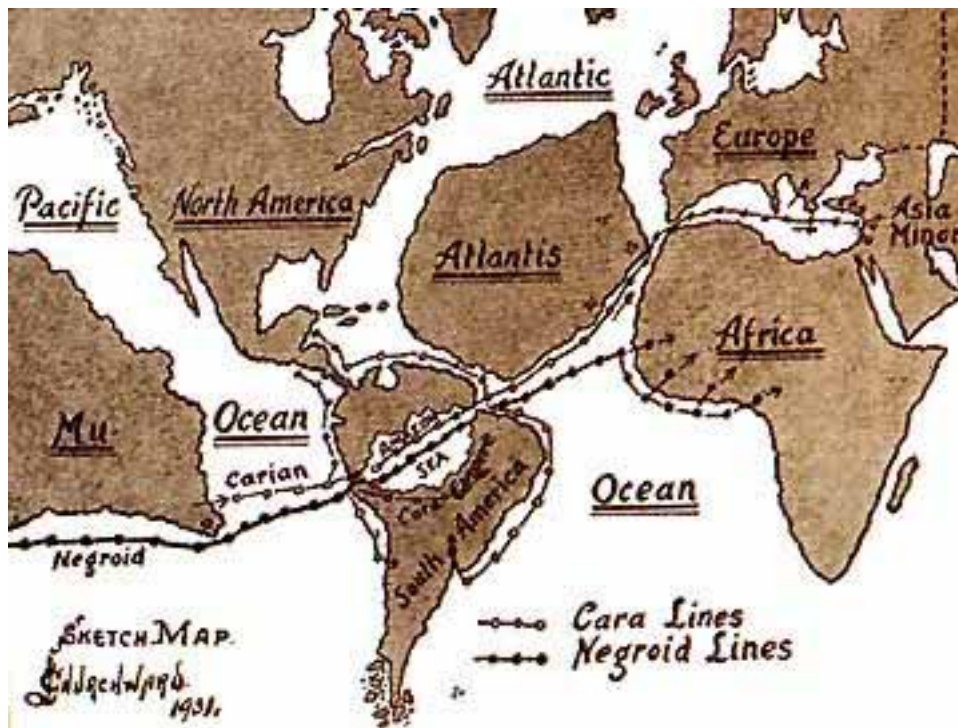
Um adversário morto tinha sua carne distribuída, em pequenos pedaços, por todos os membros da tribo e não mais do que isso.

Cunhambebe preferia, como relatou Hans Staden [15], os pedaços de braços e mãos justamente porque aí estava a força do guerreiro adversário.

NOTAS

[1] Emmanuel não mencionou Um de forma explícita, mas deixou uma trilha aberta com a expressão “*outras regiões que ficaram imprecisas no acervo de conhecimentos dos povos*”.

Reproduzimos aqui novamente o referido mapa, onde aparece a localização de Um, que, tanto quanto a Atlântida, afundou no leito do oceano, por agregação excessiva de negatividades psíquicas, por ordem do Divino Governador da Terra.



[2] A maioria das pessoas, inclusive as espiritualistas, formula ideias vagas sobre o Governo da Terra, sendo que as que mais se aproximam da realidade são aquelas que reconhecem Jesus como o Sublime Governador do planeta, mas colocam uma imensa interrogação na sua mente quanto àqueles Espíritos que O assessoram nesse trabalho.

Muitos vêm em Ismael um desses trabalhadores, como Guia Espiritual do Brasil, mas fica tudo muito vago.

A verdade é que há um Órgão, cujo nome é Conselho Cármico, que auxilia o Divino Governador na tarefa de administrar as coisas da Terra.

Essa administração, todavia, não se restringe à evolução dos seres humanos deste planeta, mas engloba todos os demais, pertencentes atualmente aos Reinos inferiores da Natureza.

Temos de incluir nesse esforço de orientação milhões de sub-humanos, representados por aqueles que ainda apresentam rudimentos de inteligência, não sendo mais animais, mas ainda não se enquadram entre os humanos propriamente ditos.

André Luiz, no seu livro “*Libertação*”, fala nessas criaturas de forma vaga, pois, se estendesse os comentários sobre elas, iria desviar o foco da sua narrativa, que visava, acima de tudo, tratar da questão da obsessão.

Inácio Ferreira é um dos poucos autores espirituais que fala nessa categoria de Espíritos, que se classificam como elementais.

Todavia, retornando ao objeto do nosso presente estudo, temos a dizer que o Conselho Cármico, presidido por Jesus, tem várias figuras conhecidas da maioria dos Espíritos humanos ligados à Terra, como Maria de Nazaré, o Guardião Miguel, Sathya Sai Baba, Amma, Babaji, Allan Kardec, “*caboclo*” Arranca Toco (Paulo de Tarso), Amélie Boudet, Teresa de Ávila, Litelantes, Madre Teresa de Calcutá, Chico Xavier, Mohandas Gandhi e Buda.

Esses Espíritos reúnem-se quatro vezes por ano, no último dia de março, junho, setembro e dezembro, a fim de realizarem um balanço do que se conseguiu realizar e do que se deve colocar em prática para o próximo trimestre.

No presente momento, cuida-se de questões graves, como o degredo de Espíritos voltados para o Mal, os quais, a fim de tentar retardar o progresso da Terra, com seu ingresso na categoria de mundo de regeneração, idealizaram uma fórmula aparentemente vantajosa para eles, que é induzir o maior número possível de jovens ao uso de drogas, com o que, acreditam esses retardatários, ganhariam mais tempo aqui na Terra, pois sabem que chegará a hora de serem degredados para mundos inferiores, onde vivem criaturas sub humanas ferozes, que eles custarão muito a subjugar.

Em resumo, a questão das drogas é uma das mais sérias a ser resolvida pelo Divino Governador e Seus Assessores, que não violentam o livre arbítrio de ninguém, mas aplicam a Lei Divina de acordo com o merecimento de cada criatura.

Neste estudo procuraremos, de forma sucinta, abordar alguma coisa sobre o Conselho Cármico da Terra, com a permissão de Deus e de Jesus.

O que cada pessoa de boa vontade pode fazer nesses dias é elevar o pensamento a Deus ou a Jesus engrossando o cordão da fé na vitória do Bem, que acontece sempre, mas que conta com a participação das próprias criaturas humanas e angelicais, pois Deus não gosta de operar sozinho, mas sim oportunizando às Suas criaturas as iniciativas progressistas.

[3] *“Índio serve de
"ponte" entre culturas*

Kaká Werá Jekupé viaja pelo mundo levando uma visão diferente sobre a trajetória de sua raça

EDSON COSTA

Aos 36 anos de idade, o paulista Carlos Alberto dos Santos é um concorrido conferencista internacional. Na noite da última quarta-feira, em Florianópolis, lotou o auditório João Paulo 2º, a pedido da Associação de Pais e Professores do Colégio Catarinense. Mas ele também já lotou auditórios em Findhorn (Escócia), Universidade de Oxford (Inglaterra), Universidade de Nova York (EUA) e Califórnia (EUA).

Carlos Alberto, na verdade, tem uma outra identidade, a mais importante, aliás. Nascido nos pés do Morro da Cantareira, em São Paulo, o índio txucarramãe Kaká Werá Jecupé perdeu, aos sete anos de idade, os pais, num acidente entre São Paulo e Minas Gerais. Adotado por uma tribo guarani, Kaká começou a viver a miscigenação cultural que o torna, agora, uma figura tão carismática, segura e com bom trânsito entre as comunidades indígenas, acadêmicas e comunitárias de todo o País.

A grande preocupação de Kaká Werá, hoje, é manter a ponte entre as culturas que conhece e que aprendeu a valorizar.

Criado por guaranis, estudou em escolas de brancos, onde chegou a concluir o segundo grau. Depois, aos 20 anos, começou uma busca por suas origens tupis, que o levou a se reencontrar com a avó, em 1993. De volta a suas origens, Kaká descobriu que "o importante não é manter a ferro e fogo os costumes de qualquer que seja a cultura, mas preservar, no indivíduo, o que há de melhor em cada cultura".

A visão pluralista de Kaká é acentuada nesse momento em que o País comemora os 500 anos do descobrimento pelos portugueses. Neste sentido é que o índio que fala um português fluente e correto acentua em suas palestras "a cultura e a educação sob o olhar indígena". Mais precisamente, Kaká Werá Jecupé defende a manutenção dos valores indígenas dentro de cada membro das diferentes comunidades indígenas do Brasil.

Em suas palestras e conferências, aliás, ele tem feito questão de destacar duas coisas: em primeiro lugar, um panorama geral sobre as culturas indígenas existentes no País. "Existe uma diversidade muito grande de culturas indígenas", afirma. Somente num segundo plano é que o palestrante faz a dissertação sobre a cultura tupi, dentro da qual nasceu e foi criado. Dentro do pensamento e da filosofia tupi, Kaká destaca dois importantes pontos "que devem ser compartilhados com toda a sociedade".

O primeiro, é o fato de que a cultura tupi considera o ser humano como parte integrante e interdependente da natureza. "A alma humana é um recorte da natureza", afirma. "E isso é uma das coisas mais importantes de se expressar", defende. Em segundo plano, e por extensão, a cultura tupi também considera que "todas as coisas são seres, e como tal têm e expressam sentimentos, como dor, alegria e felicidade", por exemplo.

"Minha principal missão, entendo, é promover o respeito de todos pelos detalhes importantes e positivos de todas as culturas indígenas, sem discriminações e sem retaliações", argumenta Kaká. Um pouco da trajetória, das ações e do pensamento desse índio multicultural de 36 anos de idade você vai conhecer agora na síntese da entrevista exclusiva que Kaká Werá Jecupé concedeu ao AN capital em Florianópolis, na última terça-feira (11)."

(<http://www1.an.com.br/ancapital/2000/abr/16/1ult.htm>)

[4] *“Michel Eyquem de Montaigne (Saint-Michel-de-Montaigne, 28 de fevereiro de 1533 — Saint-Michel-de-Montaigne, 13 de setembro de 1592) foi um escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente nos seus “Ensaíes”, analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objecto de estudo. É considerado um céptico e humanista.*

Montaigne começou a sua educação com o seu pai. Este tinha um espírito por um lado vigilante e metódico e por outro aberto às novidades. Após estes estudos enveredou pelo Direito. Exerceu a função de magistrado primeiro em Périgoux (de 1554 a 1570) depois em Bordéus onde travou profunda amizade com La Boetie.

Retirou-se para o seu castelo quando tinha 34 anos para se dedicar ao estudo e à reflexão. Levou nove anos para redigir os dois primeiros livros dos Essais. Depois viajou por toda a Europa durante dois anos (1580-1581). Faz o relato desta viagem no livro Journal de Voyage, que só foi publicado pela primeira vez em 1774.

Foi presidente da Câmara em Bordéus durante quatro anos. Depois, regressou ao seu castelo e continuou a corrigir e a escrever os Essais, tendo em vista o estilo parisiense de exposição doutrinária. Os seus Ensaíes compreendem três volumes (três livros). Os seus Ensaíes vieram a público em três versões: Os dois primeiros em 1580 e 1588. Na edição de 1588, aparece o terceiro volume. Em 1595, publica-se uma edição póstuma destes três livros com novos acrescentos.

Os Essais são um auto-retrato. O autorretrato de um homem, mais do que o autorretrato do filósofo. Montaigne apresenta-se-nos em toda a sua complexidade e variedade humanas. Procura também encontrar em si o que é singular. Mas ao fazer esse estudo de auto-observação acabou por

observar também o Homem no seu todo. Por isso, não nos é de espantar que neles ocorram reflexões tanto sobre os temas mais clássicos e elevados ao lado de pensamentos sobre a flatulência. Montaigne é assim um livre pensador, é um pensador sobre o Humano, sobre as suas diversidades e características. E é um pensador que se dedica aos temas que mais lhe apeteçam, vai pensando ao sabor dos seus interesses e caprichos.

Se por um lado se interessa sobremaneira pela Antiguidade Clássica, esta não é totalmente passadista ou saudosista. O que lhe interessa nos autores antigos, especialmente os latinos, mas também gregos, é encontrar máximas e reflexões que o ajudem na sua vida diária e na sua auto-descoberta. Montaigne tenta assim compreender-se, através da introspecção, e tenta assim compreender os Homens.

Montaigne não tem um sistema. Não é um moralista nem um doutrinador. Mas não sendo moralista, não tendo um sistema de conduta, uma moral com princípios rígidos, é um pensador ético. Procura indagar o que está certo ou errado na conduta humana. Propõe-se mais estudar pelos seus ensaios certos assuntos do que dar respostas. No fundo, Montaigne está naquele grupo de pensadores que estão a perguntar em vez de responder e é na sua incerteza em dar respostas que surge um certo cepticismo em Montaigne. Como não está interessado em dar respostas apriorísticas tem uma certa reserva em relação a misticismos e crenças. É de notar um certo alheamento em relação ao Cristianismo e às lutas de religião que se viviam em França. Embora não deixe de refletir em assuntos como a destruição das novas índias pelos Espanhóis. Ou seja, as suas reflexões visam os clássicos e a sua própria contemporaneidade. Tanto fala de um episódio de Cipião como fala de algum acontecimento do seu século como fala de um qualquer seu episódio doméstico.

Registre-se que Michel foi tio pelo lado materno de Santa Joana de Lestonnac.”

[5] *“Espíritos caídos no mal, desde eras primevas da Criação Planetária, e que operam em zonas inferiores da vida, personificando líderes de rebelião, ódio, vaidade e egoísmo; não*

são, todavia, demônios eternos, porque individualmente se transformam para o bem, no curso dos séculos, qual acontece aos próprios homens. (“in” “Libertação”)

[6] “João de Azpilcueta Navarro, padre da Companhia de Jesus, dos primeiros a serem catequistas no Brasil, no século XVI.

Teria sido o primeiro que aprendeu a língua indígena e dela se utilizou desde 1550 na pregação aos selvagens. Foi certamente o primeiro basco a pisar terras do Brasil. Seu nome era Juan Azpilikueta, da nobre família dos Azpilikueta do reino da Navarra e os portugueses, com dificuldade para pronunciar o nome, passaram a chamá-lo Navarro, isto é, nascido na Navarra, em homenagem a sua procedência. Pertencia à família de São Francisco Xavier cuja mãe se chamava Maria Azpilikueta Aznares; um dos irmãos do santo, Juan de Azpilicueta (1497-1556), foi senhor de Sotés e se conhecia como Capitão Azpilicueta.

O padre João nasceu no País Basco, na Espanha, em Iriberry ou Burlada, de onde eram naturais seus pais, Juan de Azpilcueta e Maria Sebastiana de Iriberry ou de Javier, entre 1522 e 1523; morreu na Bahia em 1557, ainda jovem. Era sobrinho do humanista Martín de Azpilcueta, o famoso Doutor Navarro, que lecionou na Universidade de Coimbra. Por isso o padre João frequentou a Universidade entre 1540 e 1549, data de sua partida para o Brasil, vivendo em casa do tio, que o queria como filho. Ingressou na Companhia de Jesus em Coimbra em 22 de dezembro de 1542, mais ou menos aos vinte anos. Foi sempre, com atestam suas cartas, um católico fervoroso. Além do mais, grande estudioso, de estrita moralidade cristã, europeu da Idade Média, seu mundo seria transtornado ao desembarcar no Brasil. Foi ele mesmo quem pediu para embarcar, em 1549.

No Brasil

D. João III, após a morte do Donatário da Bahia, Francisco Pereira Coutinho, resolveu instalar um Governo-Geral para todo o país, afastando a cobiça estrangeira. O rei, que foi descrito por Santo Inácio de Loiola como pai e protetor da

Companhia de Jesus, enviou com o primeiro governador seis jesuítas comandados pelo padre Manuel da Nóbrega. A viagem durou 56 dias e em 29 de março de 1549 desembarcaram na Bahia, com calorosa recepção pelos colonos.

O Padre João ficou três anos em Salvador, ocupado com a construção do colégio e da cidade e, principalmente, trabalhou nas aldeias indígenas dos arredores. Era necessário aprender o idioma do gentio para poder catequizá-los. E nisso o padre João era excelente! Meses depois, escrevendo à Europa, Nóbrega conta que ele tinha mais facilidade do que os outros para se comunicar com os índios, e pensava que devia ser por um parecido qualquer entre o euskara que falava desde a infância e o idioma tupi ou abanheenga.

Viagem ao sertão

Desde 1500, os habitantes de Porto Seguro falavam de uma cordilheira brilhante e preciosa no interior, a serra Verde, serra Negra ou serra das Esmeraldas. Os índios asseguravam que, nas margens da lagoa Vupabaçu ("Lagoa grande"), se encontravam pedras verdes - e os portugueses sonhavam com esmeraldas ou safiras. Em 1553, D. João III ordenou ao governador explorar as fontes do rio São Francisco. Informado de que os espanhóis haviam achado ouro e esmeralda do outro lado da linha imaginária de Tordesilhas, encarregou da expedição o castelhano Francisco Bruza Espinosa. Nóbrega indicou como padre João de Azpilcueta. Partiram em outubro ou novembro de 1553. Demorariam um ano e meio, como se conta em Entradas e Bandeiras, para percorrer penosamente 350 léguas, ou seja, 2310 quilômetros.

Para Afrânio Peixoto, em A cultura brasileira, pg. 289, Azpilcueta foi o primeiro mestre e missionário do gentio, o primeiro nas entradas evangelizadoras aos sertões, que varou em 1553 em Porto Seguro - 350 léguas de périplo, às cabeceiras do rio Jequitinhonha, São Francisco, tornando ali ao litoral pelo rio Pardo.» Antes de partir, em carta aos irmãos deixados em Coimbra, escrita de Porto Seguro em 19 de setembro de 1553, conta ele: «Fiquei aqui somente por falta de padres e pela necessidade que havia na terra de despertar a gente que

estavam e estão no sono do pecado, somente com nome de cristãos, embebidos em malquerenças, metidos em demandas, envoltos em torpezas e sujidades publicamente, o que tudo me causava uma tibieza e pouca fé e esperança de poder-se fazer fruto, contudo meti-me a apalpar, quis Nosso Senhor que alguns se apartassem dos pecados, uns tirando de si, outros casando-se, muitos cediam das demandas e libelos condescendendo a meus rogos, e outros, que me ajudavam, e desta maneira se reconciliavam muitos.» E, adiante, conta de seu pouco entusiasmo em partir terra adentro: «Interim, encomendai-me muito ao Senhor, caríssimos, e porque nunca me achei em tanta necessidade como agora, por ir só entre leigos de diversas mais por terras cobertas e gentes bárbaras que se comem, que com lágrimas vos quisera escrever não a ida, senão meu pouco entusiasmo para tão grande empresa.»

Azpilcueta afirma, em correspondência citada pelo padre Serafim Leite em Novas cartas jesuítas, página 155: «Nesta capitania, achei um homem de boas partes, antigo na terra, e tinha o dom de escrever a língua dos índios, o que foi para mim grande consolação, e assim o mais do tempo gastava em lhe dar sermões do Testemunho Velho e Novo e Mandamentos, Pecados mortais e Artigos de fé, e Obras de Misericórdia, para tornar em a língua da terra.» Os jesuítas dos estados do Brasil e do Maranhão escreveram numerosos relatórios, cartas e informes com pormenores sobre sua vida diária e seu trabalho missionário. Suas cartas, que acabaram nos arquivos de Roma, Lisboa, Évora, Madrid e no Rio de Janeiro, foram consultadas pelo padre Serafim Leite no século dezenove e hoje são material de grande valor para os historiadores. Era acompanhado em suas missões ao interior pelo padre Vicente Pires, de São João da Talha, em Portugal, entrado na companhia aos dezessete anos. Entravam pelo sertão em terrenos inóspitos, visitando aldeias distantes e, diz Navarro, «passamos assaz trabalho e perigos, por nos ser necessário andar de noite algumas vezes e por matos, porque cá não há os caminhos de Portugal, e há neles muitas onças e outras feras.»

Na expedição de 1553, enfrentaram os índios do Jequitinhonha (puris ou aimorés) e as dificuldades naturais do caminho ou da

ausência dele, nas terras que os próprios indígenas apelidavam Ivituruna ou «montanha negra». Enfrentaram tempestades e perda de animais, sempre com muito cansaço. Dos encontros com os índios passavam a construir botes para descer caudalosos rios e, mesmo assim, Azpilcueta pôde se referir à beleza da terra, à sua fertilidade, aos costumes dos índios, à abundância de aves e animais selvagens, sem esquecer jamais de sua missão: encher aquela terra de gente cristã, nativa ou estrangeira.

A carta em que descreveu a viagem foi escrita em Porto Seguro em vinte e quatro de junho de 1555. No início de 1556, estava de novo em Salvador. Morreu ali entre quinze e trinta de abril de 1557, tendo dedicado os melhores anos de sua vida à evangelização. Suas cartas se podem ler em «Cartas jesuíticas»: Cartas do Brasil, Cartas avulsas, periodicamente reeditadas.

Trecho de uma carta de Salvador, agosto de 1551:

"Assim, chegamos a uma aldeia onde achamos os gentios todos embriagados, porque aqui têm uma maneira de vinho de raízes que embriaga muito, e quando eles estão assim bêbados ficam tão brutos e ferozes que não perdoam a nenhuma pessoa, e, quando não podem mais, põem fogo na casa onde estão os estrangeiros. Com tudo isto, porque chovia muito e íamos mui molhados, nos recolhemos em outra casa para nos enxugar, e daí a pouco vieram com grande fúria, com espadas e outras armas contra nós..."

(https://www.google.com.br/search?q=%22joao+de+azpilcueta+navarro%22+wikipedia&ie=utf-8&oe=utf-8&aq=t&rls=org.mozilla:pt-BR:official&client=firefox-a&channel=sb&gfe_rd=cr&ei=qrxgVMPcOK2j8wf6xIHwCA)

[7] *“Cunhambebe (? - c. 1555) foi um famoso chefe indígena tupinambá brasileiro. Foi a autoridade máxima entre todos os líderes tamoios da região compreendida entre o Cabo Frio (Rio de Janeiro) e Bertioga (São Paulo). Foi aliado dos franceses que se estabeleceram na Baía de Guanabara em 1555, no projeto da França Antártica. É citado na obra do religioso francês André Thévet Les singularités de la France Antarctique*

e na obra do aventureiro alemão Hans Staden "História Verdadeira...". Noticia-se que o chefe tamoio, em rituais canibais de sua tribo, tenha devorado mais de sessenta portugueses .

Etimologia

Segundo o tupinólogo Eduardo de Almeida Navarro, o nome "Cunhambebe" é derivado do termo tupi kunhãmbeba, que significa "mulher achatada, sem seios, de seios muito pequenos", pela junção de kunhã (mulher) e mbeba (achatado). Seria uma alusão ao peito musculoso e desenvolvido de Cunhambebe. O escritor Eduardo Bueno, baseado em Teodoro Sampaio, diz que "Cunhambebe" significa "o gago" em tupi,⁴ mas tal etimologia é considerada fantasiosa por Eduardo de Almeida Navarro.

Biografia

Segundo Capistrano de Abreu, houve não apenas um, mas dois Cunhambebes: pai e filho. O pai teria sido o famoso guerreiro que Hans Staden encontrou na Serra de Ocaraçu (atual conjunto de morros do Cairuçu, ao Sul de Paraty, na região de Trindade). André Thevet também teria conhecido este Cunhambebe. Faleceu de "peste" (provavelmente varíola) após a chegada dos colonos franceses de Nicolas Durand de Villegagnon à Baía de Guanabara.

Alguns anos após a morte deste Cunhambebe, o padre José de Anchieta teria encontrado o Cunhambebe filho em Yperoig (atual cidade de Ubatuba) para as negociações que deram origem ao Armistício de Yperoig - o primeiro tratado de paz conhecido no continente americano, colocando fim à chamada Confederação dos Tamoios, que ameaçava São Vicente e a supremacia portuguesa no sul do Brasil.

Pacificados os indígenas das proximidades de São Vicente, os portugueses atacaram os franceses que estavam instalados na Baía de Guanabara, dizimando as tribos tupinambás que ali residiam. O fato se repetiu no Cabo Frio, tendo sobrevivido os Tupinambás de Ubatuba, que, fugindo para o sertão ou

misturando-se aos colonos em Ubatuba, deram origem aos atuais caiçaras, na região do Litoral Norte de São Paulo.

No início do século XVII, já não havia mais nenhum tupinambá na região do Rio de Janeiro, a não ser os convertidos ao catolicismo e os utilizados como serviçais pelos portugueses.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cunhambebe>)

[8] *“Orion, Oríon, Órion ou Oriente, o caçador Órion, é uma constelação do equador celeste. As estrelas que compõem esta constelação podem ter como elemento do seu nome o genitivo "Orionis".*

Órion é uma constelação reconhecida em todo o mundo, por incluir estrelas brilhantes e visíveis de ambos os hemisférios.

A constelação tem a forma de um trapézio formado por quatro estrelas: Betelgeuse (Alpha Orionis) de magnitude aparente 0,50, Rigel (Beta Orionis) de magnitude aparente 0,12, Bellatrix (Gamma Orionis) de magnitude aparente 1,64 e Saiph (Kappa Orionis) de magnitude aparente 2.06.

É uma constelação fácil de ser enxergada pois, dentre as estrelas que a compõem, destaca-se a presença de três, Mintaka (Delta Orionis) de magnitude aparente 2,23, Alnilam (Epsilon Orionis) de magnitude aparente 1,70 e Alnitak (Zeta Orionis) de magnitude aparente 2,03, popularmente conhecidas como "As Três Marias", que formam o cinturão de Órion e estão localizadas no centro da constelação.

Nesta constelação também encontra-se uma das raras nebulosas que podem ser vistas a olho nu, a Nebulosa de Órion que é uma região de intensa formação de estrelas.

As constelações vizinhas são Gemini (Gêmeos), Taurus (Touro), Eridanus, Lepus (Lebre) e Monoceros (Unicórnio).”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Orion_%28constela%C3%A7%C3%A3o%29)

[9] *“Poligamia, do grego muitos matrimônios, é a união reprodutiva entre mais de dois indivíduos de uma espécie.*

No reino animal, a poligamia se refere à relação onde os animais mantém mais de um vínculo sexual no período de

reprodução. Nos humanos, a poligamia é o casamento entre mais de duas pessoas. Os casos mais típicos são a poliginia, em que um homem é casado com várias mulheres, e a poliandria, em que uma mulher vive casada com vários homens. Não deve confundir-se com o amantismo, que é também comum nas sociedades humanas, mas em que o laço com um parceiro sexual para além do casamento não é, nem aceite pela lei, nem na maior parte das vezes, de conhecimento público.

A poligamia é permitida por algumas religiões e pela legislação de alguns países.

Aspectos históricos

A poligamia já foi regra nos grupos humanos em estado natura¹. Durante a história, a poligamia foi amplamente usada, tendo como principal causa a grande diferença numérica entre homens e mulheres ocasionada pelas guerras. Atualmente mesmo em países onde esta é uma prática legal está caindo em desuso, sendo amplamente usada somente em áreas de conflito.

A questão sempre esteve também no centro do debate religioso. O Velho Testamento fala de um personagem como Jacó, que teve duas mulheres, duas servas e doze filhos (vários deles com as servas). Essa prole viria a dar origem às doze tribos de Israel. No Islão, por outro lado, ela tem sido praticada desde sempre (o próprio profeta Maomé teve 16 casamentos simultâneos). O Alcorão sugere a poligamia como uma alternativa ao homem que não se considera capaz de cuidar dos órfãos, indicando que este deve tomar duas, três ou quatro esposas, porém se não for capaz de lidar justamente com elas, deve se restringir a apenas uma esposa. Hoje, continua a ser adotado em alguns países muçulmanos e em processo de adoção em outros, o costume é regulamentado pelo Alcorão que tolera a poligamia e permite um máximo de 4 esposas.

Causas

A poligamia faz parte da cultura de várias sociedades humanas, mas tem geralmente causas económicas. Como consequência das guerras, em que muitos povos estiveram envolvidos e em que participavam principalmente os homens, muitas mulheres

(e seus filhos) ficavam viúvas (e órfãos) e uma forma de prestar assistência a essas pessoas sem meios de subsistência, era o casamento. Outras causas incluem o êxodo rural, em que muitos homens trocam o campo pela cidade, ou migram para outros países, em busca de emprego, deixando um "excesso" de mulheres nas aldeias.

Poligamia na África

A poligamia é uma prática frequente na África, fazendo parte de muitas culturas. Embora a poliginia seja mais comum, a poliandria também existe. Estas práticas não estão associadas ao patriarcado ou à sociedade matriarcal, ainda existentes em África, mas às condições de vida na zona rural, embora possam verificar-se casos isolados na zona urbana.

Poligamia noutras regiões do mundo

Na República da Chechênia, a poligamia foi tornada uma forma legal de casamento. Por outro lado, no norte da Índia e no Uzbequistão, foram registados casos de poliandria, que também poderiam ser consideradas uniões múltiplas entre membros de duas famílias.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Poligamia>)

[10] *“A Confederação dos Tamoios é a denominação dada à revolta liderada pela nação indígena Tupinambá, que ocupava o litoral brasileiro entre Bertioga e Cabo Frio, envolvendo, também, tribos situadas ao longo do Vale do Paraíba, contra os colonizadores portugueses, entre 1556 e 1567, embora tenha-se notícia de incidentes desde 1554.*

Entre as práticas indígenas, estava a do cunhadismo, pela qual um homem, ao se casar com uma mulher de uma determinada tribo, passava a ser membro dessa mesma tribo. Aproveitando-se dessa prática, João Ramalho, parceiro do governador da Capitania de São Vicente, Brás Cubas, casou-se com uma filha da tribo dos tupiniquins. Através dessa parceria, João Ramalho angariou um grande número de aliados para um ataque à aldeia dos tupinambás, na tentativa de aprisioná-los e usá-los como mão de obra escrava. Eles capturaram o chefe da tribo,

Cairuçu, e o mantiveram em um cativeiro no território do governador Brás Cubas.

Preso em péssimas condições de sobrevivência, o tupinambá Cairuçu acabou morrendo no cativeiro. Seu filho, Aimberê, assumiu o comando da tribo e declarou guerra aos colonos portugueses e à tribo dos tupiniquins. Para fortalecer o levante, ele se reuniu com os membros tupinambás Pindobuçu, da Baía de Guanabara, Koakira, da aldeia de Ubatuba, e Cunhambebe (pai), de Angra dos Reis.

Cunhambebe assumiu a liderança da Confederação dos Tamoios e conseguiu o apoio das tribos goitacás e aimorés. Neste momento, os franceses estavam chegando no Rio de Janeiro, na intenção de colonizar territórios brasileiros e extrair suas tão faladas riquezas.

Para patrocinar o conflito contra os portugueses, o francês Villegaignon ajudou os tupinambás oferecendo armamentos a Cunhambebe. Porém, uma epidemia dizimou alguns indígenas combatentes, inclusive o líder Cunhambebe, enfraquecendo enormemente o levante.

Aimberê continuou a revolta contra os portugueses e fez o possível para que os tupiniquins lutassem a seu favor. Ele fez contato com o líder Tibiriçá, através do sobrinho Jaguaranho, e marcou um encontro para selar a confederação. Quando os tamoios chegaram na aldeia, Tibiriçá se declarou fiel aos portugueses e matou seu sobrinho, suscitando uma investida que dizimou grande parte da tribo dos guaianases.

Apesar do armistício de Iperoig, em 1563, os combates continuaram. Em 1567, a chegada de Mem de Sá ao território do Rio de Janeiro provocou a derrota dos franceses e dos tamoios, encerrando o conflito.

A confederação dos Tamoios é relatada, em parte, nos escritos do mercenário alemão Hans Staden, que foi prisioneiro dos tamoios em Uwa-tibi, aldeia tupinambá que ficava em algum ponto do litoral entre a Bertioga e o Rio de Janeiro atuais.”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Confedera%C3%A7%C3%A3o_dos_Tamoios)

[11] “Vide”
<http://books.google.com.br/books?id=5GmWs7KHLycC&pg=PA270&lpg=PA270&dq=%22dicionario+mulheres+do+brasil%22+igua%C3%A7u&source=bl&ots=hO-OGAGpN1&sig=hOhCpnylOxNwpBSVPufytQWTx0A&hl=pt-BR&sa=X&ei=h8BgVNSmCieUNoiPhLAO&ved=0CB8Q6AEwAA#v=onepage&q=%22dicionario%20mulheres%20do%20brasil%22%20igua%C3%A7u&f=false>

[12] *“O pajé é uma pessoa de destaque em certas tribos indígenas, são curandeiros, tidos como portadores de poderes ocultos ou orientadores espirituais.*

Terminologia

Segundo o dicionário Aurélio é uma palavra de origem tupi, adotada como termo das disciplinas antropologia e etnologia brasileira que designa o especialista ritual que, nas comunidades indígenas brasileiras, tem a atribuição ou o suposto poder referido e de comunicar-se com as diversas potências e seres não humanos (espírito de animais, de pessoas mortas, etc.) tendo como sinonímia os termos: xamã, manda-chuva, benzedor e curandeiro. Outras terminologias se aplicam: caraíbas, paié, pagi, pay, payni, pai.

Funções

Assim como os xamãs, podem assumir o papel de médicos, sacerdotes e fazer uso de plantas para fins medicinais ou invocação de entidades. Normalmente, o conhecimento da utilização da planta correta para cada caso ou situação é passado de geração em geração, trazendo assim uma responsabilidade para o pajé da tribo. Alguns índios acreditam que os pajés têm ligações diretas com os deuses, sendo representantes escolhidos pelos deuses para passar a profecia ao povo.”

[13] *“Alcoolismo é um termo amplo para descrever problemas com o álcool, sendo geralmente usado no sentido de consumo*

compulsivo e descontrolado de bebidas alcoólicas, na maior parte dos casos com implicações negativas na saúde, relações afetivas e no papel social do alcoólico. Em termos médicos, o alcoolismo é considerado uma doença. O abuso de álcool pode potencialmente provocar lesões em praticamente todos os órgãos do corpo, incluindo o cérebro. A acumulação dos efeitos tóxicos derivados do abuso crônico de álcool pode provocar problemas médicos e psiquiátricos.

A Organização Mundial de Saúde considera o alcoolismo uma doença com componentes físicos e mentais. Não são ainda totalmente compreendidos todos os mecanismos biológicos que causam o alcoolismo. O risco é influenciado pelo ambiente social, stresse,³ saúde mental, historial familiar, idade, grupo étnico e género. O consumo significativo de álcool ao longo do tempo provoca alterações fisiológicas na estrutura e composição química do cérebro, como dependência física e aumento da tolerância, o que faz com que o indivíduo necessite de consumir doses cada vez maiores de álcool para atingir o efeito desejado. Estas alterações potenciam a incapacidade do alcoólico em deixar de beber e provocam síndrome de abstinência quando o consumo é interrompido. O alcoolismo pode ser difícil de identificar devido ao estigma social associado à doença, o que faz com que o alcoólico evite o diagnóstico e tratamento com receio das consequências sociais. Um dos métodos de diagnóstico mais comuns é a resposta a um grupo de questionários normalizados, os quais podem ser utilizados para identificar diversos padrões de consumo nocivos, incluindo alcoolismo. No geral, o abuso de álcool é considerado alcoolismo quando a pessoa continua a beber apesar dos problemas sociais e de saúde que isso lhe provoca.

O tratamento de alcoolismo dá-se ao longo de vários passos. Uma vez que a abstinência pode provocar vários problemas de saúde, a desintoxicação deve ser cuidadosamente acompanhada e pode ser necessário o uso de medicação, como a benzodiazepina. As pessoas com alcoolismo têm por vezes outras dependências, entre os quais a dependência de benzodiazepina, o que pode complicar este passo. Após a desintoxicação, é frequente recorrer-se a terapia de grupo ou grupos de autoajuda

que auxiliam a pessoa a manter-se sóbria. Em comparação com os homens, as mulheres são mais sensíveis aos efeitos físicos, cerebrais e psicológicos do álcool.

Em 1979, um painel de especialistas da Organização Mundial de Saúde desencorajou o uso do termo "alcoolismo" em medicina, dando preferência à categoria "síndrome de dependência do álcool". No século XIX e início do século XX, a dependência do álcool era geralmente designada dipsomania, embora esse termo tenha agora um significado muito mais específico. A OMS estima que haja em todo o mundo 140 milhões de pessoas com alcoolismo.

Características

Além dos prejuízos na vida acadêmica, profissional, social e familiar o abuso de álcool por tempo prolongado pode causar cancro na cavidade oral, esófago, faringe, fígado e/ou vesícula biliar; hepatite, cirrose, gastrite, úlcera, danos cerebrais, desnutrição, problemas cardíacos, problemas de pressão arterial, além de transtornos psicológicos. Durante a gestação, causa má formação fetal.

Apesar do abuso do álcool ser um pré-requisito para o que é definido como alcoolismo, o seu mecanismo biológico ainda é incerto. Para a maioria das pessoas, o consumo de álcool gera pouco ou nenhum risco de se tornar um vício. Outros fatores geralmente contribuem para que o uso de álcool se transforme em alcoolismo. Esses fatores podem incluir o ambiente social e cultura, a saúde psicológica e a predisposição genética.

Terminologia

O álcool reforça positivamente tanto ao dar prazer físico e ajudar na socialização e reforça negativamente quando diminui a percepção de dor e angústia.

Muitos termos são aplicados para se referir a uma pessoa alcoólica e ao alcoolismo. Existe muita controvérsia a esse respeito, entretanto é consenso que:

- 1. O alcoolismo pode levar à morte.*

2. *'Alcoolismo' é uma doença, um transtorno psicológico sério, que precisa de tratamento multiprofissional.*
3. *O alcoólico pode apresentar prejuízos relacionados com o uso de álcool em todas as áreas da vida (Prejuízos físicos, mentais, morais, profissionais, sociais, entre outros).*
4. *O alcoólico perde a capacidade de controlar uma quantidade de bebida que ingere, uma vez que vence uma ingestão. Abuso, uso pesado, vício e dependência são todos rótulos comuns usados para descrever os hábitos de consumo, mas o real significado dessas palavras muito pode variar, dependendo do contexto em que são usadas. Mesmo dentro da área de saúde especializada, uma definição pode variar entre as áreas de especialização. Muitas vezes a política e a religião ainda confundem o problema e agravam uma ambiguidade.*

Uso refere-se ao simples uso de uma substância. Uma pessoa que bebe qualquer bebida alcoólica está usando álcool.

Desvio, problemas com uso e uso pesado são termos que sugerem que o consumo de álcool tem causado problemas psicológicos, físicos, sociais, ou seja, prejuízos ao bebedor. Os danos sociais e morais são altamente subjetivos e, portanto, diferem de indivíduo para indivíduo, o que dificulta a identificação desses usuários.

A expressão abuso de substâncias tem uma variedade de significados possíveis. No campo da saúde mental, o uso do DSM-IV por psicólogos e psiquiatras traz uma definição específica, que envolvem um conjunto de circunstâncias da vida que acontecem por causa do uso da substância. No direito, o abuso é frequentemente usado para se referir ao uso ilegal de qualquer substância. Dentro do vasto campo da medicina, o abuso, por vezes, refere-se ao uso de medicamentos prescritos em excesso da dose prescrita ou a utilização de um medicamento que exige prescrição médica sem receita. Dentro da religião, o abuso pode se referir a qualquer uso de uma substância considerada inadequada. O termo algumas vezes é evitado por profissionais pela variabilidade em sua definição.

A dependência é simultânea à tolerância, ou seja, necessidade de doses cada vez maiores para obter o mesmo efeito. A dependência será tanto mais intensa quanto mais intenso for o grau de tolerância ao álcool. O diagnóstico de dependência de álcool não necessariamente indica uma presença de dependência física, ela pode ser apenas psicológica e estar associada com influência de amigos e família ou com poucas habilidades sociais. Dependência está associada a dificuldade em resistir a uma substância.

A definição precisa de vício é debatida, mas em geral se refere a qualquer condição que faz uma pessoa continuar a demonstrar comportamentos nocivos mesmo sofrendo prejuízos sociais, profissionais e pessoais. Pode ser causado por dependência física e psicológica.

Remissão é, segundo a Associação Psiquiátrica Americana, uma condição em que os sintomas físicos e mentais do alcoolismo não estão mais evidentes. A remissão pode ser parcial, quando breve, ou persistente, quando dura mais de um ano. Outros (principalmente Alcoólicos Anônimos) usam o termo recuperação para descrever aqueles que cessaram completamente o consumo de álcool.

Diagnóstico

Problemas familiares, sociais, profissionais, acadêmicos ou legais são os principais sintomas usados no diagnóstico de abuso de substância segundo o DSM-IV.

Um diagnóstico de dependência pelo CID-10 pode ser feito somente se três ou mais dos seguintes requisitos tenham sido experimentados ou exibidos em algum momento durante um período de 12 meses:

- Um forte desejo ou senso de compulsão para consumir a substância;*
- Dificuldades em controlar o comportamento de consumir a substância em termos de seu início, término ou níveis de consumo;*
- Um estado de abstinência fisiológico quando o uso da substância cessou ou foi reduzido, como evidenciado pela*

síndrome de abstinência característica para a substância ou o uso da mesma substância (ou de uma intimamente relacionada) com a intenção de aliviar ou evitar sintomas de abstinência;

- *Evidência de tolerância, de tal forma que doses crescentes da substância psicoativa são requeridas para alcançar efeitos originalmente produzidos por doses mais baixas;*
- *Abandono progressivo de prazeres ou interesses alternativos em favor da substância psicoativa, aumento da quantidade de tempo necessário para obter ou tomar a substância ou para se recuperar de seus efeitos;*
- *Persistência no uso da substância, a despeito de evidência clara de consequências manifestamente nocivas, tais como dano ao fígado por consumo excessivo de bebidas alcoólicas, estados de humor depressivos consequentes a períodos de consumo excessivo da substância ou comprometimento do funcionamento cognitivo relacionado à droga; deve-se fazer esforços para determinar se o usuário estava realmente (ou se poderia esperar que estivesse) consciente da natureza e extensão do dano.*

Efeitos fisiológicos do alcoolismo

O consumo excessivo de álcool leva a uma degradação do etanol em etanal pelo fígado, fato que consome NAD^+ formando NADH . Na segunda reação para a formação de acetato também há consumo de NAD^+ e formação de NADH , dessa forma o ciclo de Krebs (dependente de NAD^+) é diminuído pela falta de NAD^+ , aumentando portanto o metabolismo anaeróbico das células, o que irá produzir mais ácido láctico no organismo. Esse excesso de ácido láctico no organismo compete com a excreção de urato contribuindo para o aumento de ácido úrico no sangue, o qual irá precipitar em articulações gerando uma doença conhecida como gota.

O conjunto de efeitos fisiológicos sentidos após excessivo consumo de álcool é conhecido como veisalgia, popularmente chamada de "ressaca".

Álcool no sangue

Álcool no sangue

*Álcool no sangue
(gramas/litro)*

<i>Estados</i>	<i>Sintomas</i>
<i>0,1 a 0,3</i>	<i>Sobriedade</i> <i>Nenhuma influência aparente</i>
<i>0,3 a 0,9</i>	<i>Euforia</i> <i>Perda de eficiência, diminuição da atenção, julgamento e controle</i>
<i>0,9 a 1,8</i>	<i>Excitação</i> <i>Instabilidade das emoções, descoordenação muscular. Menor inibição. Perda do julgamento crítico</i>
<i>1,8 a 2,7</i>	<i>Confusão</i> <i>Vertigens, desequilíbrio, dificuldade na fala e distúrbios da sensação.</i>
<i>2,7 a 4,0</i>	<i>Estupor</i> <i>Apatia e inércia geral. Vômitos, incontinência urinária e fezes.</i>
<i>4,0 a 5,0</i>	<i>Coma</i> <i>Inconsciência, anestesia. Morte</i>
<i>Acima de 5,0</i>	<i>Morte</i> <i>Parada respiratória</i>

Observações: Em média 45 gramas de etanol (120 ml de aguardente), com estômago vazio, fazem o sangue ter concentração de 0,6 a 1,0 grama por litro; após refeição a concentração é de 0,3 a 0,5 grama por litro. Um conteúdo igual de etanol, sob a forma de cerveja (1,2 litros), resulta 0,4 a 0,5 gramas de etanol por litro de sangue, com estômago vazio e 0,2 a 0,3 gramas por litro, após uma refeição mista.

Prevalência

Média de litros de álcool consumidos por pessoa a cada ano no mundo. Na Europa o consumo é muito maior, enquanto nos países muçulmanos é bastante inferior a média mundial.

No Brasil os índices variam muito entre as diversas regiões, mas os estudos indicam que a média nacional está em torno de 3 a 6% da população, sendo cerca de 5 vezes mais comum em homens. Tanto em Salvador quanto em Ribeirão Preto a média foi de 6,2%, sendo de 11% entre os homens e de 1,5% entre as

mulheres. A proporção de indivíduos maiores de 13 anos que consomem álcool no Brasil está em torno de 52%, o que é bastante inferior ao relatado em diversos países: 90% nos EUA, 87% na Austrália, 83% no Canadá e 75% no Equador. O índice brasileiro é semelhante ao índice da Colômbia e México (51%). O nível de alcoolismo é muito menor que a média americana (10-12%) e europeia (5 a 20%). A maior proporção de consumidores de álcool e de alcoolistas é entre homens de 30 e 49 anos.

Associação com cigarro

Entre alcoolistas, 67% também são fumantes. Os alcoolistas tendem a iniciar-se no consumo tabágico mais cedo, fumam durante mais tempo, fumam um maior número de cigarros por mês e apresentam fluxo expiratório mais baixo do que os abstêmios.

Tratamentos

Arrumar outras atividades prazerosas mais saudáveis, como esportes e artes, pode ajudar a diminuir o hábito de beber.

Os tratamentos para o alcoolismo são bastante variados porque existem múltiplas perspectivas para essa condição. Aqueles que possuem um alcoolismo que se aproxima de uma condição médica ou doença são recomendados a se tratar de modo diferentes dos que se aproximam desta condição como uma escolha social. Não se deve confundir o tratamento do alcoolismo com o tratamento apenas da síndrome de abstinência. O tratamento do alcoolismo é complexo, multiprofissional e longo dependendo da persistência do paciente e sua rede social de apoio para o processo de cura.

A maioria dos tratamentos busca ajudar as pessoas a diminuir o consumo de álcool, seguido por um treinamento de vida ou suporte social de modo que ajude a pessoa a resistir ao retorno do uso de álcool. Como o alcoolismo envolve múltiplos fatores que incentivam a pessoa a continuar a beber, todos estes fatores devem ser suprimidos para que se previnam com sucesso os casos de recaídas. Um exemplo para este tipo de tratamento é a

desintoxicação seguida por uma combinação de terapia de suporte, atendimento em grupos de autoajuda, etc. A maioria dos tratamentos geralmente preferem uma abstinência de tolerância zero; entretanto, alguns preferem uma abordagem de redução de consumo progressiva.²⁶

A efetividade dos tratamentos para o alcoolismo varia amplamente. Quando considerada a eficácia das opções de tratamento, deve-se considerar a taxa de sucesso daquelas pessoas que entraram no programa, não somente aqueles que o completaram. Como o término do programa é a qualificação para o sucesso, o sucesso entre as pessoas que completam um programa é geralmente perto de 100%. Também é importante se considerar não somente a taxa daqueles que atingiram os objetivos do tratamento, mas também a taxa daqueles que tiveram recaídas. Os resultados também devem ser comparados com a taxa aproximada de 5% de pessoas que abandonam os programas por conta própria.

A desintoxicação trata os efeitos físicos do uso prolongado do álcool, mas na verdade não trata o alcoolismo. Após a desintoxicação estiver completa, as recaídas são propensas de ocorrer se não houver um tratamento subsequente. A desintoxicação pode ou não ser necessária dependendo da idade, estado de saúde e histórico de ingestão de álcool da pessoa. Por exemplo, um homem jovem que quando consome álcool o faz em quantidades excessivas em um curto período de tempo, e busca tratamento uma semana após seu último uso de álcool, pode não precisar de desintoxicação antes de iniciar o tratamento para o alcoolismo.

Psicoterapia

Pessoas que perdem o emprego e não conseguem arrumar outro por causa do álcool acabam entrando em um ciclo vicioso autodestrutivo.

Após a desintoxicação, diversas formas de terapia em grupo ou psicoterapia podem ser usadas para lidar com os aspectos psicológicos subconscientes que são relacionados à doença do alcoolismo, assim como proporcionar a aquisição de habilidades

de prevenção às recaídas como assertividade e técnicas de relaxamento mais saudáveis.

A terapia cognitivo comportamental é feita individualmente, mas pode convidar familiares e amigos para participar caso o paciente aceite, e tem como objetivos:

- Desenvolver aprendizagem e prática de novos comportamentos substitutos para o comportamento de beber através de treinamento de habilidades intrapessoais (auto identificação) e interpessoais (sociais);*
- Ensinar estratégias de enfrentamento que podem ser usadas para lidar com situações de alto risco (internas e externas) que poderiam*

levar ao comportamento aditivo;

- Estabelecer estratégias gerais de mudanças no estilo de vida que ajudem o paciente a atingir seus objetivos acadêmicos, profissionais, sociais e familiares de forma mais eficiente;*
- Desenvolver estratégias que favoreçam a manutenção do processo de mudança nos hábitos produzidos pelo tratamento.*

Psicólogos cognitivos comportamentais também fazem planos emergenciais para uma variedade de situações de estresse que podem surgir de maneira inesperada e planejam com o paciente estratégias para resolvê-las.

Durante a terapia é comum que outros transtornos como fobia social, depressão maior, transtorno bipolar, hiperatividade, transtorno de personalidade limítrofe, transtorno de ansiedade generalizada, anorexia nervosa ou outro transtorno de humor, ansiedade ou alimentar sejam identificados como a causa do alcoolismo.

Grupos de ajuda mútua

O aconselhamento em grupo através de ajuda mútua é um dos meios mais comuns de ajudar os alcoólicos a manter a sobriedades. Muitas organizações já foram formadas para proporcionar esse serviço, sendo a mais conhecida delas os

Alcoólicos Anônimos. Estes grupos costumam atuar com base no Programa de 12 passos.

Racionamento e moderação

Os programas de racionamento e moderação do uso do álcool não forçam uma abstinência completa. Apesar de a maioria dos alcoólicos serem incapazes de limitar o seu consumo através destes programas, alguns passam a beber moderadamente. Muitas pessoas se recuperam do alcoolismo. Um estudo realizado em 2002 nos Estados Unidos mostrou que 17,7% das pessoas que tinham sido diagnosticadas como dependentes do álcool a mais de um ano (anteriormente à pesquisa) retornaram ao consumo de baixo risco de álcool.

Medicamentos

Naltrexona também é usado no tratamento de obesidade e de opióides. Atua bloqueando o prazer obtido ao se consumir álcool.

Embora não sejam necessários para o tratamento do alcoolismo, diversas medicações podem ser prescritas como parte do tratamento. Algumas podem facilitar a transição para a sobriedade, enquanto outras podem causar dificuldades físicas quando do uso do álcool. Na maioria dos casos, o efeito desejado é fazer com que o alcoólatra se abstenha da bebida.

- O dissulfiram previne a eliminação de acetaldeído, um composto químico que o corpo produz quando quebra o etanol. É o acetaldeído que causa os diversos sintomas da "ressaca" após o uso do álcool. O efeito geral do medicamento é um grande desconforto quando o álcool é ingerido: uma "ressaca" desconfortável extremamente rápida e de longa duração. Isso desencoraja o alcoolista a beber quantidades significativas de álcool enquanto ele está tomando o medicamento. O consumo excessivo de álcool associado com o dissulfiram pode causar doenças severas e até a morte.*
- A naltrexona é um antagonista competitivo para os receptores opióides, bloqueando efetivamente a habilidade do corpo em usar as endorfinas e opiáceos. Ele também*

parece agir na ação da neurotransmissão do glutamato. A naltrexona é usada em duas formas muito diferentes de tratamento. O primeiro tratamento usa a naltrexona para diminuir os desejos pelo álcool e encorajar a abstinência. O outro tratamento, chamado extinção farmacológica, combina a naltrexona com o hábito normal de ingestão de álcool de forma para reverter o condicionamento das endorfinas que causam o vício ao álcool. A naltrexona é apresentada em duas formas. A naltrexona oral é uma pílula que deve ser tomada diariamente para ser eficiente. Vivitrol é uma formulação que é injetada nas nádegas uma vez ao mês.

- *Acredita-se que o Acamprosato (também conhecido como Campral) estabiliza o equilíbrio químico do cérebro prejudicado pelo alcoolismo. O FDA aprovou esta droga em 2004, dizendo "Embora seu mecanismo de ação não seja perfeitamente compreendido, acredita-se que o Campral atue nas vias químicas do cérebro relacionadas ao abuso do etanol. O Campral mostrou-se efetivo em manter a abstinência por um curto período de tempo.³⁰ " Embora seja efetivo sozinho,³¹ é comumente ministrado com outros medicamentos como a naltroxetona com grande sucesso.³²*
- *Oxibato de sódio é o sal de sódio do ácido gama-hidroxi-butírico (GHB). Ele é usado para a abstinência aguda do álcool e para a desintoxicação a médio e longo prazo. Essa droga melhora a neurotransmissão do GABA e diminui os níveis de glutamato.*
- *Baclofeno tem mostrado em estudos em animais e em pequenos estudos em humanos que melhora a desintoxicação. Esta droga atua como um agonista do receptor GABA B e isto pode ser benéfico.*

Extinção farmacológica

A extinção farmacológica é o uso de antagonistas opióides como a naltrexona combinados com o hábito normal de ingestão de

álcool para eliminar o desejo intenso pelo álcool. Essa técnica obteve sucesso na Finlândia, Pensilvânia, e Flórida, e é às vezes citada como o Método Sinclair.

Terapia nutricional

O tratamento preventivo das complicações do álcool incluem o uso a longo-prazo de multivitaminas além de vitaminas específicas como B12 e folato.

Apesar da terapia nutricional não ser um tratamento propriamente para o alcoolismo, ela trata as dificuldades que podem surgir anos após o uso intenso de álcool. Muitos dependentes de álcool tem a síndrome da resistência à insulina, um distúrbio metabólico no qual a dificuldade do corpo em processar açúcares causa um suprimento desequilibrado na corrente sanguínea. Apesar do distúrbio poder ser diminuído com uma dieta hipoglicêmica, ele pode afetar o comportamento e as emoções, efeitos colaterais que frequentemente são observados entre os álcool-dependentes em tratamento. Os aspectos metabólicos desta dependência são frequentemente negligenciados, gerando resultados ruins para os tratamentos.

Prognóstico

Sem acompanhamento profissional aproximadamente 90% dos alcoólatras voltam a beber nos 4 anos seguintes a interrupção. A principal causa de recaída apontada pelos usuários são emoções negativas (35%), pressão social(20%), brigas (16%), incapacidade de resistir ao desejo (11%) e teste de autocontrole (9%). Esses dados ressaltam a importância de acompanhamento psicológico prolongado e persistente em qualquer abuso de substâncias.

O fato de serem diagnosticados outros transtornos psicológicos associados ao uso do álcool nesse caso é sinal de bom prognóstico, pois o tratamento desses transtornos costumam resolver a raiz do alcoolismo e fatores que manteriam o consumo

Outro fator de bom prognóstico é quando amigos e familiares também param de beber e oferecer bebidas ou já não tinham o

hábito de beber. Quanto maior o apoio de amigos e familiares, melhores as chances de cura definitiva.

Alcoolismo e humorismo

O alcoolismo é tema frequente nas piadas de vários comediantes brasileiros. Várias piadas sobre beberrões são divulgadas em jornais, rádios, TV e Internet. Muitos nomes satíricos foram inventados, tais como pinguço, manguaça, chapado, cachaceiro, pudim-de-cana, bebum e papudim, entre outros.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcoolismo>)

[14] *“Antropofagia é o ato de comer uma parte ou várias partes de um ser humano. Os povos que praticavam a antropofagia a faziam pensando que, assim, iriam adquirir as habilidades e força das pessoas que comiam. O sentido etimológico original da palavra "antropófago" (do grego anthropos, "homem" e phagein, "comer") foi sendo substituído pelo seu uso comum, que designa o caso particular de canibalismo na espécie humana. Por sua realização em contexto mágico cerimonial ou patológico, não deve ser classificada ou compreendida como um hábito alimentar, o que não se aplica ao canibalismo, na maioria das vezes associado ao comportamento predatório. Observe-se também que muitos autores utilizam esses termos indistintamente.*

A prática, conforme afirmam antropólogos e arqueólogos, era encontrada em algumas comunidades ao redor do mundo. Foram encontradas evidências na África, América do Sul, América do Norte, ilhas do Pacífico Sul e nas Caraíbas (ou Antilhas). Na maioria dos casos, consiste num tipo de ritual religioso/mágico como uma forma de prestar seu respeito e desejo de adquirir as suas características.

Um dos grupos canibais mais famosos são os astecas, que sacrificavam seus prisioneiros de guerra e comiam alguns deles. Eles comiam os prisioneiros de guerra e outras vítimas, numa prática conhecida como exocanibalismo ou exofagia, ou seja, canibalismo praticado em indivíduos de tribos diferentes. O canibalismo que consiste no ato de consumir parte dos corpos de seus parentes e amigos mortos é chamado de

endocanibalismo (ver verbete específico: Antropofagia na Mesoamérica).

Os poucos casos de canibalismo de humanos registrados na história da sociedade ocidental moderna estão ligados a situações-limite de satisfação do instinto de sobrevivência do indivíduo perante uma opção de vida ou morte.

Ponto de vista legal e social

Em 1846, um grupo de 90 pessoas liderado por George Donner ficou preso em uma nevasca no alto de Serra Nevada, na Califórnia. Os sobreviventes tiveram que comer a carne de seus companheiros mortos para permanecerem vivos. Uma história semelhante ocorreu em 1972. O "Voo Força Aérea Uruguaia 571", que transportava 46 pessoas, entre eles a Seleção de Rúgbi Uruguaia, despencou na Cordilheira dos Andes. Apenas 16 pessoas se salvaram. O estoque de alimentos a bordo acabou rapidamente e o único meio encontrado pelo grupo para sobreviver foi recorrer aos corpos dos colegas mortos.

Canibalismo humano como ritual

Os líderes tribais das ilhas Fiji comiam a carne de pessoas consideradas especiais em sua comunidade. Para isso, utilizavam talheres próprios, que não podiam ser usados para consumir qualquer outro tipo de "alimento". Os habitantes da Ilha de Páscoa gostavam bastante de carne humana. Os banquetes eram promovidos em lugares isolados e apenas os homens podiam participar. Em 1912, no Haiti (Caraíbas), um grupo de haitianos matou e comeu uma garota de 12 anos em uma cerimônia Voodoo.

No meio do caminho entre o ritual e a sobrevivência está o caso da tribo Fore, da Papua-Nova Guiné. Para compensar as carências de proteínas, passaram a realizar um ritual onde os homens ficavam com os músculos, enquanto as mulheres e crianças, com o cérebro de outros membros da tribo que tinha falecido. O canibalismo foi praticado desde finais do século XIX e durou até a chegada dos colonizadores europeus na década de 1950, mas ainda no final do século XX foi descrito pelo velejador Helio Setti Jr. um caso de uma doença provocada por

esta prática, que provocou a disseminação de uma doença localmente denominada kuru, a doença de Creutzfeldt-Jakob clássica.

Num esboço de classificação dessas praticas tipo sacrificial, segundo Castro, temos:

- Canibalismo póstumo: se aproxima ou se inclui nos ritos funerários*
- Canibalismo bélico sociológico classicamente representado pelos ritos de destruição dos inimigos pelos Tupinambás da costa brasileira no séc. XVI.*

Para esse autor um possível esquema interpretativo desse tipo de sacrifício, que na concepção de Descola³ corresponde à práticas animistas, ou seja, a concepção de um cosmos habitado por muitas espécies de seres dotados de intencionalidade e consciência.

A prática do canibalismo nesse sentido equipara-se aos ritos de caça, entendendo esta como uma forma de guerra. Para Castro (o.c.) a caça é uma forma de guerra na perspectiva estabelecida pela mitologia indígena, onde a visão que o homem tem dos animais é equivalente à que os animais de outros animais e do próprio homem. Observe-se que esse xamã sacrificador – vítima (é relativamente comum eliminarem-se xamãs acusados de feitiçaria) tem um papel fundamental nas “declarações” de guerra e existem guerras cuja causa declarada é a vingança ou combate à feitiçaria inimiga.

Antropofagia no Brasil

A antropofagia praticada pelos grupos tribais do Brasil revestia-se de caráter exclusivamente ritual. As notícias fornecidas pelos cronistas do século XVI dão conta de sua importância na organização social indígena como fator indispensável aos ritos de nomeação e iniciação. Estas sociedades eram estruturadas em função da guerra, essas tribos desenvolveram uma escala de estratificação social em que a aquisição de status baseava-se fundamentalmente na capacidade de perseguir e matar o maior número possível de inimigos.

O adversário capturado vivo era conduzido à aldeia dos vencedores e ali mantido prisioneiro durante um período no qual todas as honras e privilégios lhe eram concedidos: era designado uma mulher para lhe fazer companhia e os melhores alimentos eram colocados a sua disposição.

Durante vários dias, preparavam-se a festa em que o prisioneiro seria executado segundo cerimônia solene. A execução, com violento golpe de borduna, cabia a quem o houvesse capturado, podendo ser por este transferido a alguém merecedor de tal obséquio, em sinal de agradecimento ou homenagem.

Ao prisioneiro, competia manter-se ativo e valente, retrucando as provocações e insultos numa demonstração de total indiferença ante o fim próximo. O executor ganhava, então, direito ao uso de mais um nome, e seu corpo era incisado de modo indelével, para que se perpetuassem a sua coragem e o seu valor. Dessa forma, acreditavam que, ao comer a carne de um inimigo guerreiro, iriam assim adquirir o seu poder, seus conhecimentos e as suas qualidades.

Para ser considerado herói, não bastava ao índio da tribo Urubu, do Pará e Maranhão, capturar o inimigo. Tinha também de ser o carrasco e para tanto deveria dançar suportando, sem gemer, ferroadas de vorazes formigas presentes em faixas atadas em sua testa e cintura. Enquanto dançava enormes vespas eram atiradas sobre ele.

Prisioneiro indígena

O pirata inglês Anthony Knivet fez uma descrição detalhada da execução de prisioneiros pelos índios. Tendo sido capturado com mais doze portugueses, ele relatou:

Duas horas depois levaram um dos portugueses, amarraram-lhe outra corda à cintura e conduziram-no a um terreiro, enquanto três índios seguravam a corda de um lado e três do outro, mantendo o português no meio. Veio então um ancião e pediu a ele que pensasse em todas as coisas que prezava e que se despedisse delas pois não as veria mais. Em seguida veio um jovem vigoroso, com os braços e o rosto pintados de vermelho, e disse ao português: “Estas me vendo? Sou aquele que matou muitos do teu povo e que vai te matar.” Depois de ter dito isso, ficou atrás do português e bateu-lhe na nuca de tal forma que o

derrubou no chão e, quando ele estava caído, deu-lhe mais um golpe que o matou. Pegaram então um dente de coelho (provavelmente de capivara), começaram a retirar-lhe a pele e carregaram-no pela cabeça e pelos pés até as chamas da fogueira. Depois disso, esfregaram-no todo com as mãos de modo que o que restava de pele saiu e só restou a carne branca. Então cortaram-lhe a cabeça, deram-na ao jovem que o tinha matado e retiraram as vísceras e deram-nas às mulheres. Em seguida, o desmembraram pelas juntas: primeiro as mãos, depois os cotovelos e assim o corpo todo. Mandaram a cada casa um pedaço e começaram a dançar enquanto todas as mulheres preparavam uma enorme quantidade de vinho. No dia seguinte ferveram cada junta num caldeirão de água para que as mulheres e as crianças tomassem do caldo. Durante três dias nada fizeram a não ser dançar e beber dia e noite. Depois disso mataram outro da mesma maneira que lhes contei, e assim foram devorando todos menos eu.

Todos os portugueses, inimigos dos Tamoio, foram executados. Ele se salvou porque disse que era francês, um aliado.

Além do caráter ritual, a ingestão da carne do inimigo era também considerada a mais completa forma de vingança, como pode ser visto no trecho abaixo, escrito por Hans Staden, no século XVI:

Fazem isto, não para matar a fome, mas por hostilidade, por grande ódio, e quando na guerra escaramuçam uns com os outros, gritam entre si, cheios de fúria: “Debe marãpá Xe remiu ram bengué, sobre ti caia toda desgraça, tu és meu pasto. Nde acanga jucá aipotá curi ne, quero ainda hoje moer-te a cabeça. Xe anama poepica que Xe aju, aqui estou para vingar em ti a morte dos meus amigos. Nde rôo, Xe mocaen será ar eima riré, etc., tua carne hoje ainda, antes que o sol se deite, deve ser meu manjar”. Isto tudo fazem por imensa hostilidade.

Quando perguntados por que guerreavam contra outras tribos os índios diziam que era para vingar seus antepassados que tinham sido mortos por elas. Alegavam que comiam os prisioneiros para se vingarem dos seus entes que tinham sido devorados por aqueles inimigos.

Algumas tribos devoravam a carne dos inimigos como parte de ritual ou por vingança, mas outras encaravam a carne humana como apenas outro alimento, como relatou o pirata inglês Anthony Knivet (1560-1649), que viveu no Brasil de 1592 a 1601:

Pode-se encontrar esses canibais nos rios São Francisco, São Miguel e Santo Antônio. Eles também comem carne humana, mas não fazem as mesmas cerimônias dos potiguares e de outros canibais.

Habitando o Amazonas e a Colômbia, os Miranha alegavam que devoravam a carne humana simplesmente por ela ser mais um tipo de carne disponível na natureza. Achavam um absurdo o fato dos europeus não comerem carne de macaco e, jocosamente, diziam que a carne dos brancos não era lá grande coisa, uma vez que era azeda.

Algumas vezes índias das tribos captoras engravidavam do prisioneiro e o destino da criança variava de tribo para tribo. Em algumas a criança era devorada junto com o prisioneiro e no caso de nascer depois do sacrifício do pai era devorada ao nascer. Em outras tribos as crianças eram alimentadas até atingirem tamanho adequado para serem mortas. Ainda em outras elas eram deixadas vivas, mas não podiam participar do dia a dia da aldeia e alimento por ela tocado era desprezado pelos índios. Contudo, algumas tribos tratavam com grande deferência os filhos de prisioneiros mortos, já que acreditavam que eles eram tão valorosos quanto seus pais.

Com a vinda dos missionários jesuítas, esses costumes foram fortemente combatidos, por serem incompatíveis com os valores e padrões da sociedade europeia. O costume de comer carne humana foi proscrito e reprimido pela força, com grave dano para um tipo de organização social em que a antropofagia desempenhava relevante função como processo de aquisição de prestígio e ascensão social.

Os europeus, inclusive os jesuítas, que chegavam às Américas na época da colonização ficavam horrorizados com a prática do canibalismo pelos indígenas, desconhecendo ou fingindo desconhecer que o mesmo havia sido largamente praticado na

Europa na Idade Média, devido principalmente à escassez de alimentos.

Hoje em dia, a tribo dos ianomâmis ainda conserva o hábito de comer as cinzas de um amigo morto em sinal de respeito e afeto. Quanto à ingestão de cinzas de mortos pelos indígenas, alguns estudiosos atribuem este costume à identificação mística entre homens e plantas. Os indígenas notaram que o emprego de cinzas dos vegetais queimados na coivara davam vigor às novas plantas e deduziram que a ingestão das cinzas dos entes mortos lhes permitiria adquirir e perpetuar as boas características do defunto .

Se um índio ficava doente, sem esperança de cura, a própria família dos Tapuia do Maranhão o matava e comia, acreditando que o estavam salvando de uma morte lenta e dolorosa e que seus restos mortais estariam melhor nos corpos dos parentes do que enterrados, onde apodreceriam.

No século XVII indígenas do Recife comiam fetos abortados e quando a criança nascia normalmente, a mãe comia o cordão umbilical e a placenta cozidos. Crianças que morriam eram comidas pela própria mãe, num ato de compaixão e amor. Quando algum parente morria era assado e devorado pelos familiares e os ossos eram guardados para serem posteriormente moídos e ingeridos. Os cabelos eram calcinados e as cinzas bebidas com água. Moças que passavam da idade de se casar e não achavam pretendentes eram defloradas pelo chefe. Se no processo havia perda de sangue ele era bebido pelo chefe, o que consistia em grande honra.

Casos patológicos extremos

Numa perspectiva psicanalítica, tal prática está associada aos bizarros comportamentos da psicose e perversão sádico - psicopática. Freud referiu-se algumas vezes à essa manifestação patogênica inclusive codenominando a fase oral por fase canibalesca enquanto um conjunto (complexo) de pulsões.

Em sua avaliação do processo civilizatório, situa o canibalismo como um comportamento possivelmente controlado, ao lado dos desejos instintuais do incesto e da ânsia de matar, desejos inconscientes que ameaçam o indivíduo e a civilização e que

todos parecem unânimes em repudiar. Apesar desse repúdio, eventualmente se registram ocorrências de tal manifestação patológica. A saber:

No século 19, aconteceu em Porto Alegre, um crime que recebeu o nome do "caso do linguiceiro". O casal José Ramos e Catarina Palsen foram presos acusados de atrair e matar homens para posteriormente produzir linguças que seriam vendidas no seu açougue.

O alemão Fritz Haarmann, conhecido como o vampiro de Hanôver, foi condenado em 1924 pelo assassinato de 30 garotos. Ele fazia salsicha da carne dos meninos, não somente para consumo próprio, como também para venda.

No passado, alguns casos famosos de canibalismo foram também associados a um contexto sexual. Por exemplo, nos Estados Unidos, durante a década de 1920, Albert Fish estuprou, matou e devorou várias crianças, alegando ter tido um grande prazer sexual resultante de seus atos. O russo Andrei Chikatilo, que matou pelo menos 53 pessoas entre 1978 e 1990, também era praticante do canibalismo com conotações sexuais.

O estadunidense Jeffrey Dahmer, conhecido também como o "Canibal de Milwaukee", assassinou e devorou suas vítimas entre 1978 e 1991 (sendo a maioria dos assassinatos ocorridos entre os anos de 1989 e 1991). Suas vítimas eram homens que haviam tido relações sexuais com Dahmer. Foi preso em 22 de julho de 1991 e condenado à prisão perpétua em 1992. Em 28 de Novembro de 1994, Dahmer e outro preso foram atacados de surpresa e espancados até à morte por Christopher Scarver, outro preso, diagnosticado como psicótico. Dahmer morreu a caminho do hospital, devido a vários traumas na cabeça por um haltere.

Em 2002, a polícia alemã encontrou na casa de Armin Meiwes, técnico de informática residente em Rotenburgo, em Hessen, pedaços de um corpo humano no frigorífico. Tratava-se de Bernd-Jürgen Brandes, de 43 anos, que o procurara em resposta a um anúncio colocado por Meiwes na internet procurando por "jovens corpulentos entre 18 e 30 anos para abate". Além de matá-lo com seu consentimento, Meiwes cortou seu pênis e ambos degustaram-no flambado. Meiwes contou à

polícia que Brandes teria explicitamente concordado que partes de seu corpo fossem cortadas e cozidas e depois que de terem comido juntos, Brandes teria concordado em ser morto.

Cultura popular

Talvez o ícone contemporâneo mais forte acerca do canibalismo seja o personagem principal dos filmes Hannibal, Dragão Vermelho e O Silêncio dos Inocentes. Este personagem se chama Hannibal Lecter, interpretado por Anthony Hopkins (seu maior fetiche com carne humana era fígado com favas e vinho chianti). o Português chulo tem na palavra comer o significado de possuir sexualmente, copular com, papar, traçar, faturar²² o que de certo modo vem reforçar a concepção psicanalítica de aspectos eróticos associados à nutrição infantil em fase precoce de seu desenvolvimento.

A antropofagia no Brasil se constituiu como inspiração para um movimento artístico na primeira metade do século 20 denominado movimento antropofágico (ver: Manifesto Antropófago).”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Antropofagia>)

[15] *“Hans Staden (Homberg (Efze), c. 1525 — Wolfhagen, c. 1579) foi um aventureiro mercenário alemão do século XVI. Por duas vezes, Staden esteve no Brasil, onde participou de combates nas capitâneas de Pernambuco e de São Vicente contra navegadores franceses e seus aliados indígenas e onde passou nove meses refém dos índios tupinambás. De volta à Alemanha, Staden escreveu "História verdadeira e descrição...": um relato de suas viagens ao Brasil que se tornou um grande sucesso editorial da época.*

A primeira viagem ao Brasil

Verdadeira e Descrição...

Partindo de Bremen, na atual Alemanha, Hans Staden passou pelos Países Baixos e chegou a Portugal. De Portugal, partiu para a capitania de Pernambuco, onde chegou em 28 de Janeiro de 1548. A embarcação portuguesa em que estava tinha o objetivo principal de recolher pau-brasil (Caesalpinia echinata),

mas também deveria combater quaisquer navios franceses que estivessem a negociar com os nativos, bem como deveria também transportar degredados portugueses remetidos para povoar a colônia.

O governador de Pernambuco, Duarte da Costa, que enfrentava uma revolta indígena na ocasião, pediu ajuda aos recém-chegados. Hans Staden e os demais rumaram para Igarauçu, próximo a Olinda, em um navio para auxiliar na luta. Igarauçu era, então, defendida por aproximadamente 120 pessoas, às quais se uniram os cerca de quarenta recém-chegados, incluindo Hans Staden. Enfrentaram 8 000 indígenas. Depois de uma renhida luta e de um cerco prolongado no qual vieram a faltar provisões, os defensores conseguiram, afinal, vencer os indígenas.

Dias depois, enfrentaram um navio francês e, logo depois, retornaram à Europa, aportando em Lisboa no dia 8 de Outubro.

A Segunda Viagem ao Brasil

Em sua segunda viagem, Staden partiu de Sevilha rumo ao Rio da Prata em um navio espanhol em 1549, mas o navio veio a naufragar no ano seguinte, no litoral do atual estado brasileiro de Santa Catarina. Os integrantes da expedição, depois de passarem dois anos na região, decidiram rumar para a cidade de Assunção: uma parte deles iria por terra e outra parte, por navio. Staden se juntou ao segundo grupo e rumou para a cidade de São Vicente, onde tentaria fretar um navio capaz de chegar a Assunção.

Antes de chegar a São Vicente, porém, o navio de Staden naufragou próximo a Itanhaém. Seus ocupantes conseguiram nadar até a praia. De lá, foram a pé até São Vicente, onde Staden foi contratado como artilheiro pelos colonos portugueses para defender o Forte de São Filipe da Bertioga, que se localizava nas proximidades da cidade. Enquanto caçava sozinho fora dos limites do forte, Staden foi feito prisioneiro por uma tribo tupinambá que o conduziu à aldeia de Ubatuba (Uwattibi, no texto original do relato de Staden¹), que ficaria localizada em algum ponto entre Bertioga e Rio de Janeiro.

Desde o início, ficou claro que a intenção dos seus captores era devorá-lo. Pouco tempo depois, os tupiniquins, aliados dos portugueses, atacaram a aldeia onde ele era mantido prisioneiro. Obrigado pelos tupinambás, Staden lutou ao lado destes contra os tupiniquins. Seu desejo era tentar fugir para unir-se aos atacantes. Mas, estes, vendo que a resistência dos defensores era muito forte, desistiram da luta e se retiraram. Era tratado como um troféu de guerra pelos tupinambás .

Pedi ajuda a um navio português e a outro francês. Ambos recusaram-se a ajudá-lo por não desejarem entrar em conflito com os índios. Foi, enfim, resgatado pelo navio corsário francês Catherine de Vatteville, comandado por Guillaume Moner, depois de mais de nove meses aprisionado.

Obra

De volta à Europa, redigiu um relato sobre as peripécias em suas viagens e aventuras no Novo Mundo, uma das primeiras descrições para o grande público acerca dos costumes dos indígenas sul-americanos.

O livro, intitulado "História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas Terras de Hessen até os Dois Últimos Anos, Visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a Conheceu por Experiência Própria e agora a Traz a Público com essa Impressão", também conhecido pelo nome "Duas Viagens ao Brasil", foi publicado em Marburgo, na Alemanha, por Andres Colben em 1557.

Tal livro conheceu sucessivas edições, constituindo-se num sucesso editorial devido às suas ilustrações de animais e plantas, além de descrições de rituais antropofágicos e costumes exóticos.

“ A sua influência no meio culto da época ajudou a criar, no imaginário europeu quinhentista, a ideia da terra brasílica como o país dos canibais, devido às ilustrações com cenas de antropofagia. ”

Para os estudiosos, a obra contém informações de interesse antropológico, sociológico, linguístico e cultural sobre a vida, os costumes e as crenças dos indígenas do litoral brasileiro na primeira metade do século XVI.

Trechos de Duas viagens ao Brasil

A partida para o novo mundo

“ Eu, Hans Staden de Homberg-em-Hessen, resolvi visitar a Índia. Saí de Bremem para os Países Baixos e achei, em Campon, navios que pretendiam tomar carga de sal em Portugal. Embarquei e, a 29 de Abril de 1547, chegávamos a Setúbal. ”

Costumes indígenas

“ Formaram um círculo ao redor de mim, ficando eu no centro com duas mulheres. Amarraram-me numa perna um chocalho e, na nuca, penas de pássaros. Depois, começaram as mulheres a cantar e, conforme um som dado, tinha eu de bater no chão o pé onde estavam atados os chocalhos. ”

“ As mulheres fazem bebidas. Tomam as raízes de mandioca, que deixam ferver em grandes potes. Quando bem fervidas tiram-nas (...) e deixam-nas esfriar (...) Então, as moças assentam-se ao pé e mastigam as raízes e o que fica mastigado é posto numa vasilha à parte. ”

“ Acreditam na imortalidade da alma (...). ”

A antropofagia

“ Voltando da guerra, trouxeram prisioneiros. Levaram-nos para sua cabana: mas a muitos feridos desembarcaram e os mataram logo, cortaram-nos em pedaços e assaram a carne (...) Um era português (...) O outro chamava-se Hyeronimus;

este foi assado de noite.”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Hans_Staden)